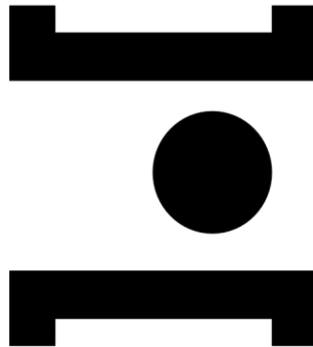


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

**Fatores condicionantes do insucesso e abandono escolar no 1º e 2º ciclo do
Ensino Básico - estudo numa Região da Guiné-Bissau**

Dissertação

Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária

Autor(a)

Augusto Cudon N´Cuga

Orientação:

Professor

Paulo Coelho Dias

Professora

Perpétua Santos Silva

Dedicatória

A minha mãe, por confiar em mim!

Ao meu tio, pelo encorajamento e apoio!

Aos meus primos, pelo apoio!

A minha namorada pela confiança!

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida que me deu durante este meu processo do estudo. Em segundo lugar, gostaria de deixar aqui, os meus especiais agradecimentos ao meu ilustre orientador, Professor Doutor Paulo Coelho Dias e coorientadora Professora Doutora Perpétua Santos Silva, cujo encorajamento e paciência serviram como ancora de sustentação para finalização desta dissertação. Gratidão por tudo. Também os meus agradecimentos vão a todos/as professores/as do meu curso de mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, pela competência e qualidade técnica de cada um e cada uma, particularmente a ilustre Professora Perpétua Santos Silva pela paciência e profissionalismo demonstrado para conosco, teve um papel de uma mãe sempre preocupada com o filho. Aos meus ilustres tios Alberto Bedane e Francisco Conduto de Pina, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando durante toda a minha caminhada. Sou grato a minha mãe, uma mulher incansável, grande lutadora e que sempre dedicou a sua energia para construir o meu futuro. Sou grato a minha colega de turma, Belinha Duarte, pelo apoio que sempre nos deu sobretudo durante o período de isolamento da pandemia de COVID-19. Agradeço também à Direção da ESE e aos Serviços de Ação Social do Instituto Politécnico de Santarém, pela forma gentil e atenta com que nos acolheram nos momentos difíceis das nossas vidas. Também a minha gratidão vai à Direção da fábrica Luso Colchão, pela oportunidade que me foi concedida e que me permitiu construir tantas amizades que nunca mais esquecerei durante a minha vida. A minha extensiva gratidão aos irmãos e irmãs da Igreja Evangélica Maná de Santarém, pela oração.

Finalmente deixo um agradecimento muito especial a Direção da Escola do Ensino Básico Unificado de Safim-sede e muito em particular na pessoa do seu Diretor, por aceitar o meu pedido de autorização para recolha de dados e por me fornecer as informações necessárias ligadas à sua escola.

Lista de siglas e acrónimos

AD – Ação para Desenvolvimento

AFAB – Associação dos filhos e Amigos de Biombo

AAFDB – Associação Académica da Faculdade de Direito de Bissau

ANP – Assembleia Nacional Popular

BAO – Banco da Africa Ocidental

BAD – Banco Africano para o Desenvolvimento

CENFA – Centro de Formação Administrativa

DRE – Direções Regionais de Educação

EBU – Ensino Básico Unificado

LBSE – Lei Base do Sistema educativo

MEN – Ministério da Educação Nacional

Resumo

A presente dissertação visa a conclusão do curso de mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. Intitulado “Fatores condicionantes do Insucesso e Abandono escolar no 1º e no 2º ciclo do Ensino Básico – estudo numa Região da Guiné-Bissau”, este trabalho pretende identificar os principais fatores que condicionam e provocam insucesso e abandono escolar na Guiné-Bissau, baseado em um estudo de caso na região de Biombo, especificamente no setor de Safim, tendo como objetivos específicos: conhecer a estrutura do sistema educativo guineense; caracterizar o insucesso e abandono escolar no estabelecimento escolar do 1º e 2º ciclo Safim-Sede e identificar os fatores que condicionam estes fenómenos sociais e educativos. Para colheita de dados ou informações, seguimos uma metodologia do tipo qualitativo, com análise documental e realização de entrevistas. Foi possível concluir que os fatores que provocam o insucesso e o abandono escolar na Região de Biombo, são numerosos, dos quais, se destacaram os seguintes: condição de pobreza e dificuldades socioeconómicas; gravidez e casamento precoce; instabilidade política com reflexos no setor educativo; assimetrias regionais e de género no acesso à educação; infraestruturas escolares inadequadas; condições de trabalho e formação pedagógica dos professores, a par de questões culturais e de fraca relação entre as escolas e as famílias associada a baixos níveis de escolaridade dos pais.

Palavra-Chave: Educação; insucesso escolar; abandono escolar; Ensino Básico.

Abstract

The aim of this dissertation is to finalise the master's degree course in Social Education and Community Intervention at the School of Education of the Polytechnic Institute of Santarém. Entitled " Factors affecting school failure and dropout in the 1st and 2nd cycles of basic education - a study in a region of Guinea-Bissau ", this work aims to identify the main factors that condition and cause school failure and dropout in Guinea-Bissau, based on a case study in the Biombo region, specifically in the Safim sector, with the following specific objectives: to learn about the structure of the Guinean education system; to characterise school failure and dropout in the Safim-Sede 1st and 2nd cycle school establishment and to identify the factors that condition these social and educational phenomena. To gather data and information, we used a qualitative methodology, analysing documents and conducting interviews.

It was possible to conclude that the factors that cause school failure and dropout in the Biombo Region are numerous, of which the following stand out: poverty and socio-economic difficulties; pregnancy and early marriage; political instability with repercussions on the education sector; regional and gender asymmetries in access to education; inadequate school infrastructure; teachers' working conditions and pedagogical training, as well as cultural issues and poor relations between schools and families associated with low levels of parental education.

Keywords: Education; school failure; school dropout; primary sc

Índice Geral

AGRADECIMENTOS.....	III
LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	IV
RESUMO.....	V
ABSTRACT.....	VI
INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONTEXTUAL	5
1. ABORDAGEM TEÓRICA DO INSUCESSO E DO ABANDONO ESCOLAR	6
2. GUINÉ-BISSAU: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO PAÍS.....	15
3. BREVE CARATERIZAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO GUINEENSE.....	18
3.1. LEI DE BASES: ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO DA GUINÉ-BISSAU	20
3.2. TIPOS DE ESCOLAS NA GUINÉ-BISSAU.....	25
3.3 ORGANIZAÇÃO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO	27
3.4 ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DO SISTEMA EDUCATIVO GUINEENSE.....	28
3.5. ALGUMAS DEBILIDADES DO SISTEMA EDUCATIVO GUINEENSE.....	29
CAPÍTULO II. METODOLOGIA.....	36
1. ABORDAGEM METODOLÓGICA E TÉCNICA	36
1.1. PROCEDIMENTOS DESENVOLVIDOS.....	39
1.2. PRINCIPAIS DIFICULDADES	40
2. CARATERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS ENTREVISTADOS.....	41
CAPÍTULO III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	44
1. CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA OBJETO DE ESTUDO	44
1.1. FUNDAÇÃO SOCIAL DA ESCOLA	47
1.2. ESTRUTURA HIERÁRQUICA E ADMINISTRATIVA DA ESCOLA	48
1.3. ENTIDADE FINANCIADORA	48
1.4. RELATÓRIO DE REPARTIÇÃO ESTATÍSTICA DA REGIÃO DE BIOMBO	49

1.5. INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA RELATIVA AO ANO LETIVO 2020/2021	51
2. FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O INSUCESSO E O ABANDONO ESCOLARES	55
2.1. INSTABILIDADE NO SISTEMA EDUCATIVO GUINEENSE (GREVES).....	55
2.2. CAUSAS DE CUNHO POLÍTICO.....	58
2.3. CAUSAS DE CUNHO SOCIOCULTURAL.....	59
2.4. CAUSAS RELACIONADAS COM A FALTA DE VIGILÂNCIA DOS PAIS AOS TRABALHOS ESCOLARES DOS ALUNOS	61
2.5. CAUSAS DE CUNHO ECONÓMICO.....	63
2.6. CAUSAS DE CUNHO LINGUÍSTICO	66
2.7. CAUSAS RELATIVAS À HARMONIZAÇÃO DE CURRÍCULO ESCOLAR E ÀS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA	68
2.8. CAUSAS RELATIVAS A DISTÂNCIA E ACESSO À ESCOLA.....	69
3. RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA, A ESCOLA E A COMUNIDADE	71
4.7. PAPEL DO EDUCADOR SOCIAL E ESBOÇO DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	73
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXOS	90
ANEXO I - SUMULAS DE ENTREVISTAS DOS ENTREVISTADOS	90
SÚMULA DA ENTREVISTA DO ENTREVISTADO DEONE.....	90
SÚMULA DA ENTREVISTA DO ENTREVISTADO AMEN.....	92
SÚMULA DA ENTREVISTA DO ENTREVISTADO APSNP	94
SÚMULA DA ENTREVISTA DO ENTREVISTADO DRERB.....	97
SÚMULA DA ENTREVISTA DO ENTREVISTADO P1	99
SÚMULA DA ENTREVISTA DO ENTREVISTADO P2	100
SÚMULA DA ENTREVISTA DO ENTREVISTADO PEE	101
SÚMULA DA ENTREVISTA DO ENTREVISTADO AQR.....	103
SUMULA DE ALUNO QUE REPROVOU AQR.....	103

Índice de tabela

Tabela 1 - Despesas estimadas das famílias por criança na educação guineense	31
Tabela 2 - Caraterísticas sociodemográficas dos entrevistados (síntese).....	42
Tabela 3 - Estrutura física da escola	46
Tabela 4 - Caraterização de pessoal docentes e não docentes.....	47
Tabela 5 - Resumo Estatístico da Região de Biombo	50
Tabela 6 - Mapa descritivo de dados da matrícula inicial e final do ano letivo	51
Tabela 7- Dados abandono escolar do ano letivo 2020/2021(síntese)	52
Tabela 8 - Quadro percentuais de aprovação, reprovação e desistência	53
Tabela 9 - Divisão das crianças com idades dos 7 aos 14 anos segundo a distância da escola	70

Introdução

O presente trabalho, realizado no âmbito do mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, subordinado ao tema “Fatores condicionantes do insucesso e do abandono escolar no 1º e 2º ciclo do ensino básico – estudo numa Região da Guiné-Bissau”, tem como objetivo geral identificar os principais fatores que provocam o insucesso e o abandono escolar nos referidos ciclos de ensino na Guiné-Bissau, região de Biombo, concretamente no setor de Safim na Escola Pública do Ensino Básico Unificado de Safim-Sede. A escola, desde a sua génese, tendo vindo a passar por profundas alterações ao longo da História e desempenha um papel fundamental na formação dos cidadãos. Por tal facto, falar de insucesso e de abandono escolar, é efetivamente falar de fenómenos complicados, com diferentes atores, desde o próprio Estado, os alunos, os professores, os pais/encarregados de educação, tornando-se muito difícil delimitar os seus contornos. É do conhecimento público que, ao longo de décadas, vários fatores têm fragilizado o sistema educativo nacional na Guiné-Bissau. Este setor enfrenta uma série de desafios expressivos, nomeadamente ao nível do seu financiamento, sendo o orçamento para este setor quase inteiramente dedicado ao pagamento dos salários. É sabido, também, que o país regista elevadas taxas de insucesso e de abandono escolar. Nesta perspetiva, consideramos da maior importância compreender a multiplicidade de fatores que estão associados à fraca eficácia do setor educativo, contribuindo modestamente com este trabalho para melhor conhecer causas e consequências do insucesso e abandono escolar, a partir do estudo numa Região da Guiné-Bissau, de forma a fornecer conhecimento que permita refletir e pensar eventuais propostas que possam minimizar os seus efeitos. Assim, para o presente estudo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

1. Conhecer a estrutura do sistema educativo guineense.
2. Caracterizar o insucesso e o abandono escolar no estabelecimento escolar no 1º e 2º ciclo na EBU (escola do ensino básico unificado de Safim-Sede).
3. Identificar e compreender fatores que condicionam o insucesso e o abandono escolar na EBU (escola do ensino básico unificado de Safim).

Para a recolha de informação seguimos uma metodologia do tipo qualitativo, com recurso à observação, à realização de entrevistas e à exploração e análise documental. Quanto à sua organização, este trabalho está estruturado em quatro capítulos, sendo que no primeiro trata-se de enquadramento teórico e contextual, com uma breve revisão da literatura discutindo conceitos fundamentais sobre insucesso e abandono escolar na perspetiva de diferentes autores, apresentando diferentes causas na base dos fenómenos e mapeando os seus contornos no panorama nacional guineense. Inclui-se, também, uma breve contextualização da Guiné-Bissau e do espaço territorial onde foi realizado o estudo, bem como uma breve caracterização do Sistema Educativo na Guiné-Bissau. No segundo capítulo apresenta-se a metodologia adotada para a realização deste trabalho, no qual é explicitada a abordagem metodológica e técnica, os procedimentos desenvolvidos, as principais dificuldades sentidas e a caracterização dos nossos entrevistados. No terceiro capítulo, é feita a apresentação e discussão de resultados. É feita a caracterização da escola objeto do nosso estudo, com base em informação estatística relativa ao ano letivo 2020-2021, abordando diferentes categorias, nomeadamente o contingente de alunos, questões linguísticas, aspetos relativos ao acesso à escola, natureza e condições da escola, estrutura hierárquica e administrativa da escola, entidade financiadora; são, também, identificados e discutidos os fatores que contribuem para o insucesso e para o abandono escolares e, na sequência, esboçada uma proposta de intervenção de no âmbito da educação social e intervenção comunitária. Por fim apresentamos a Conclusão, as Referências Bibliográficas e os anexos.

Capítulo I. Enquadramento Teórico e Contextual

O estudo do insucesso e do abandono escolar, constitui-se como tema extremamente desafiador, pela sua complexidade e multidimensionalidade, e cujos resultados consideramos que contribuem para chamar a atenção das autoridades, das escolas, das famílias e da sociedade, sobre os constrangimentos e consequências deste fenómeno. Neste capítulo, iremos apresentar uma abordagem teórica relativa aos fenómenos do insucesso e do abandono escolar, com uma breve revisão de literatura, à qual se seguirá um mapeamento contextual da realidade da Guiné-Bissau.

1. Abordagem teórica do insucesso e do abandono escolar

Tomamos aqui o conceito de insucesso escolar na sua relação com o de abandono, por considerarmos que, muito especificamente no caso da Guiné-Bissau, ambos se relacionam de forma intrínseca e, as suas causas, são de difícil separação. Temos, no entanto, a consciência, de que se trata de dois fenómenos distintos, ainda que, como dissemos, relacionáveis, e que cada um é suscetível de ser abordado do ponto de vista científico de forma autónoma.

Araújo (2020) apresenta a etimologia do conceito de insucesso indicando que o mesmo, originário da palavra latina *insucessu(m)*, é entendido como malogro, mau êxito falta de sucesso no que se almejava atingir e, também, fracasso ou maus resultados, tendo um sentido negativo, “dramático, angustiante, doloroso e assustador [que no ensino é] associado a Reprovações, Atrasos, Repetência, Abandono, Desperdício, Desadaptação, Desinteresse, Desmotivação, Alienação, Fracasso” conforme Benavente (1994, cit. in Araújo, 2020, pp. 7-8). Nesta perspetiva, o abandono surge indissociável de insucesso, podendo o segundo levar ao primeiro. De um modo geral, pode dizer-se que ambos representam a impossibilidade de uma criança ou jovem dar seguimento à sua formação, adquirindo as competências inerentes a cada ciclo de estudos de forma a progredir para o seguinte e a chegar à conclusão de cada ciclo atingindo os objetivos de aprendizagem correspondentes ao mesmo. Acresce, ainda, que esta trajetória, a ser de sucesso, deverá ocorrer dentro das classes de idades correspondentes a cada etapa.

Para Mateus et. al. (2018, p.1) “Os processos educativos podem assim ter uma ação emancipadora, ou vulnerabilizante, geradora de exclusão”, considerando as autoras que o conceito de abandono escolar respeita quer ao não cumprimento da escolaridade obrigatória, como também ao insucesso em concluir o ensino secundário ou outras qualificações ou certificações.

Assim, entende-se que, abandono, se trata quer de alunos que deixam de frequentar as aulas e ficam de fora do sistema de ensino, quer dos que, tendo cumprido o ensino obrigatório, não progridem para a obtenção de outro título que lhes permita formarem-se numa profissão específica. Do ponto de vista individual, de

acordo com Estevão & Alvares (2013, p. 3), “a saída de uma criança ou jovem do sistema de educação e formação sem atingir um determinado patamar de referência limita fortemente o seu campo de possibilidades”; profissionalmente, leva “a uma integração em segmentos menos qualificados de emprego, com fracas perspectivas de mobilidade, baixas remunerações e um risco desproporcionalmente elevado de precariedade e, principalmente, desemprego” e, ainda, numa perspetiva cívica, é uma limitação à participação na vida da comunidade, quer por insuficientes competências, quer “através dos efeitos da autoimagem da precariedade e dos baixos salários numa sociedade em que trabalho e consumo são elementos identitários centrais (Estevão & Alvares, 2013, p. 3).

Donde se depreende que, insucesso e abandono escolares, são problemáticas com forte impacto na vida dos indivíduos e das comunidades, com efeitos no desenvolvimento pessoal, social e dos territórios.

Importa, assim, considerar a função social da escola. Para Chumbelembe (2015), a função da escola tem a ver com o desempenho ou missão que a sociedade lhe confia, dizendo respeito à sua identidade enquanto organização que dota os alunos com ferramentas indispensáveis nas várias dimensões da vida.

Tavares (1998) considera que a escola, “é o meio pelo qual é possível desenvolver um determinado país”, formando “cidadãos conscientes e competentes capazes de construir uma sociedade justa e transparente, contribuir para valorização da sua identidade e do bem-estar” (p. 45). A instituição escolar, desempenha, assim, um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa humana, na construção da cidadania e no desenvolvimento local, regional e nacional (considerando as comunidades em que se insere e as suas características, problemas e potencialidades). As suas funções vão muito para além das práticas em sala de aula e das relações pedagógicas que nelas têm lugar.

Ribeiro & Bédia (2015) afirmam que “à escola cabe o papel de desenvolver nas crianças as suas capacidades físicas, mentais e afetivas, ajudando-as na formação de seu caráter, para que se tornem seres éticos, autónomos e atuantes na sociedade” (p. 4).

Cabe à escola preparar os jovens para uma entrada na vida adulta com autonomia e autoconfiança, devendo a escola “ser concedida a todo cidadão para

garantir a sua participação ativa no desenvolvimento da sociedade e da comunidade em que vive” (Tavares, 1998, p. 40),

Não obstante, existem ainda sociedades onde este direito fundamental não é reconhecido a uma determinada camada da sociedade tendo em conta os preconceitos étnicos e tribais; o que é uma realidade na comunidade onde decorreu esta investigação, onde pudemos registar que muitas crianças continuam sem acesso ao sistema educativo por razão da obediência dos costumes tradicionais e culturais.

Nas sociedades tradicionais processo de enculturação da criança era feito na família, no grupo e pelo grupo, estando a criança atenta a todas as manifestações culturais e biológicas que lhe eram próprias, através de uma integração calma e progressiva que culminava na sua passagem à fase adulta, na puberdade, pelas cerimónias rituais da iniciação de determinadas comunidades (Van Gennep et al, 1987, citado por Tavares, 1998 p. 40).

A escola antecipa uma série de exigências que o meio social pedirá à criança e, estas, são cada vez mais diversificadas e complexas, não se compaginando com organizações tradicionais face aos requisitos necessários nas sociedades contemporâneas globalizadas.

Pode considerar-se que as descoincidências entre as expectativas de determinadas comunidades e as expectativas que são, atualmente, depositadas nas escolas podem contribuir para percursos escolares que não dão resposta às atuais necessidades das sociedades, que não fornecem as competências requeridas e que acabam por ser interrompidos precocemente.

O abandono e o insucesso escolar, relacionam-se, também, com o funcionamento do próprio sistema educativo, quer a um nível mais lato, que se prende com a definição de políticas públicas educativas, com a sua gestão e administração ao nível do poder central (os governos), como, também, ao nível mais restrito das próprias instituições escolares e à atuação dos seus diversos atores, entre os quais os gestores, os professores e outros profissionais assim como as famílias e comunidades.

Para Rodrigues (2010), “o sucesso educativo de todos os alunos e a redução do abandono constituem o principal desafio das escolas e da política educativa (...) [sendo] indispensáveis políticas públicas de educação orientadas para a promoção da equidade, da eficiência e da qualidade” (p.175).

De acordo com Pires e Formosinho, (cit. in Bedeta 2013) a situação de insucesso escolar (e também a de abandono) não pode ser atribuída a um único fator, mas deve-se a um conjunto de fatores que motivam os alunos, os professores, a escola, a família e o próprio governo como entidade responsável pela política educativa. Deve dar-se-lhes especial atenção enquanto problema social e não exclusivamente pessoal, como é interpretado muitas vezes por alguns atores educativos e pelas várias entidades governamentais para justificar a reprovação escolar (Bedeta, 2013).

Estevão & Alvares (2013), consideram que abandono escolar corresponde a um fenómeno complexo, de causas diversas, ao qual estão associados aspetos de ordem individual, familiar e social, assim como aspetos de ordem institucional, organizacional e relativos ao contexto, ao meio envolvente, às características dos mercados de trabalho. Estes autores afirmam que a investigação científica sobre este fenómeno tem fornecido evidências sobre a “fortíssima relação deste [o abandono] com a retenção e o insucesso, remetendo para uma conceção de abandono escolar enquanto processo que começa na escola, possuindo esta um papel ativo na problemática (Benavente e outros, 1994; Ferrão, 2001, cit. in Estevão & Alvares, 2013, p. 4). De acordo com Correia (2014), a definição de insucesso escolar é relativamente recente no contexto histórico da educação das sociedades ocidentais, estando associada ao desenvolvimento do ensino escolar obrigatório, na sequência da sociedade industrial “com a organização das escolas com currículos estruturados, que pressupõem, por inerência, metas de aprendizagem (Mendonça, 2006, cit. in Correia, 2014, p. 27). A compreensão dos conceitos de abandono e de insucesso apresenta-se complexa, atravessada por múltiplos fatores, também estes complexos. Para Palma (2018), “o abandono escolar é definido como a interrupção de caráter voluntário das atividades letivas sem que se tenha concluído o percurso escolar obrigatório” (p. 4). Para esta autora, o insucesso escolar pode revelar-se como uma antecipação do abandono, considerando que a situação repetida de retenções contribui para a baixa autoestima do aluno e para o desenvolvimento de fracas expectativas relativamente à

sua escolarização. De acordo com Si (2021), os fenómenos insucesso e abandono escolar, não devem ser entendidos de forma redutora, como uma simples desistência; pelo contrário, correspondem a “problemas sociais complexos nas suas causas e com implicações pessoais e sociais”, com “implicações futuras bastante prejudiciais que se traduzem, em grosso modo, na diminuição de potencialidade do desenvolvimento socioeconómico de uma sociedade e na desintegração social do próprio abandonante (Ialá, 2012, cit. por Si, 2021, p. 4).

Para Matos (2009), nas situações de “insucesso escolar é necessário considerar para avaliação variáveis próprias do indivíduo e variáveis do ambiente. Nas variáveis próprias do indivíduo incluem-se as variáveis orgânicas, as perturbações do desenvolvimento e as perturbações emocionais e comportamentais” (p. 696).

Para a autora as perturbações do desenvolvimento, frequentemente agravadas por condicionantes emocionais e socioculturais, “afetam os processos cognitivos específicos envolvidos na aprendizagem (memória, atenção, processamento fonológico, verbal, visual) e as perturbações emocionais envolvem sobretudo processos de atenção, motivação, interesse e comportamento” (Matos, 2009, p. 701). No que respeita às variáveis orgânicas, a autora refere:

doenças físicas graves, geralmente crónicas, que levam a um estado de debilidade física, com cansaço e conseqüente indisponibilidade emocional e mental para a aprendizagem, que se manifestam por dificuldades na concentração, memória e motivação. Também se incluem doenças congénitas do sistema nervoso central (ex.: malformações, como a agenesia do corpo caloso) ou adquiridas (ex.: pós traumatismo craniano grave, encefalite), cromossomopatias que têm perturbações do desenvolvimento associadas (ex.: trissomia 21, X-frágil), doenças metabólicas e endocrinológicas (ex.: fenilce-tonúria, hipotireoidismo congénito) (Matos, 2009, p. 696).

Ainda de acordo com Matos (2009), as variáveis do ambiente que concorrem para despoletar ou agravar casos de insucesso escolar podem encontrar-se nos ambientes familiares e contextuais, socioculturais e escolares. Nestes âmbitos, as problemáticas que aponta são, também, inúmeras:

desde famílias disfuncionais, negligentes e maltratantes, condições de pobreza, por vezes extrema, carências económicas que reduzem o acesso a oportunidades e a material escolar, falta de acompanhamento no estudo, baixas

expectativas relativamente a percursos escolares; também problemas ao nível organizacional da escola, algumas escolas não estarem preparadas para se relacionar com a diferença encontrada entre alunos, práticas pedagógicas desadequadas, insuficiente preparação/formação de professores, turmas desadequadas e com excessivo número de alunos, problemas relacionais entre pares, são aspetos que contribuem para situações de insucesso escolar (Matos, 2009, p. 701).

Tavares (1998, p.172) entende que o insucesso escolar “está precisamente ligado a disfunção a nível da transmissão e de compreensão de uma mensagem”, o que, para o autor, funciona em dois sentidos, isto é, “do professor para o aluno e deste para o professor”, havendo, contudo, responsabilidades de ambas as partes.

Sabemos que as crianças aprendem desde o nascimento, um processo natural, que necessita de um acompanhamento atento para garantir o sucesso do mesmo; a falta deste cuidado, pode provocar alguns transtornos à criança ou jovem ao longo do seu percurso escolar.

Segundo Lobo & Dias (2020 p. 38) “a adolescência é um período do desenvolvimento humano que merece atenção por se tratar da transição entre a infância e a idade adulta que pode, ou não, acarretar problemas para o desenvolvimento de determinado sujeito”. Este período é crucial e determinante para o sucesso escolar de qualquer criança, por isso, as crianças precisam de um cuidado adequado para uma saúde escolar sólida.

De acordo com Patto (1993, cit. Lobo & Dias, 2020, p.123), o insucesso escolar, considera-se como “algo gerado na rotina escolar”. Além do mais, a autora, entende que a situação esteja profundamente relacionada com a situação socioeconómica, considerando que o insucesso escolar não é produzido apenas pela instituição escolar, mas, também pelos profissionais que a compõem e pela própria sociedade em geral.

Para a autora, existem características que englobam tanto a estrutura como também o funcionamento do sistema educacional e que permitem a produção do insucesso escolar e que acabam por gerar constrangimentos no que diz respeito à escolarização das crianças. Casarin & Ramos (2007, cit. por Lobo & Dias, 2020 p.124) afirmam ser recorrente que “o insucesso escolar, apareça ligado as situações que surgem a partir de intervenções familiares que prejudicam o aluno no seu processo

de obtenção de conhecimento, levando-o a apresentar dificuldades ou constrangimentos emocionais”. Uma situação que é muito comum sobretudo nos países menos desenvolvidos, onde as crianças carecem de quase tudo, alimentação, vestuários e demais instrumentos que possam permitir-lhe uma vida escolar satisfatória e com sucesso.

Para Arroyo (2000, cit. por Dias 2020, p. 40) o insucesso escolar “é uma expressão de fracasso social dos complexos processos de reprodução da lógica e política de exclusão que perpassa as instituições sociais e políticas”. O insucesso e o abandono escolar não se devem associar a um resultado individual do aluno, mas é importante termos em consideração outros condicionantes, como a própria escola, os currículos escolares e a dimensão familiar.

Benavente e outros (1994, cit. por Si, 2021, p.04) chamam a atenção para o facto que as elevadas taxas de insucesso e abandono escolar prejudicam a potencialidade de uma nação.

No âmbito social, alguns investigadores desta problemática social e educacional, revelam que as desigualdades escolares estão ligadas a origem social, não sendo só os obstáculos económicos que levam a desigualdades escolares, mas também os obstáculos culturais. Baseando na teoria de reprodução social (Bourdieu, et.al. cit. por Martins, 2006), “a escola avalia as competências dos indivíduos de acordo com as normas próprias das classes dominantes, como resultado as crianças das outras classes sociais ficam a uma distância diferente da cultura escolar e tem menos sucesso do que as crianças das classes privilegiadas” (p. 24). Para Fernando (2020, p.15) o insucesso e abandono escolar é um fenómeno constante em todos os anos em que há avaliação formal, ao longo de percurso escolar e em todos os sistemas escolares há insucesso. Sendo um fenómeno constante, não se pode atribuir unicamente à criança ou jovem a responsabilidade pelo seu insucesso e/ou abandono escolar; é preciso considerar o meio no qual vive e as características da escola que frequenta.

Muitas vezes, também, as responsabilidades são atribuídas às famílias, contudo o processo de ensino e aprendizagem é diferente da convivência familiar e, em muitos casos, as famílias não reúnem as condições necessárias, ao nível dos saberes, para uma real possibilidade de acompanhamento escolar e valorização de

percursos formativos prolongados. Ou seja, o discurso escolar e escolarizante não é inteligível para muitas famílias – muitas vezes os pais ficam chocados, sem perceber porque a criança não conseguiu atingir as metas traçadas.

Para Charrua (2014, p.5), o insucesso escolar é demonstrado através do número de repetências de alunos que não transitam para o ano seguinte. De acordo com a perspectiva antropológica (Duarte, 2000, p.56), o insucesso escolar surge quando o aluno se depara com uma desigualdade entre a sua cultura e a cultura que encontra na escola, com diferentes tipos de saberes; nomeadamente, a cultura de origem do aluno poderá estar relacionada com um conhecimento dum família não letrada que se depara com o conhecimento escrito que o aluno encontra na escola, havendo assim um choque de culturas gerando, muitas vezes, enormes dificuldades em termos de aprendizagem.

Para a compreensão da problemática do insucesso escolar, bem como do abandono escolar, devem ser consideradas diferentes variáveis na base da sua origem, quer no que se refere ao próprio indivíduo, quer no que se refere a variáveis ambientais - família, escola, meio socioeconómico, comunidades de inserção, e, a um nível macro, as próprias políticas educativas do país.

Globalmente, insucesso significa que o objetivo do sistema não está alcançado nomeadamente, em dois aspetos: fazer chegar uma geração de alunos à conclusão do ensino básico, ou então, levar a que esses alunos adquiram certas competências que lhes permitam ter sucesso escolar; portanto, chegar à conclusão do ensino básico relaciona-se com problemas de reprovação/aprovação. Uma outra questão relaciona-se com a aquisição de competências básicas, cuja falta também pode ser encarada como sinal de insucesso, para as quais teremos de encontrar as razões que as podem explicar, nomeadamente no entendimento quanto à distância que possa existir entre aquilo que se pretende e os meios do próprio poder público (Estado) investidos para atingir tais objetivos de sucesso.

Embora insucesso escolar e abandono escolar não se apresentem como uma e a mesma coisa, quando se constata que há uma elevada taxa de retenção tal significa que estamos perante insucesso escolar, mas se encontramos, também, uma elevada taxa de abandono, igualmente podemos falar de insucesso escolar.

Se não conseguimos levar a maioria das crianças a frequentar a escola e a nela permanecer, a ter acesso ao ensino, há que refletir sobre a adequação do nosso sistema de ensino e a condução das políticas educativas, enquanto tal, que também podem potenciar situações de insucesso escolar.

O insucesso escolar pode decorrer do próprio processo de ensino e aprendizagem, compreendendo vários atores e as suas respetivas ações nomeadamente, alunos, professores, conceções de ensino, visões da sociedade e do homem, a organização do currículo, o ambiente, as metodologias de trabalho.

Num país como a Guiné-Bissau, as taxas de insucesso e abandono escolar são, ainda, elevadas e, de um modo geral, em relação aos países da sub-região o país apresenta grandes dificuldades para atingir o nível dos seus congéneres.

Insucesso escolar e abandono escolar são fenómenos que traduzem a incapacidade do sistema educativo em garantir uma verdadeira igualdade de oportunidades, não obstante os esforços desenvolvidos nesse sentido.

Traduzem, igualmente, a dificuldade do sistema em compatibilizar uma educação de qualidade com uma educação para todos, capaz de assegurar a cada um uma parte ativa na sociedade (Eurydice, 1995, p.4) Na avaliação do Parlamento Europeu (2011.p.12), o abandono escolar é geralmente provocado por processos cumulativos de afastamento por razões pessoais, sociais, económicas, geográficas, educacionais e familiares. Donde resulta a necessidade de, igualmente, desenvolver e, acima de tudo, compatibilizar uma multiplicidade de estratégias para minimizar e, tendencialmente, erradicar fenómenos de insucesso e de abandono nas trajetórias de educação e formação.

Para Pringle (1998, cit. in Charrua, 2014, p.18), “o insucesso escolar que se vive nos dias de hoje é resultado da massificação escolar e de reestruturações desorganizadas por parte das instituições”.

Charrua (2014) sugere que “a solução para o combate ao insucesso escolar, poderia passar por recorrer à cultura de cada aluno e ajustar os conhecimentos já adquirida extraescola, aos novos conhecimentos e conteúdos programáticos” (p. 17), o que, segundo a autora, implica perspetivar o fenómeno de forma diferente do que tem sido feito até aqui, quer por parte dos atores nas organizações educativas, quer por parte dos responsáveis políticos.

Para este fim, é fundamental repensar medidas políticas e administrativas para e das instituições de ensino, atualizar práticas pedagógicas, bem como mitigar problemas sociais que afastam crianças e adolescentes do meio escolar.

De acordo com Martinez (1993), enfrentar o insucesso e abandono escolar implica dotar as crianças e jovens de instrumentos e de recursos necessários para ser agente ativo da modificação do seu próprio mundo interior.

Isto quer dizer que, para a concretização desta tarefa, as famílias têm um papel fundamental e por isso é necessário dar a conhecer e selecionar os fatores essenciais para o desenvolvimento adequado por parte da criança. Há, assim, um entendimento de que é fundamental que a escola, as famílias e a sociedade se unam a favor desta causa. No processo de ensino e de aprendizagem os pais e, em geral, os adultos de referência, entre os quais os professores, mas também os pares, desempenham um papel importante na criação e desenvolvimento da autoestima.

2. Guiné-Bissau: Breve contextualização do país

A Guiné-Bissau é um país lusófono, situado na costa ocidental da África, rodeado por um conjunto de países francófonos e anglófonos da sub-região. Apresenta uma superfície de 36.125km² e, administrativamente, o país está dividido em nove regiões administrativas (Setor Autónomo de Bissau, Biombo, Cacheu, Oio, Bafatá, Gabu, Quinara, Tombali e Bolama). Com uma população em crescimento permanente, atualmente com cerca de 2,11 milhões de habitantes, sendo que, de acordo com dados do INE (2015), mais de metade vive em zona rural (56%).

Segundo a distribuição geográfica, o Setor Autónomo de Bissau alberga um quarto da população guineense (30,8%), seguido da região de Oio, correspondendo a 16,7%, e por fim das duas regiões leste, Gabu (11,5%) e Bafatá (11,1%).

A Guiné-Bissau, apresenta um tecido étnico, religioso e linguístico muito rico e diversificado. Cerca de 82% da população está representada por cinco grupos étnicos, geralmente localizados em determinadas zonas do país, sendo fulas (concentrados na zona leste, regiões de Bafatá e Gabu), balantas (presentes em todas as regiões do país), mandigas (localizados na zona leste), manjacos (presentes na zona norte região

de Cacheu) e os papéis (localizados na periferia do Setor Autónomo de Bissau e na região de Biombo) (INE, 2015).

Os guineenses na sua maioria são políglotas, dominando geralmente várias línguas, a sua língua materna (língua do seu grupo étnico), o crioulo (língua nacional ou veicular) e, para aqueles que à mesma tiveram acesso, a língua portuguesa que é a língua oficial e utilizada no ensino formal e na administração pública.

Os serviços do Governo concentram-se na capital de Bissau, embora com delegações noutras grandes cidades. No que respeita a infraestruturas, é também em Bissau e em alguns outros centros urbanos, que podemos encontrar concentração de estradas, eletricidade, escolas, universidades e centros de saúde. As condições habitacionais nas áreas urbanas são pobres, com um grande número de povoados informais, sem acesso básico à água e a instalações sanitárias adequadas (República da Guiné-Bissau, 2022, p. 20).

É do conhecimento público a instabilidade política e social que o país tem enfrentado, o que coloca desafios importantes à sua capacidade de desenvolvimento. Os indicadores sociais da Guiné-Bissau são muito baixos entre os designados Países Menos Avançados (PMA); o país apresentava em 2021 um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)¹ de 0,483, o que significa que se encontra na posição 177 entre 191 países e territórios. Apresenta uma esperança de vida à nascença de 59,7 anos²; a média de anos de escolaridade é de 3,6 anos e a expectativa de anos de escolaridade de 10,6 anos em 2021 (UNDP, 2022). A percentagem da população guineense em situação de pobreza multidimensional severa é de 35,9%, vulnerável a pobreza multidimensional é de 20,0% e a viver abaixo do limiar de pobreza (menos de US\$1.90/dia) é de 24,7% (UNPD, 2023, p. 2). O país vive numa situação de acentuada vulnerabilidade socioeconómica, com uma economia baseada na agricultura e muito dependente da castanha de caju enquanto produto significativo de exportação. De acordo com o Banco Mundial (2021, p. 3) a produção de caju tem um peso de 40% no emprego rural e um peso de 75% no rendimento familiar, em que o rendimento de mais de dois terços dos agregados familiares depende desta cultura.

¹ O IDH é uma medida que avalia o desenvolvimento humano, a longo prazo, na dimensão uma longa vida e saudável, “acesso ao conhecimento” e “um padrão de vida digno” (UNDP, 2022).

² Em 2005 era de 52,2 anos (UNDP, 2022)

De acordo com a ONU (2022), o crescimento económico da Guiné-Bissau tem sido irregular e escasso, situação agravada pela pandemia COVID19, na sequência da qual o PIB per capita estagnou em 1,5% (p.1). No que respeita ao setor da educação, que desenvolveremos mais adiante neste trabalho, importa salientar que a complexidade e as dificuldades que atravessam o setor do ensino público guineense é reconhecida por quase todos os seus intervenientes. É do conhecimento público que o funcionamento regular das aulas nas escolas publicas tem sido um problema, fundamentalmente nas regiões do país, sendo necessária e considerada urgente uma intervenção do próprio governo para pôr cobro aos problemas graves que continuam a assolar este setor. De acordo com o relatório da UNICEF (2021), as taxas de conclusão diminuem a cada nível de escolaridade, revelando, também, que se distribuem diferentemente quando se trata de zonas rurais ou urbanas, que existem desigualdades quando consideradas as condições socioeconómicas das famílias, o género e a etnia das crianças e jovens. Segundo a UNICEF (2021, p.15), quase metade dos jovens da Guiné-Bissau são alfabetizados (48%) sendo a taxa superior entre os jovens do sexo masculino (57%) comparados aos do sexo feminino (46%). As taxas de repetência são muito elevadas, sendo que uma grande parte das crianças da Guiné-Bissau (32%) repete o 1º ano de escolaridade do ensino básico, conseqüentemente, o grande número de alunos nesse nível de ensino apresenta idade superior à oficial (UNICEF, 2021).

Ainda de acordo com a UNICEF (2021), apesar de o nível de repetição ser relativamente estável até ao 10º ano de escolaridade (com taxas de entre 5 e 11%), muitas crianças e jovens não chegam a aceder a este nível de escolaridade, em particular nas zonas rurais e mais desfavorecidas.

Também, se regista um movimento de associação entre a taxa de repetição (que diminui) e a taxa de abandono (que aumenta). Entre 9% a 15% dos alunos abandonam a escola durante cada ano de escolaridade entre a 1º e o 5º; a partir do 6º ano de escolaridade, a taxa de abandono aumenta variando entre 22% e 33% em cada ano, até o fim do nível secundário quando atinge 81%. Apenas 11% dos jovens com 17 anos frequentam o nível secundário como seria de esperar. (UNICEF, 2021, p.5).

3. Breve caracterização do sistema educativo guineense

Seguindo a evolução histórica da Guiné-Bissau, o sistema educativo guineense, segundo Cá (2000), pode ser caracterizado, em três grandes fases ou períodos a saber: pré-colonial, colonial e pós-colonial. Antes da colonização, na Guiné-Bissau já existia um saber educativo; este saber educativo funcionava com base nas tradições culturais, visto que na tradição africana, especialmente na sociedade tradicional guineense, os chamados “homens grandes” (mais velhos, com conhecimento histórico da realidade) são conhecidos como possuidores de conhecimento.

Este período pré-colonial é caracterizado principalmente por um modelo da educação informal, com reflexos nos padrões de transferência de conhecimento tradicional, que ocorre de geração em geração. Para além dos ritos tradicionais, essa transferência manifestava-se de diferentes formas: ocorrer ao ar livre, no período da noite, à volta de fogueira, nas reuniões com os mais velhos que eram considerados sábios ou bibliotecas de consultas das realidades tradicionais, que fazem um retrato dos acontecimentos históricos e histórias dos tempos dos seus antepassados (Mango, 2022, p. 31).

Essa forma de educação ainda é notável até hoje, na Guiné-Bissau, no dia a dia de uma grande franja da população particularmente nas zonas rurais do país.

Em relação ao período colonial, a educação funcionava com base na educação portuguesa e era pouco abrangente, devido a sua limitação aos poucos nativos que tinham ligação próxima aos colonizadores, os chamados luso-africanos ou crioulos, melhor dizendo, originários dos europeus, principalmente portugueses e cabo-verdianos ou guineenses, que eram trabalhadores coloniais na antiga Guiné portuguesa, hoje República da Guiné-Bissau (Mango, 2022).

Segundo Almeida (1981), na época colonial, um pequeno número de crianças guineenses estavam na escola, era um ensino para certas pessoas, ou seja, era um ensino maioritariamente urbano, o que significa que a larga maioria da população da Guiné-Bissau não tinha como ter acesso à escola. Para este autor, o ensino colonial português era um ensino elitista e restrito a uma determinada camada, isto é, aos

filhos dos que eram considerados assimilados, só estes podiam ter acesso ao sistema educativo (Almeida, 1981, p. 24).

Importa sublinhar que a educação colonial considerava os originários como inferiores induzindo-lhes o sentimento de baixaza perante os colonizadores; como frisou Freire (1978) “um dos propósitos da educação colonial era “de africanizar” os nativos, desvalorizando as suas próprias culturas e fazendo com que se sentissem inferiores e sem nenhuma capacidade diante dos colonizadores” (p.15).

Após a independência, logo nos primeiros anos, o país foi confrontado com dois sistemas de educação distintos: o sistema de ensino colonial, adotado no decurso da dominação colonial, limitado nos centros urbanos que comandavam, e o sistema escolar das Zonas Libertadas, formado como alternativo pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) nas áreas sob a suas jurisdições, com propósito de dar formações básicas às populações - contudo, as referidas escolas eram assumidas por professores sem qualificações, os referidos sistemas eram diferentes e o objetivo dos governantes era transformá-los num único sistema que pudesse corresponder à realidade do país.

Não obstante as tantas críticas dirigidas ao sistema colonial, a política educativa e a política geral da Guiné-Bissau não conseguiu, seguidamente, gerar as condições propicias para edificação do novo sistema nacional de ensino, muito menos alterar a congruência colonial do sistema educativo deixado. No entanto, não foi possível assumir outra conduta nas reflexões em relação ao novo sistema educativo, que ultrapassasse o campo das apreciações ao modelo colonial e criasse, de facto, novas definições e, particularmente, novas formas de operacionalização (Monteiro, 2005; Mango, 2022).

Após 37 anos da independência, apenas em 2011, é que a Guiné-Bissau conseguiu ter a primeira Lei de Bases do Sistema Educativo, ainda assim, o ensino continua a viver as mesmas dificuldades.

Após a divulgação do Decreto-Lei nº 4 da Lei Bases do Sistema Educativo, o país passou pela primeira vez, a ter um documento oficial que estabelece a função do sistema educativo. Até ao período da divulgação só havia alguns documentos programáticos do tempo de partido único (Monteiro, 2005), não obstante a existências de vários projetos concebidos durante as últimas quatro décadas e da legislação

diversa e dispersa sobre dimensões específicas do sistema educativo. Com a existência da Lei de Bases do Sistema Educativo, destaca-se como principais alterações a introdução do 12º ano e a divisão do ensino básico em três ciclos.

A Lei de Bases do Sistema Educativo guineense foi aprovada em Bissau, aos 21 dias do mês de maio do ano 2010 e entrou em vigor no ano letivo 2010/2011, tendo contribuído grandemente para a solidez do sistema educativo nacional ao vir colmatar dificuldades derivadas da ausência de uma lei de bases.

3.1. Lei de Bases: estrutura e organização do sistema educativo da Guiné-Bissau

A Constituição da Guiné-Bissau, determina no seu artigo 49º que o Estado é responsável pela condução da política educativa e pela formação dos Homens, isto é assegurado pelo Ministério da Educação, das Ciências, da Cultura, da Juventude e dos Desportos, em colaboração com outras entidades privadas, nomeadamente religiosas e comunitárias.

Ainda, a Constituição garante que a educação é um direito fundamental para todas as crianças e jovens estabelecendo que o ensino básico de 6 anos é obrigatório e gratuito para todas as crianças no território nacional. Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (2010), o sistema educativo guineense encontra-se estruturado em dois setores fundamentais, que são: a educação formal e a educação não formal.

Educação Formal

De acordo com o Art.º 8º da LBSE, à educação formal correspondem os diferentes ciclos educativos, desde a primeira classe até ao ensino superior, englobando o pré-escolar, o ensino básico, o ensino secundário, o ensino da formação técnico-profissional, o ensino superior, bem como modalidades especiais e atividades para a ocupação de tempos livres.

- Pré-Escolar

O pré-escolar, antecedendo a educação escolar, funciona a título facultativo e em complementaridade ou supletividade com o meio familiar (art.º 9º da LBSE).

Destina-se às crianças dos 3 aos 5 anos, com caráter não obrigatório, é fornecida em jardins-de-infância ou creches que são maioritariamente de iniciativa comunitária, privada ou pertencentes a entidades religiosas. O Estado tem a responsabilidade de criar e manter as instituições de educação Pré-Escolar que integram a rede pública, assim como apoiar as instituições privadas e comunitárias do mesmo tipo.

Presentemente a maior parte dos equipamentos para o pré-escolar localiza-se no setor autónomo de Bissau (capital), sendo praticamente inexistentes nas diferentes regiões do país. A Educação Pré-Escolar é realizada em unidades educativas específicas e em espaço sociocultural polivalente, por formas diversificadas e enquadráveis nas realidades locais (art.º 11º da LBSE).

- Ensino Básico

Antes da reforma de 2010, o ensino básico era destinado para as crianças dos 7 aos 12 anos até ao ano escolar 2010/2011, que durava seis anos, o que correspondia às classes do 1º ao 6º ano. Inicialmente encontrava-se dividido em dois ciclos, a saber: ensino básico elementar e ensino básico complementar. Ainda que tenha havido em 2010 uma reforma que visa a unificação destes dois ciclos, várias escolas oferecem apenas o primeiro ciclo e administram-no nas escolas de ensino básico.

Com a reforma efetuada em 2010/2011, o ensino básico passou a ser destinado às crianças de 6 aos 14 anos de idade. Tem a duração de nove anos, o que corresponde às classes, isto é, do 1º ao 9º ano, dividido em três subciclos: 1º ciclo que abrange o 1º ao 4º ano, o 2º ciclo do 5º ao 6º ano e o 3º ciclo do 7º ao 9º ano. E finalmente o terceiro ciclo, o ensino secundário geral, que é atualmente lecionado nos anteriores liceus (art.º 13º LBSE, 2011).

O ensino básico é universal e obrigatório, sendo gratuito até ao 6º ano de escolaridade; esta gratuitidade significa isenção de propinas, taxas e emolumentos

relativos à matrícula, frequência e certificação, assim como uso gratuito de livros e materiais didáticos (art.º 12º LBSE). A partir do 7º ano de escolaridade, o ensino básico é tendencialmente gratuito de acordo com as possibilidades económicas do Estado, o que significa que deverá ser garantido pelas famílias caso o Estado não tenha verbas para o assegurar.

Como referimos anteriormente, o ensino básico encontra-se dividido em fases sequenciais:

- A 1ª e 2ª fase (1º ciclo) são ministradas numa perspetiva global e cabe a um único professor por turma, eventualmente auxiliado em áreas especializadas como a educação artística ou educação física; o professor que leciona uma turma de 1º ano de escolaridade é incumbido da missão de acompanhar o mesmo grupo de alunos até a sua conclusão de 2º ciclo do ensino básico (art.º 16º da LBSE).

- A 3ª fase (2º ciclo), o ensino é ministrado por áreas de formação básica em modelos interdisciplinares, cabendo ao único professor por turma e lecionação das matérias de todas elas, sendo auxiliado em áreas especializadas, mormente, a educação artística ou educação físicas (art.º 16º da LBSE). Relativamente às áreas interdisciplinares, são a formação pessoal e social, formação física e desportiva, formação humanística e formação científica e pedagógica.

- O terceiro ciclo funciona segundo um plano curricular unificado, envolvendo diversas áreas vocacionais e cabendo a vários professores, à razão de um por disciplina (art.º nº 16 da LBSE).

- **Ensino Secundário**

O ensino secundário é um subsistema do sistema de ensino que, seguindo-se ao ensino básico «visa dotar o aluno de conhecimentos e competências científicas, técnicas e culturais adequadas ao prosseguimento dos estudos superiores ou à inserção da vida ativa» (art.º 19º LBSE).

Segundo a Lei Base do Sistema Educativo, no seu art.º nº 20, o ensino secundário compreende o 10º, 11º e 12º anos. O ensino secundário, desenvolve-se em dois sentidos: via geral ou ensino geral, integrando cursos dirigidos primacialmente para o prosseguimento dos estudos.

- **Formação técnico e profissional**

De acordo com a Lei Base do Sistema Educativo, no seu artigo 31º, o acesso ao setor da formação técnica e profissional assume três formas diferentes na Guiné-Bissau.

- a) Quem haja completado, com aproveitamento, o 3º ciclo do ensino básico;
- b) Quem não haja concluído o 3º ciclo do ensino básico, caso tiver ultrapassado a faixa etária correspondente a esse nível;
- c) O trabalhador que queira beneficiar de aperfeiçoamento e reconversão profissionais, nos moldes a estabelecer em sede própria.

Conforme a mesma lei, a formação técnica e profissional organiza-se de modo a implementar as seguintes ações de formação: Iniciação profissional; Qualificação profissional; Aperfeiçoamento profissional; e Reconversão profissional.

Na Guiné-Bissau, a formação técnica e profissional tem dois formatos fundamentais, formação de inserção profissional e o técnico profissional. Relativamente a formação de inserção social, esta encontra-se aberta para os alunos que concluíram o ensino básico até 6º ano, tem a duração entre os seis meses ou um ano. Tem como objetivo ajudar a inclusão dos formandos no mundo de trabalho. E a formação técnica profissional é destinada aos jovens que findaram o 9º ano, tem duração de três anos e após o término, é atribuído ao aluno um grau académico (art.º 31º LBSE, 2011).

- **Ensino superior**

Em relação ao ensino superior, é de dois tipos: um ensino superior que concede um diploma académico e um ensino universitário que atribui um diploma profissional (art.º 25º da lei LBSE). Segundo a mesma lei, Artigo 28º, no ensino superior são conferidos os graus académicos de licenciado, de mestre e de doutor.

O país conta com o ensino universitário desde 1990, tendo naquela altura apenas duas faculdades, referimo-nos a Faculdade de Direito e a Faculdade de

Medicina. Volvido 14 anos, em 2004 surgiram mais duas Universidades, a Universidade Colinas de Boe e a Universidade Amílcar Cabral que é uma instituição pública, mas com a sua respetiva autonomia, que funcionou até 2008 em parceria com a Universidade Lusófona, privada, em Lisboa; a Escola Normal que forma os professores para o ensino Secundário, a Escola de Saúde que forma os enfermeiros, o ENEFD apoio a juventude e o CENFA (Centro de Formação Administrativa), essas escolas ofereciam um ensino superior dito não universitário.

De acordo com a reforma de 2010/2011, o CENFA tornou-se a Escola Nacional de Administração (ENA). A mesma lei abrangeu as escolas normais de formação dos professores, nomeadamente ESETT (a Escola Superior de Educação Tchico-Té), ENEFD (Escola Nacional de Educação e Formação de Desporto). (MEN, 2013).

- **Educação Não Formal**

No que respeita à educação não formal, está formada por uma filosofia de educação permanente, abrangendo todas as dimensões da ação educativa e tem por objetivo expandir os conhecimentos ou potencialidades dos seus destinatários, em complemento da formação formal ou em suprimento da que não puderem obter (art.º 5º da LBSE).

Segundo o artigo nº 6º da mesma lei, a educação não formal desenvolve-se, nomeadamente, nas seguintes áreas:

- Alfabetização e educação de base de jovens e adultos,
- Ações de reconversão e aperfeiçoamento profissional, tendo em vista o acompanhamento da evolução tecnológica,
- Educação dirigida para a ocupação criativa dos tempos livres,
- Educação cívica

As ações de educação não formal podem realizar-se em estruturas de extensão cultural do sistema escolar, bem como em sistemas abertos, quer dizer, os meios de comunicação social e tecnologias apropriadas, nomeadamente rádio e a televisão educativas, bem como a internet. A promoção, realização e apoio à educação não formal cabem ao Estado e às instituições da sociedade civil (art.º 7º da LBSE).

A educação dos adultos e alfabetização, são feitas em centros criados pelas comunidades ou por ONG que atuam nesta área. Também é importante sublinhar que não existe nenhum centro de alfabetização criado pelo Estado da Guiné-Bissau. E o Estado enquanto orientador deste subsetor, não concede nenhuma ajuda financeira ou muito menos o subsídio. Por outra forma, o Estado responsabiliza-se pela formação dos animadores, da elaboração de materiais escolares, assim como do seguimento desta área, através do pessoal da Direção Geral de Alfabetização (MEN, 2013).

Na Guiné-Bissau, esta educação tinha os seus antecedentes que integravam a participação voluntária e centralizada no formando, com influência do método de Paulo Freire, um do grande estadista brasileiro, que de forma perseverantemente contribuiu ao lado de Amílcar Lopes Cabral e demais companheiros na alfabetização do homem e da mulher guineense.

O crescimento deste setor, explica-se também pela aplicação de medidas políticas desajustadas no setor formal, isenção das taxas escolares implementadas a partir do ano letivo 2001/2002, por exemplo, sem medidas complementares e sem uma programação adequada, originou ao aumento acentuado dos efetivos ao nível das matrículas iniciais, ultrapassando a capacidade de acolhimento dos estabelecimentos, tanto do ponto de vista das infraestruturas como de professores provocando o agravamento da situação atual. O setor não formal que poderia funcionar como complemento ao setor formal constitui hoje, em muitos pontos do país, a única alternativa viável para o acesso algum ensino (Sané, 2018, p.12).

3.2. Tipos de escolas na Guiné-Bissau

Em relação aos diferentes tipos de estabelecimentos de ensino, distinguem-se os seguintes:

- Os estabelecimentos públicos que se encontram sob um regime de gestão pública, sob a responsabilidade do Estado e em autogestão com o Estado e os particulares;
- Os estabelecimentos privados (religiosos ou laicos), sob gestão privada;

- Os estabelecimentos comunitários, sob a responsabilidade da comunidade;
- As Madraças que seguem o programa oficial do Ensino Básico, mas em língua árabe e portuguesa, com uma gestão privada.

Importa referir que o Estado, tendo dificuldade em proporcionar educação em todo o território nacional, deu abertura à existência das diferentes escolas privadas para garantir a educação a todas as crianças.

a) Escolas públicas

As escolas públicas são escolas que funcionam sob a iniciativa do governo através do Ministério de Educação Nacional e em regime da gestão pública. São escolas locais com total responsabilidade do Ministério da Educação Nacional, nas diferentes vertentes, começando pela construção, manutenção das infraestruturas escolares, colocação ou contratação de professores, obtenção de material preciso ao funcionamento, pagamento dos salários aos professores e demais pessoal, bem como desenvolver a formação dos professores.

b) Escolas privadas

Escolas privadas são escolas criadas por pessoas particulares ou coletivas, que assumem total responsabilidade da sua administração. De acordo com o decreto-lei nº 7 de 20 de maio de 1991, são designados ensinos particulares, ou seja, o ensino privado que não funcionam sob tutela direta do Ministério da Educação; são financiadas e munidas por pessoas ou organizações não governamentais tanto nacionais e estrangeiras residentes no país, gozando de autonomia administrativa, financeira e também patrimonial. A maior parte dos professores são das escolas públicas, ou seja, do ensino público.

c) Escolas comunitárias

No caso da Guiné-Bissau, as escolas comunitárias são instituídas por grupos de pessoas ou de uma ou mais comunidades próximas ou vizinhas. São geridas, conservadas e controladas pela própria comunidade, pagando os salários ou vencimentos aos professores selecionados entre os seus membros designados. Estas escolas surgem tendo em conta as dificuldades de Estado em dar educação a todas as crianças no território nacional.

d) Escolas Madraças

Escolas Madraças são confessionais relacionadas com a religião Islâmica, criadas e mantidas pelas respetivas autoridades religiosas; ensinam a religião Islâmica e a língua árabe e seguem os programas oficiais de ensino público. Funcionam, normalmente, junto às mesquitas.

Furtado (2005, p. 587) adverte que, “o ensino nas escolas madraças é mais pobre do país. Os princípios básicos e filosóficos das referidas escolas são ainda mal 44 conhecidas e, talvez por isso, existem dificuldades de seu enquadramento no sistema educativo nacional de ensino”.

3.3 Organização do Ministério da Educação

A nível central, o Ministério da Educação, das Ciências, da Cultura, da Juventude e dos Desportos, organiza-se em diversas estruturas de natureza distinta que são: conceção, operação e supervisão.

Ao nível da conceção, existe o GIPASE, órgão que se ocupa da informação, da planificação e de avaliação do sistema educativo. Em relação às operações educativas, encontram-se três Direções Gerais a saber: (Ensino Básico e Secundário, Ensino Superior, Alfabetização e Educação Não Formal), Direção dos Recursos Humanos e a Direção dos Assuntos Administrativos e Financeiros. Por fim, a supervisão e a fiscalização encontram-se sob a responsabilidade da Inspeção Geral da Educação.

Também há institutos independentes e estruturas descentralizadas que funcionam sob ordem direta do Ministro (significa que os Presidentes desses institutos são nomeados em conselhos de Ministros sob proposta do Ministro): O Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação (pesquisa pedagógica e inovações educativas), o Instituto para formação Técnica e Profissional (que conduz a política no âmbito da formação técnica profissional) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Científica. Ao nível descentralizado, contam-se nove Direções regionais que correspondem à divisão administrativa do país. E quanto a estas, adicionam-se duas

sub-regiões educativas para setor de Igoré e a Ilha de Bubaque. Esta última encontra-se na zona insular do país.

3.4 Administração e gestão do Sistema Educativo Guineense

Do ponto de vista administrativo, o Ministério da Educação Nacional é a entidade responsável pela área educativa, cabe ao Ministério conceber, coordenar, executar e avaliar a política educativa do país. A ação do Ministério responsável pela política educativa desenvolve-se a nível da administração central e local, devendo ser fomentada uma adequada política de descentralização das respetivas unidades orgânicas. Portanto, a administração dos estabelecimentos de ensino oficiais deve pautar-se pelos princípios de democraticidade, participação e racionalidade. Assim, os estabelecimentos de ensino superior devem reger-se pela autonomia científica pedagógica e administrativa (LBSE, art.º 44).

a) Carreira de Profissionais de Educação

No que respeita à carreira e estatuto remuneratório dos educadores, professores e demais profissionais da Educação, devem ser compatíveis com as respetivas habilitações e responsabilidades profissionais, culturais e sociais. A avaliação da prestação profissional na instituição educativa e as qualificações pedagógicas, científicas e profissionais condicionam a progressão na carreira (LBSE, art.º 47). Essa carreira enfrenta desafios significativos, mas também é crucial para o desenvolvimento do país.

Qualquer instituição necessita de uma gestão racional e organizacional por forma a permitir a sua eficácia, assim sendo, o sistema educativo guineense não foge à regra.

É possível indicar que, além da política educativa que define as escolhas estruturais dos modos de organização e os meios colocados à disposição de cada nível de ensino, a gestão intervém nos processos através dos quais estas decisões são efetivamente implementadas para produzir os resultados esperados. Neste sentido, foram definidas duas dimensões complementares na gestão do sistema educativo Bissau-guineense (RMEN, 2015).

A primeira dimensão tem a ver com a distribuição dos meios mobilizados para as unidades descentralizadas e também para as escolas e estabelecimento de ensino escolares. A segunda dimensão tem a ver com a transformação destes meios, a nível local, por cada escola e estabelecimentos de ensino em aprendizagens principalmente nos alunos, isto é, de um ponto de vista exclusivamente qualitativo.

É importante sublinhar que a maior parte dos meios escolares são doados pelos parceiros nacionais e internacionais da educação, porque, atualmente o país não dispõe de condições para produzir materiais didáticos, sendo que as anteriormente existentes se encontram inoperacionais.

3.5. Algumas debilidades do sistema educativo guineense³

O sistema educativo guineense atravessa uma situação crítica, tendo em conta a constante instabilidade política e institucional do país, que fragilizou profundamente a administração pública abalando as estruturas com responsabilidades para a garantia de um futuro próspero. De acordo com a UNESCO (2016), é necessário e imperativo aproveitar o recente regresso à estabilidade política para o país lançar as reformas prioritárias para salvar o sistema e permitir a reconstrução do país.

Nessa necessária (re)organização, o setor educativo assume-se como prioritário uma vez que enfrenta uma vulnerabilidade extrema. Porque desde a independência do país, há 40 anos, a instabilidade política tem sido recorrente, causando sucessivas mudanças no tempo de poder e renovação das equipas encarregadas dos ministérios, entre eles o da educação (UNESCO, 2016.p.3).

Tendo o país uma estrutura demográfica jovem, em que 40% da população tem menos de 17 anos, tal característica exerce uma forte pressão sobre o sistema, sujeito a greves permanentes por parte dos professores, com um parque escolar insuficiente e, em muitos casos, degradado, com riscos de inundações em numerosos estabelecimentos de ensino (UNESCO, 2016, p. 9).

³ Considerando a importância da informação contida neste capítulo, procuramos apresentar dados que evidenciem as dimensões identificadas. Procurando informação fidedigna e o mais recente possível, grande parte da informação mobilizada tem por base as “Fichas Técnicas da Educação”, documento da UNICEF (2021).

Considerando o ano letivo 2022-2023, aproximadamente metade das crianças com idade de escolarização obrigatória encontra-se fora da escola.

Entre as causas atribuídas à ocorrência de tal facto uma respeita à insuficiente oferta de estabelecimentos escolares propondo uma escolaridade completa, o que contribui para situação de abandonos numerosos. Dada a situação económica e financeira do país, o Estado enquanto entidade responsável pela gestão e política educativa, não consegue assegurar o funcionamento pleno do sistema. Os recursos internos que o Estado dispõe representam apenas 7% do PIB, um nível considerado muito baixo, que, comparativamente à média verificada no continente africano (em particular em países de sub-região, como Mali, Gambia, Senegal, Nigéria, etc.) é cerca de três vezes inferior. Do magro orçamento do Estado, a parte consagrada à educação é, portanto, uma das mais fracas de Africa, obrigando as famílias a cobrir a maior parte das despesas de educação do país; contudo, cerca de 70% da população vive abaixo do limiar da pobreza (UNESCO Digital Library, polo de Dakar, 2016, p.23). É importante salientar que, em 2013, o Estado gastava em média 18000 Fcfa por cada criança escolarizada (menos de 40 dólares), um nível considerado insuficiente para dispensar um professor de base de qualidade para todas as crianças. Nestas circunstâncias, as famílias devem financiar com seus próprios recursos a educação dos seus educandos, sendo, em média, a contribuição das famílias superior àquela depositada pelo Estado – sendo calculada em 63% das despesas totais de educação (UNESCO, 2016.p.12).

Na Guiné-Bissau, sobretudo nas zonas rurais, as atividades escolares dos filhos são asseguradas pelas mães, visto que, muitos homens são polígamos, quando é assim, o pai muitas vezes não consegue assegurar os estudos dos filhos desta ou de outra mulher para não gerar hostilidade entre as esposas. Portanto, a responsabilidade acaba por ficar nas mãos de cada esposa, ou seja, cada esposa assume o sustento escolar do seu filho.

Como afirma a UNESCO (2016), na Guiné-Bissau, o nível da escolarização é muito baixo, onde apenas 60% das crianças terminam o ciclo primário de 6 anos, isto significa que o país está ainda longe de atingir o objetivo da educação para todos, um nível, portanto, considerado como mínimo para adquirir uma alfabetização desejável.

Tabela 1 - Despesas estimadas das famílias por criança na educação guineense

	Pré-escolar	Ensino básico	Ensino secundário
Média	9500	5100	24200
Tipo de estabelecimento			
Publico	1100	3300	31700
Privado	10600	14700	139200
Outros (comunitária madraça e	4600	8200	
Localização geográfica			
Bissau (SAB)	19400	9600	43900
Resto do país	4700	3900	18500

Fonte: Relatório do Ministério de Educação Nacional (2019, p. 80)

Como podemos observar na tabela 1, as despesas das famílias são mais elevadas no SAB, esta diferença explica-se, em parte, por um grande recurso ao ensino privado na capital.

Os dados revelam que as famílias dão um forte contributo para o financiamento da educação guineense, estima-se que gastaram mais de 4 milhões de francos CFA para a escolarização dos seus filhos em 2019, dos quais mais de metade foram no ensino secundário. Portanto, esta soma representa 49% das despesas totais, com diferenças de acordo com os níveis de escolaridades (RMEN, 2018, p. 80).

Por outro lado, as famílias contribuem maioritariamente para o financiamento do ensino secundário e do pré-escolar, (em torno de 62 e 65% para estes dois níveis). Contrariamente, para o Ensino Básico, o maior financiador é o Estado, uma vez que as despesas das famílias apresentam 34% do financiamento. Contudo, a referida participação das famílias é extremamente significativa, nomeadamente à luz dos objetivos da escolarização primária universal.

Sabe-se que, o nível de vida apresenta um papel fundamental no acesso à escola, por isso, as crianças de famílias mais abastadas têm 90% de possibilidade de ir à escola, a probabilidade para as crianças de famílias pobres é de apenas 65% (RSE, 2013). As desigualdades ligadas ao nível de vida crescem à medida que se

avança no sistema escolar, uma vez que as famílias com mais posses económicas têm cinco vezes mais hipóteses de concluir o Ensino Básico e oito vezes mais hipótese de acederem ao Ensino Secundário.

O que se pode, também, compreender a partir dos dados apresentados são as discrepâncias regionais. Outra das debilidades do sistema educativo guineense: as fortes assimetrias regionais, em que o meio rural carece de oferta educativa, pública e privada, e, conseqüentemente encontra-se em situação de forte iniquidade relativamente às áreas urbanas e, em particular, ao Setor Autónomo de Bissau - ainda que não se possa afirmar que o acesso à educação em meio urbano é pleno.

Considerando a informação disponibilizada pela UNICEF (2021), uma em cada dez crianças de 36 a 59 meses de idade frequenta a educação da pequena Infância. Entre os meios de residência, a taxa líquida de frequência para pequena Infância, é mais elevada entre as crianças residentes no meio urbano (40%) comparativamente a 5% entre as crianças residentes no meio rural. Verificando as taxas Líquida de frequência ajustada, tanto para o 1º ciclo básico, assim como para o 3º ciclo básico e secundário, o Sector Autónomo de Bissau (SAB), apresenta as taxas mais elevadas, respetivamente 85%, 17% e 20%, enquanto que a região Oio detém as mais baixas taxas 51% para o 1º ciclo básico; 3% para o 3º ciclo básico; e 1% para o ensino secundário (p. 5).

Considerando as taxas de conclusão, encontramos os seguintes resultados (UNICEF, 2021, p. 5): - 1º ciclo: nível nacional 27%; meio urbano 47%; meio rural 14%; - 3º ciclo: nível nacional 42%; meio urbano 31%; meio rural 7%.

Mas as disparidades gritantes no ensino guineense prolongam-se noutras dimensões, como é o caso das desigualdades de género e étnicas.

De acordo com o Exame Nacional Voluntário da Guiné-Bissau (2022, p.45) cerca de 60% da população feminina é analfabeta e somente 51% das mulheres na faixa etária dos 15-24 anos são alfabetizadas, enquanto esta taxa de alfabetização é de 70% para os homens da mesma idade. As diferenças de género registadas aumentam quando são comparadas zonas urbanas e rurais: sendo a taxa de alfabetização feminina nas zonas urbanas de 73% e de apenas 25% nas zonas rurais. (República da Guiné-Bissau, 2022, p 45).

Estas desigualdades de género também se registam no que respeita a níveis de ensino: no 1º e 2º ciclos de ensino básico os meninos estão um pouco mais frequentemente fora da escola (29% versus 26%); no 3º ciclo do ensino básico é a taxa de não escolarização das meninas que é maior. Já no nível de ensino secundário, 36% das meninas estão fora da escola, sendo este valor 12 pontos percentuais superior à dos meninos (UNICEF, 2021, p. 20).

Se, por um lado, entram quase tantas raparigas quanto rapazes na escola na Guiné-Bissau, por outro lado, elas têm quase duas vezes menos hipóteses que os rapazes de chegar ao 6º ano nas zonas rurais (MEN, 2016.p.22).

Importa sublinhar que se nós observamos um crescimento contínuo das desigualdades entre estes dois géneros (as raparigas e os rapazes) das zonas urbanas ao longo da escolaridade, esta constatação não é válida para os jovens das zonas rurais, visto que a relação de probabilidades de acesso entre rapazes e raparigas, estagna, ou seja, baixa ligeiramente a partir do 6º ano. Significa que os jovens dos meios rurais apresentam poucas possibilidades de completar o Ensino Básico e de aceder ao Ensino Secundário. Pode, assim, se pensar que, aqueles que conseguem, e nomeadamente as raparigas, disponham das características especiais que fazem com que não abandonem a escola em maior número que os rapazes (MEN, 2016).

Outra dimensão a considerar prende-se com as desigualdades no acesso e permanência na escola considerando o tecido étnico na Guiné-Bissau, sendo que as “crianças das etnias Fula, Balanta e Mandinga estão entre as que têm maior probabilidade de não concluir cada nível de educação” e “apenas 35 por cento da etnia Fula e 32 por cento da etnia Mandinga são alfabetizados” (UNICEF, 2021, pp. 10-15).

Mais da metade (52%) das crianças de etnia Mandinga com idade de frequentar os 1º e 2º ciclos de ensino básico estão fora da escola, sendo que quase todas as crianças de etnia Felupe de mesma idade (97 por cento) frequentam a escola (97%). (UNICEF, 2021, p. 20)

Quanto a taxas de conclusão, a etnia Mancanha apresenta uma taxa de conclusão de 59% no 1º e 2º ciclos do ensino básico, enquanto a média nacional é de 27%; a referir, como exemplo, que taxa de conclusão no nível de ensino secundário é

de 16% para a etnia Papel, comparado com os 11% a nível nacional (UNICEF, 2021, p. 7).

Outra fraqueza identificada prende-se com a qualidade do sistema educativo guineense, considerada deficiente. Existindo áreas fundamentais de competências, como a leitura, o cálculo e as TIC, cujos indicadores são muito baixos.

No que respeita às TIC, o nível de competências no país neste domínio é relativamente baixo, com apenas 6% por cento dos jovens com estas competências. Também aqui se identificam desigualdades, sendo que entre os jovens de melhores condições económicas 18% possuem competências em TIC, assim como jovens da etnia Mancanha com taxa de 17%. De notar que os jovens mais escolarizados são também os que revelam maiores competências TIC, o que salienta a importância da conclusão e progresso na escolaridade (UNICEF, 2021, p. 15). Também no que respeita a competências de leitura e de cálculo, os níveis identificados são baixos.

Apenas 12 por cento das crianças têm habilidades básicas em leitura e apenas 7 por cento em cálculo. Entre as crianças que frequentam o terceiro ano de escolaridade (...) apenas 11 por cento das crianças têm competências de leitura e 7 por cento de cálculo.

No entanto, as crianças que continuam na escola acabam por aprender. Por exemplo, no sétimo ano de escolaridade, três a cada quatro crianças têm competências de leitura (76 por cento) (UNICEF, 2021, p. 13).

Podem encontrar-se, igualmente, grandes desigualdades de aprendizagem, em particular no domínio da leitura.

Ainda que, segundo o género, meninos e meninas apresentem níveis de competências idênticos em leitura e em cálculo, quando considerados os meios rural e urbano, as crianças mais pobres e as que pertencem às três maiores etnias, verifica-se que os níveis de competências são inferiores.

(...) a proporção de crianças com habilidades de leitura é quatro vezes maior em meio urbano (24 por cento) que rural (6 por cento). Entre os mais ricos e os mais pobres há 25 pontos percentuais de diferença (29 por cento entre os mais ricos e 4 por cento entre os mais pobres) (UNICEF, 2021, p. 13).

As diferenças entre os meios rural e urbano mostram que duas em cada três crianças sem competências em cálculo e leitura vivem em meio rural e apenas uma em meio urbano (64%-69% meio rural e 36%-31% em meio urbano). Quanto à pertença étnica, na etnia Fula e na etnia Balanta encontram-se mais da metade de todas as crianças sem habilidades básicas de leitura e cálculo no país (UNICEF, 2021, p. 16).

Em síntese, podemos identificar um conjunto de dimensões que refletem as grandes debilidades do setor educativo na Guiné-Bissau e que pesam nas decisões de frequência, manutenção e conclusão dos ciclos de estudo: fraco financiamento do setor, com sobrecarga das famílias em despesas com a educação; necessidade de alargamento e redistribuição da rede escolar; necessidade de correção das fortes assimetrias socioeconómicas, de nível de vida, regionais, de género e étnicas; necessidade de melhorar o funcionamento das escolas, ao nível da gestão, das práticas pedagógicas e dos materiais, recursos e equipamentos.

De acordo com Mané (2019) um estudo feito entre o governo guineense e o sistema das Nações Unidas, UNICEF e UNESCO, concluiu que a Guiné-Bissau apresenta um dos mais baixos níveis de escolarização, ao nível africano, onde apenas 10% dos trabalhadores guineenses tiveram 10 anos de estudos completos.

O fraco nível de aquisição de competências combinado com as baixas taxas de escolarização coloca uma parte muito considerável da população com conhecimentos limitado, o que põe em causa a descolagem económica e de desenvolvimento do país.

Por outro lado, o Estado enquanto entidade máxima do sistema, apenas paga os salários aos professores, deixando de lado as outras responsabilidades com o sistema educativo.

Capítulo II. Metodologia

A metodologia é um fator fundamental na determinação e realização de qualquer investigação científica. Para a execução de uma investigação, ou seja, um determinado trabalho científico, a metodologia é a parte na qual são apresentadas as opções técnicas e procedimentais utilizadas, tendo em conta o objeto de estudo.

1. Abordagem metodológica e técnica

A abordagem metodológica selecionada para a realização desta pesquisa foi de tipo qualitativo, sendo uma investigação centrada no estudo de um caso sobre insucesso e abandono escolar numa escola pública do 1º e 2º ciclo de ensino básico, em Safim-Sede.

Este estudo tem uma natureza exploratória e segue a lógica de um estudo de caso; considerando um caso específico, procurando aprofundar o conhecimento sobre o mesmo e, deste modo, fornecer novos elementos para um melhor entendimento da problemática, neste caso do insucesso e do abandono escolares, mobilizando de forma otimizada as vivências que os agentes educativos têm.

Retomando os nossos objetivos, anteriormente apresentados, procurava-se compreender os fenómenos do insucesso e do abandono escolar nos referidos ciclos de ensino na Guiné-Bissau, região de Biombo, concretamente no setor de Safim na Escola Pública do Ensino Básico Unificado de Safim-Sede. De acordo com este objetivo geral, foram elaborados três objetivos específicos, orientadores no desenvolvimento deste nosso estudo:

1. Conhecer a estrutura do sistema educativo guineense;
2. Caracterizar o insucesso e abandono escolar no estabelecimento escolar no 1º e 2º ciclo na EBU (escola do ensino básico unificado de Safim-Sede).
3. Identificar e compreender os fatores que condicionam o insucesso escolar na EBU (escola do ensino básico unificado de Safim).

Foi, assim, tomada para análise uma escola pública, numa dada Região da Guiné-Bissau, a partir da qual procuraremos trazer contributos para a compreensão dos fenómenos do abandono e do insucesso escolares sem, contudo, termos a intenção de extrapolar resultados para outras escolas e regiões.

Para Gonçalves, Gonçalves & Marques (2021, p.18), o estudo de caso “permite-nos explorar a complexidade de determinados contextos, utilizando uma variedade de fontes de dados”. O estudo do referido caso, torna-se um contributo valioso para a construção de conhecimento científico, possibilitando o seu aprofundamento conhecer mais detalhadamente acontecimentos que ocorrem e que são observáveis. Segundo os mesmos autores, uma das vantagens do estudo de caso é a colaboração entre o investigador e o participante, ao mesmo tempo, permite que os participantes contem as suas histórias. E através destas histórias, os participantes são capazes de descrever os seus pontos de vista da realidade, permitindo ao investigador perceber melhor as ações dos participantes.

Conforme Yin (2010, cit. por Amendoeira & Figueiredo, 2018, p.103) defende, o estudo de caso "baseia-se no encadeamento das evidências, através da relação das questões de investigação, fontes de evidência, interpretação dos fatos achados e discussão dos resultados".

Da mesma forma, Ponte (1994 cit. por Barbosa, 2012, p.76) considera que:

É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspetos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.

Optou-se, assim, por desenvolver uma estratégia investigativa do tipo qualitativo, com o desenvolvimento de análise bibliográfica e documental, observação direta e participante e realização de entrevistas – técnicas consideradas adequadas para um maior aprofundamento dos contornos dos fenómenos e, também, para uma maior e mais espontânea participação dos sujeitos envolvidos.

Para concretização deste estudo, recorreremos, primeiramente, a algumas pesquisas bibliográficas. Posteriormente e com base em muita da informação daí resultante e sistematizada, recorreremos a uma inquirição através da técnica de entrevista, do tipo semiestruturada (Guião em Anexo IV).

As perguntas foram colocadas com intuito de saber, junto de cada entrevistado, a sua visão e conhecimento sobre o tema em estudo. Os entrevistados foram selecionados pela sua relevância no setor da educação na Guiné-Bissau, tendo sido realizadas a dois antigos ministros da educação nacional da Guiné-Bissau, ao diretor da escola em análise, aos professores/as (seis), a um representante do sindicato de professor, ao ex-presidente do sindicato nacional dos professores, a um aluno que repetiu o ano e a um aluno que desistiu no decurso do ano letivo, ao delegado regional da educação e a um representante dos pais e encarregados de educação – foram realizadas, no total, dez entrevistas.

As entrevistas foram integralmente transcritas e, a partir da sua transcrição foi elaborada uma síntese, que se apresenta nos anexos (Anexo I) em que os entrevistados são identificados através de símbolos. A análise de conteúdo foi realizada com base nas questões constantes nos guiões de entrevista, ou seja, identificando categorias temáticas das respostas dos integrantes deste estudo.

Concluindo as transcrições da entrevista deu-se início ao processo de busca e interpretação dos dados que foram fornecidos. Para esse efeito, recorreremos as diferentes técnicas de análise de conteúdo, a técnica de análise e interpretação, que Bardin (1977), define como:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 42).

Os processos técnicos de análise de conteúdo, objetivamente construídos e estáveis, permitem ao investigador elaborar uma interpretação que não tome como referência os seus próprios valores e representações (Quivy e Champenhoudt, 1992, p. 224).

Mesmo sendo uma técnica importante na construção de saberes, o risco de contaminação pelos valores e representações do investigador não estão completamente afastados, estão sobretudo mais controlados. Assim sendo, para obtenção de uma objetividade científica, mesmo que não totalmente isenta de subjetividade, o investigador não pode esquecer desta demanda, pelo que, a aplicação rigorosa da técnica é fulcral (Morgado, 2019).

Analisando a parte documental das entrevistas, surgiram 11 grandes categorias temáticas de análise:

1. Caraterização da escola alvo do nosso estudo
2. Estrutura física da escola e do pessoal docente e não docente
3. Caraterização de pessoal docente e não docente
4. Fundação social da escola
5. Quadro estatístico do ano letivo 2020/2021
6. Alunos
7. A língua e escola
8. Análise entre a distância e o acesso à escola
9. Luta dos professores guineenses
10. Papel do professor perante insucesso e abandono escolar
11. Natureza e condições da escola
12. Estrutura hierárquica da escola
13. Entidade financiadora
14. Dados estatísticos regional

Os conteúdos de cada uma destas categorias, isolada ou conjuntamente, integram a análise que será apresentada em capítulos subsequentes.

1.1. Procedimentos desenvolvidos

No que respeita a procedimentos desenvolvidos, para materialização do presente estudo, de antemão entregamos uma carta de autorização da Escola

Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém ao Secretário de Estado do Ensino e da Investigação Científica do Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau, seguidamente estabelecemos uma comunicação telefónica com a Direção da Escola do Ensino Básico Unificado de Safim, através do seu Diretor, para o informar do objetivo principal do nosso tema de estudo, e a resposta foi pontual e satisfatória. Logo que fomos recebidos, apresentamos a nossa carta de pedido de autorização validada pelo Secretário do Estado de Ensino e da Investigação Científica. O Diretor da escola exerceu um papel fundamental neste estudo, visto que foi quem influenciou os restantes intervenientes a colaborar e contribuir na realização deste trabalho.

Passo seguinte, tivemos encontros com as diferentes personalidades a nível da comunidade e das instituições públicas da cidade, que julgamos influentes para concretizar o nosso tema de estudo, entre os quais, os pais e encarregados de educação, antigos ministros da educação, antigos líderes sindicais dos professores e delegado regional de educação. Importa referir que, contatamo-los individualmente, marcamos o dia, local e a hora para realização da entrevista.

Queremos aqui enaltecer a satisfação dos nossos entrevistados quando tomaram o conhecimento do nosso tema de trabalho, que todos elogiaram, visto que é um tema que preocupa a toda sociedade tendo em conta as diversas consequências que essa problemática tem causado a nível da juventude local. Finalmente, todos ficaram entusiasmados e dispostos para nos facultar as justas informações de acordo com a capacidade de cada um em relação ao nosso tema de trabalho.

1.2. Principais Dificuldades

Importa, ainda, destacar um conjunto de dificuldades que atravessaram a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, salientar que o trabalho de pesquisa empírica decorreu no período marcado pela pandemia COVID-19, com fortes restrições no que respeita a viagens. A nossa viagem para Guiné-Bissau para recolha de informação foi cancelada duas vezes, devido ao aumento de casos de COVID-19; perdemos dois bilhetes, o primeiro foi com a companhia Royal Marrocos, onde as autoridades marroquinas decidiram cancelar temporariamente as ligações áreas com Portugal, devido aumento de novas variantes de COVID-19, referentes à variante Delta e Ómicron, sendo esta

última descoberta na África de Sul e que efetivamente desencadeou as ondas de restrições de viagens e afetou grandemente os mercados financeiros.

Recordo a chegada ao Aeroporto Humberto Delegado com destino à Guiné-Bissau, com teste COVID19 (antigénios) feito, mas que não era admitido para embarque, tendo sido obrigatório realizar outro teste, pelo qual paguei 100,00 euros, porque caso não o fizesse perderia, também, aquela viagem.

À chegada à Guiné-Bissau, deparamo-nos com uma série de problemas familiares, facto que nos deixou completamente desanimados e quase a desistir, mas não nos faltavam as palavras de conforto dos amigos e irmãos, que sempre estiveram ao nosso lado, o que realmente nos permitiu a prosseguir com os nossos trabalhos.

Quando tomado o conhecimento do falecimento do filho de meu tio em setembro de 2021, ficamos complementarmente desorientados, passando noites sem dormir, era um jovem no qual depositava muita confiança, tendo em conta a sua respeitabilidade e a dinâmica que sempre mostrava em prol da família.

No decurso da pesquisa, no princípio, tivemos também algumas dificuldades no que diz respeito ao agendamento das entrevistas, dificuldades essas que foram superadas graças a nossa perseverança e à boa colaboração de alguns dos nossos entrevistados. Pelo que, queremos aqui sublinhar a importância das conversas que tivemos com os nossos entrevistados que contribuíram muito para o engrandecimento e a execução deste trabalho, facultaram-nos pertinentes contribuições por meio das informações prestadas.

2. Caracterização sociodemográfica dos entrevistados

Sendo um tema com extrema importância, entendemos que, para sua concretização era fundamental receber os contributos de algumas figuras com ampla experiência nesta área.

A cada um dos intervenientes neste estudo, foi atribuído o seu respetivo símbolo, ou seja, o código individual: DEONE, P1 e P2, AMEN, APSNP, DRERB, RSPJE, RPEE, AQR e AQD.

A maioria destas individualidades fazem parte da escola ressalva, o antigo ministro de educação, o de sindicato dos professores, o delegado regional de

educação e o responsável dos pais e encarregados de educação. Também queremos sublinhar aqui, o espírito profissional do diretor da escola alvo do nosso estudo, a paciência e boa vontade da sua equipa, pela forma que nos receberam desde o primeiro dia até ao fim do nosso trabalho.

Para melhor se conhecer a composição da nossa amostra, apresentamos de seguida uma breve característica sociodemográfica dos nossos entrevistados, onde estabelecemos uma grelha de análise dividida em classe, ou seja, categoria e subclasse, registo e uma frequência. Indicamos, igualmente, algumas características dos nossos entrevistados:

Tabela 2-Caraterísticas sociodemográficas dos entrevistados (síntese)

Professores						
Código	Legitimação de entrevista	Idade	Sexo	Função	Nível escolar	Situação profissional
P1	Aceito	54	F	Professora	Bacharelato	35 anos como professora
P2	Aceito	34	M	Professor	Bacharelato	17 anos como professor
RSPJE	Aceito	38	M	Professor e representante de SINDEPROF	Bacharelato e Licenciado	10 anos como professor
DEONE	Aceito	37	M	Diretor	Bacharelato	10 anos como professor
Pais e encarregados de educação e algumas figuras públicas						
AMEM	Aceito	63	M	Professor	Licenciado	20 anos como professor e 5 como representante de Guiné-Bissau junto a CEDEAO.

APSNP	Aceito	55	M	Diretor Geral das finanças	Bacharelato e Licenciado	20 anos como técnico do MEN e 20 anos como professor.
DRERB	Aceito	56	M	Diretor Regional	Bacharelato e Licenciado	35 anos como professor e 3 anos como formador na FEC.
PEE	Aceito	39	M	Secretario geral da escola	Bacharelato	12 anos como técnico administrativo.
Aluno repetente						
AQR	Aceito	13	M	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
Aluno abandonante						
AQD	Aceito	15	M	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma

Fonte: Elaboração do autor

Capítulo III. Apresentação e discussão de resultados

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa realizada, com base na informação recolhida através de distintas fontes (documentação, observação e entrevistas).

Começamos por fazer uma caracterização da escola objeto do nosso estudo, apresentamos alguns dos seus indicadores de frequência, permanência e desistência/abandono, para de seguida nos focarmos nos seus fatores explicativos.

1. Caracterização da escola objeto de estudo

Como informamos, o trabalho de pesquisa foi realizado numa escola do 1º e 2º ciclo do ensino básico, inserida na comunidade do setor de Safim-sede.

Na análise e discussão de dados, fez-se necessário a caracterização da instituição objeto do nosso estudo. Isso ajuda na perceção das respostas obtidas, uma vez que se trata de uma investigação que procura pesquisar uma representação social que engloba o insucesso e abandono escolar.

Dias (2020 p.40), adverte que “abandono escolar é uma expressão do fracasso social, dos complexos processos de reprodução da lógica e política de exclusão que perpassa as instituições sociais e políticas”. O Setor de Safim fica situado na zona norte da Guiné-Bissau, faz parte da região de Biombo, a distância com a capital do país, cidade de Bissau, é de 16km. É povoado maioritariamente por indivíduos da etnia papel, mas também de demais etnias como por exemplo, balantas, fulas, mandigas, bijagós, mancanha, manjacos e felupe.

É uma zona muito diversificada em termos culturais, sendo as mais dominantes relacionadas com as etnias papel e balanta.

A realidade da zona na qual se desenvolveu este trabalho, corresponde a uma área socialmente complexa, onde as crianças vivem numa pobreza extrema, onde o desemprego parece crónico, existindo situações de subemprego mal pagas e carências alimentares. As condições de estudo das crianças são precárias, não têm espaço próprio para o fazer e, em muitas situações, nem sequer iluminação. Muito

menos têm os materiais didáticos para desenvolverem as suas capacidades. Em conjunto, estes elementos, acabam por deixar as crianças desmotivadas, com fraca produtividade escolar pois não se encontram reunidas condições mínimas para se concentrarem e dedicarem as tarefas escolares.

Relativamente à caracterização da escola alvo do nosso estudo, é uma escola pública, criada pelo governo da Guiné-Bissau, através do Ministério da Educação Nacional, com o objetivo de atender às necessidades educativas das comunidades da zona em questão. Os professores são colocados pelo Ministério da Educação Nacional e os restantes profissionais são recrutados pela Direção da escola de acordo com as necessidades existentes.

A escola foi construída pelo governo da Guiné-Bissau, tem quatro pavilhões, os três estão murados, o primeiro pavilhão tem duas turmas cada uma delas leva 30 alunos, segundo com uma turma que tem capacidade de acomodar 30 alunos e um gabinete do diretor, o terceiro tem três salas de aulas, cada uma delas tem a capacidade de receber 30 alunos, também tem uma sala de professores e por ultimo, o quarto pavilhão tem seis salas de aulas, cada uma delas, tem a capacidade de receber 30 alunos e ainda conta com uma sala de professores. A escola funciona em dois períodos, sendo que o primeiro período engloba os alunos de 1º a 2º ano, que entram de manhã das 8 horas as 12 horas e os 3º e 4º anos, que entram no período da tarde das 13 horas as 18 horas.

Tem capacidade para receber anualmente 551 crianças desta zona, das quais, dos que se encontravam a frequentar à data desta pesquisa, 265 são de sexo feminino e 286 do sexo masculino.

Conta com 39 professores, dentre os quais 14 são do sexo feminino e 25 do sexo masculino. A escola tem nove (9) professores com graus de licenciatura, vinte e quatro (24) com graus de Bacharel e cinco (5) com a formação média de dois anos, ou seja, são professores que durante o processo de formação não tiveram formação pedagógica. Também a escola tem um responsável dos pais e encarregados de educação, que serve como elo da ligação entre a direção da escola e a comunidade local. Sendo uma escola pública, as crianças não pagam propinas, tendo em conta a lei de base do sistema educativo guineense que determina a universalidade, obrigatoriedade e gratuidade no 1º e 2º ciclo do ensino básico nas escolas públicas. Tendo em conta a especificidade da zona, a escola é rodeada de várias tabancas

(aldeias) distantemente da escola. Como é obvio, na Guiné-Bissau, assim como em muitos outros países africanos, as línguas são muitas, visto que os grupos étnicos são variados, possuindo cada um a sua própria língua materna. Pois, no caso da Guiné-Bissau, para além das línguas usadas por cada um dos grupos étnicos, existe uma língua comum falada por cerca de 70% da população de todo o país, o crioulo de base portuguesa, e também uma língua oficial utilizada na administração e no ensino (Semedo, 2003).

A língua usada na escola é o português para ensinar os conteúdos científicos aos seus alunos. Não obstante que existem certas expressões em português que os alunos não entendem, pelo que, os professores às vezes são obrigados a usar a língua nacional ou moderna (crioulo) para facilitar a compreensão e a perceção destes alunos.

Tabela 3 - Estrutura física da escola

Nº	Compartimento	Quantidades
01	Diretoria	01
02	Secretaria	01
03	Sala de Professores	01
04	Sala de aula ou turmas	08
05	Dispensa ou depósito de materiais	01
06	Armazém de género alimentícios	01
07	Cozinha	01
08	Sanitário ou WC de alunos	03
09	Sanitário ou WC de professores	02
10	Total de alunos	551
	Raparigas	265
	Rapazes	286
11	Total de professores	39
	Mulheres	14
	Homens	25
12	Funcionárias de apoio	2
13	Bibliotecas	Não

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 4- Caraterização de pessoal docente e não docente

Nº	Professores com licenciatura			Professores com Bacharel			Professores com a formação média			Pessoais não docentes			Alunos		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
01	Sexo			Sexo			Sexo			Sexo			Sexo		
02	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
03	6	3	9	12	13	25	2	3	05	0	2	02	192	181	373

Fonte: Elaboração do autor

1.1. Fundação social da escola

Esta escola, foi fundada em 1980, alguns anos depois da independência nacional, com o objetivo de assegurar, garantir e reduzir o nível de analfabetismo existente no seio da comunidade de Safim. Nos primeiros anos da sua implantação, foi registado uma grande resistência por parte da comunidade com o medo do regresso ao período colonial, esta impasse mais tarde foi ultrapassado com a intervenção do administrador local. Após essa resistência iniciou o processo da construção de primeiro pavilhão com duas turmas que tinham a capacidade de receber 80 alunos por ano e funcionava com dois níveis de escolaridade 1º e 2º ano.

Na sequência da revolução legislativa de 2011 da lei base do sistema educativo guineense, a escola passou para o ensino básico unificado e conta atualmente com quatro pavilhões, sendo um com duas salas de aulas, dois com três salas e um com apenas uma sala de aulas e uma sala de professores.

Atualmente, a escola é uma instituição de diversas funções, preconizando a sua missão oferecer um ensino de qualidade a toda comunidade, sendo que criar condições para que os alunos adquiram conhecimentos e competências a principal função desta escola. Este desafio é colocado a todos os professores e demais pessoas que fazem parte desta escola, considerando a necessidade de acompanhar o caminho de mudança que a conjuntura atual da sociedade exige.

Assim, a escola deve através da lei de bases do sistema educativo em vigor no país, garantir direitos de acesso assim como de permanência das crianças na sala de aula para permitir a sua formação e garantir a sua participação cidadã.

Para além das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, esta escola desempenha, também, um papel fundamental na formação social desta comunidade, os valores e competências que ela ensina são e serão levados pela comunidade para toda vida.

1.2. Estrutura hierárquica e administrativa da escola

A escola é composta por um diretor, um subdiretor, um secretário, um presidente de conselho técnico pedagógico, um estatístico, e um financeiro. O diretor é responsável máximo da escola, cuja função, é administrar todos os assuntos inerentes ao funcionamento da escola, também é interlocutor direto da escola próximo do Delegado Regional e do Ministério da Educação Nacional. O subdiretor é considerado substituto direto do diretor em caso da ausência, ao secretário compete registar todas as atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo.

O presidente de conselho técnico pedagógico é responsável para elaboração dos horários e entrega dos mesmos aos professores e controlar as práticas pedagógicas dos professores;

O estatístico é a quem compete proceder ao levantamento dos dados estatísticos dos alunos, dos professores, apurar os dados de reprovação, aprovação e a desistência.

Ao financeiro compete gerir os fundos provenientes das matrículas e demais doações.

1.3. Entidade financiadora

Sendo uma escola pública, a entidade financiadora é o Governo da República da Guiné-Bissau. Os recursos humanos de que a escola dispõe são colocados e pagos pelo governo da Guiné-Bissau, através do Ministério da Educação Nacional, entidade responsável pela gestão dos recursos humanos e das políticas educativas. Existem, também, parceiros internacionais da educação, caso concreto de Programa

Alimentar Mundial (PAM), que apoia a escola com géneros alimentícios (cantinas escolares) no âmbito de acordo assinado pela organização com o Governo da República da Guiné-Bissau para assegurar a permanência das crianças na sala de aula e incentivar a produtividade escolar das crianças.

A PLAN Internacional e a UNICEF que têm apoiado o governo da Guiné-Bissau na elaboração dos manuais escolares para o ensino básico, com vista a garantir o processo de ensino e aprendizagem das crianças. Também a escola conta com a colaboração da comunidade local, que tem apoiado a escola com a limpeza e também com pequeno incentivo em dinheiro nos momentos das greves para garantir a permanência dos professores na sala de aulas. Como é sabido, as greves nas escolas públicas são crônicas e as famílias para salvar a vida escolar dos seus educandos foram sempre mobilizando em pequenos fundos para atenuar eventuais perturbações que possam decorrer durante o ano letivo. Apesar de esforços que os parceiros internacionais têm empreendido ao longo dos anos para garantir o funcionamento pleno deste setor, o mesmo ainda continua a ter um longo caminho a percorrer.

1.4. Relatório de Repartição Estatística da Região de Biombo

Segundo o relatório da Direção Regional da Educação de Biombo, os dados estatísticos abaixo apresentado [Tabela 5], representam uma grande preocupação, tendo em conta o nível de reprovação e de não conclusão dos ciclos de escolaridade.

Existem mais meninas que meninos a não concluírem em vários níveis de ensino, entre o básico e o secundário. No caso do 1º e 2º ciclo do ensino básico, sete em cada dez crianças que não o concluíram residem nas zonas mais distantes da escola. Em relação ao nível económico, crianças que vivem em família mais pobres são a maioria entre as crianças que não concluem.

Para fazer face a esta situação, a direção regional de Biombo tenciona acionar mecanismos que tendam a melhorar esta tendência. A implementação de quaisquer mecanismos requiere o apoio do governo central através do Ministério da Educação Nacional.

Tabela 5 - Resumo Estatístico da Região de Biombo

Nível de escolaridade	M. Inicial			M. Atual			Aprovado			Reprovado		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Jardim	3505	3699	7204	3278	3496	6774	2955	3101	6056	323	395	718
1º Ano	2645	2771	5416	2516	2673	5189	2004	2154	4158	512	519	1031
2º Ano	2523	2704	5227	2458	2681	5139	1965	2128	4093	493	553	1046
3º Ano	2251	2481	4732	2184	2429	4613	1767	1932	3699	417	497	914
4º Ano	2034	2218	4252	1997	2186	4183	1605	1768	3373	392	418	810
5º Ano	1747	1971	3718	1727	1913	3640	1403	1556	2959	324	357	681
6º Ano	1342	1601	2943	1319	1588	2907	1166	1400	2566	153	188	341
7º Ano	1202	1503	2705	1179	1505	2684	1009	1265	2274	170	240	410
8º Ano	1015	1086	2101	988	1080	2068	820	912	1732	168	168	336
9º Ano	846	951	1797	843	943	1786	714	804	1518	129	139	268
10ºAno	609	688	1297	596	713	1309	564	670	1234	32	43	75
11ºAno	492	515	1007	517	541	1058	478	495	973	39	46	85
12ºAno	312	365	677	304	375	679	298	359	657	6	16	22
Total Regional	20523	22553	43076	19906	22123	42029	16748	18544	35292	3158	3579	6737
<p>RERB "Resumo Regional " Dados Estatísticos das escolas Públicas da região de Biombo por setor- 2021/2022</p>												
Setor	M. inicial			M. Atual			Aprovado			Reprovado		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Biombo	4790	4425	9215	4280	4014	8294	2650	2602	5252	1630	1412	3042
Prabis	5503	5135	10638	5283	4861	10144	3540	3269	6809	1743	1592	3335
Safim	3690	2881	6571	4269	3353	7622	3533	2646	6179	736	707	1443
Total Regional	13983	12441	26424	13832	12228	26060	9723	8517	18240	4109	3711	7820

Fonte: Relatório do departamento estatístico da região de Biombo⁴.

⁴ Obtido por comunicação pessoal no decurso da investigação.

Verifica-se que entre os alunos que reprovaram, o correspondente a 18,5% estudavam no setor no qual decorreu o nosso estudo Safim; tendo, neste caso reprovado mais estudantes do sexo masculino do que do sexo feminino.

Relativamente a abandono/interrupção, regista-se um total regional de 364 desistências, sendo que 213 são meninas e 151 são meninos. Quanto a Safim, verificou-se um aumento de 1051 matriculados após a contagem de matrículas iniciais, dos quais 579 são meninos e 472 são meninas.

1.5. Informação estatística relativa ao ano letivo 2020/2021⁵

Relativamente à escola objeto desta investigação, passamos a apresentar também alguns dados de informação estatística relativos à frequência, permanência e aproveitamento escolar, considerando o ano letivo de 2020-2021.

Com base na leitura das tabelas apresentadas (Tabelas 6 a 8), é possível perceber que ao longo do ano letivo de 2020/2021, a escola matriculou um total de 551 alunos.

Tabela 6-Tabela 6 - Mapa descritivo de dados da matrícula inicial e final do ano letivo 2020/2021

		Nome de escola: Escola do Ensino Básico Unificado de Safim- Sede													
		Localidade: Safim Centro													
		Níveis que Administra: 1º a 6 ano de escolaridade													
Mapa descritiva de dados da matrícula inicial e final do ano letivo 2020/2021															
Níveis	Mat. inicial			Fre. das aulas			Mat final			aprovado			Reprovado		
	M	F	T	M	F	T	MFM	MFF	TF	M	F	T	M	F	T. Rep
1º	45	46	91	45	46	91	41	39	80	29	30	59	12	9	21
2º	49	48	97	49	48	97	34	34	68	28	22	50	6	12	18
3º	48	47	95	48	47	95	29	29	58	21	11	32	8	18	26
4º	50	40	90	50	40	90	44	33	77	34	29	63	10	4	14
1º C	192	181	373	192	181	373	148	135	283	112	92	204	36	43	79

⁵ Tabelas elaboradas pelo autor a partir da informação recolhida.

5º	46	42	88	46	42	88	34	31	65	18	18	36	16	13	29
6º	48	42	90	48	42	90	41	42	83	34	22	56	7	20	27
2º C	94	84	178	94	84	178	75	73	148	52	40	92	23	33	56

A análise das tabelas apresentadas, mostra que o número de matrículas diminuiu ao longo do ano letivo, tendo-se verificado um decréscimo de alunos em todos os anos de ambos os ciclos de estudo; no total, desistiram 120 (cento e vinte alunos), tendo, estes, idades compreendidas entre os 6 aos 16 anos e sendo de ambos os sexos.

Tabela 7-Dados abandono escolar do ano letivo 2020/2021(síntese)

				Nome da escola: Escola do Ensino Básico Unificado de Safim -Sede			
				Localidade: Safim			
				Níveis que administra: 1º a 6º ano de escolaridade			
Mapa descritivo de dados de matrícula inicial e final do ano letivo 2020/2021							
Desistência ou abandono							
Níveis	M	F	T				
1º	3	8	11				
2º	13	16	29				
3º	15	22	37				
4º	6	7	13				
1º ciclo	37	53	90				
5º	10	13	23				
6º	2	5	7				
2º ciclo	12	18	30				

Tabela 8-Quadro percentuais de aprovação, reprovação e desistência

Níveis	Designação	Percentagem
1º Ano	Aprovação	65%
	Reprovação	23%
	Desistência	12%
2º Ano	Aprovação	51%
	Reprovação	19%
	Desistência	30%
3º Ano	Aprovação	34%
	Reprovação	27%
	Desistência	39%
4º Ano	Aprovação	70%
	Reprovação	16%
	Desistência	14%
5º Ano	Aprovação	41%
	Reprovação	33%
	Desistência	26%
6º Ano	Aprovação	62%
	Reprovação	30%
	Desistência	8%

Conforme sistematizado na Tabela 7, sendo esta diminuição para o 1º ciclo de 90 alunos (equivalente a quebra de 24,1%) e para o 2º ciclo de 30 alunos (correspondendo a uma quebra de 16,7%).

Verifica-se, igualmente, que em ambos os ciclos interromperam/abandonaram mais meninas do que meninos: 1º ciclo, respetivamente 53 e 37; 2º ciclo, respetivamente, 18 e 12 [Tabela 7].

No concerne a aprovação, no primeiro ciclo registou-se cento e doze (112) aprovados do sexo masculino e noventa e dois (92) do sexo feminino, a soma total de aprovação é de duzentos e quatro (204). No segundo ciclo aprovaram cinquenta e dois (52) rapazes e quarenta (40) raparigas, totalizando noventa e dois (92) aprovados.

Em relação a reprovação, no primeiro ciclo, registamos trinta e seis alunos de sexo masculino (36) e quarenta e três de sexo feminino, totalizando setenta e nove (79). E no segundo ciclo, registamos vinte e três (23) rapazes e trinta e três (33) raparigas, que totalizaram cinquenta e seis (56) reprovados.

Relativamente aos dados referentes a reprovações, um indicador de insucesso, importa referir que esta é uma prática muito desigual segundo os países; enquanto nuns países não existe, noutros países é utilizada consideravelmente. Em África existe uma linha divisória clara entre os países francófonos e lusófonos que utilizam consideravelmente a reprovação. A tabela que apresentamos revela exclusivamente a reprovação na escola onde desenvolvemos este trabalho, o que mostra que, à semelhança do que acontece no sistema educativo guineense a nível nacional, também aqui se verifica que as reprovações são bastante significativas.

No ano letivo em análise (2020/2021), registou-se um decréscimo muito grande de alunos, em relação ao período anterior; este decréscimo foi-nos explicado tendo em conta a paralisação, ou seja, as greves dos professores, facto que levou muitos pais a matricularem os seus educandos noutras escolas, nomeadamente nas escolas privadas.

Tendo em conta a especificidade da zona, a maior parte dos alunos vivem nos arredores da escola, com os pais e encarregados de educação. Contudo os alunos entrevistados queixaram-se da distância entre a casa e a escola. Ao longo da nossa permanência no terreno, conseguimos saber que, embora não sendo a maioria, existem alunos que vivem muito distante da escola o que os obrigam a percorrer entre 3km e 4km para chegarem a escola.

Um dos principais problemas existentes é o facto de os alunos terem de percorrer distâncias que ainda são bastantes grandes, onde os alunos têm de se levantar cedo (nomeadamente os que frequentam o período da manhã, a iniciar às 8h), sobretudo os das aldeias mais distantes percorrendo a distância a pé até a escola. Portanto, esse percurso que os alunos fazem diariamente para irem estudar interfere sobremaneira no seu desempenho escolar.

Na verdade, o tempo que os alunos permanecem na escola é de elevada importância, mas por aquilo que constatamos, estas crianças passam menos tempo na escola do que fora dela. A carga horária semanal é diferente nos vários tipos de

instituições de ensino público, sendo que nos casos em estudo a carga horária é muito inferior. Deste modo, estas disparidades a nível do horário dos alunos, futuramente poderão desencadear uma desigualdade de direitos, de oportunidades, de igual modo a desigualdade social, deixando os alunos do ensino público em categorias menos altas em desvantagem perante o outro grupo de alunos que frequente as escolas privadas.

Sabe-se que no processo de ensino e de aprendizagem é, também, importante considerar tempos livres para os alunos, verificando-se que uma parte dos conteúdos de aprendizagens escolares destes alunos é adquirida voluntariamente nas suas atividades individuais ou coletivas realizados nos seus tempos livres. Estas atividades realizadas pelos alunos durante os tempos livres são extremamente importantes dado que poderão ajudar o sucesso escolar dos mesmos.

2. Fatores que contribuem para o insucesso e o abandono escolares

Considerando as entrevistas realizadas, os nossos entrevistados apontaram o que na sua perspetiva podem constituir as principais causas para situações de insucesso e de abandono escolar.

São identificadas a falta e más condições das infraestruturas escolares, como é o caso da escola alvo do nosso estudo, a instabilidade no sistema educativo resultante das greves nas escolas públicas, a inadequação dos programas que é uma razão global na Guiné-Bissau, questões de ordem política, cultural e linguística, bem como o fenómeno de casamento precoce; foram indicados, ainda, como fatores condicionantes a distância entre a escola e a residência do aluno, bem como fatores de ordem económica – particularmente associados à colheita de castanha de caju.

Passaremos, de seguida a analisar os diferentes fatores apontados.

2.1. Instabilidade no sistema educativo guineense (greves)

A escola de Guiné-Bissau enfrenta uma vulnerabilidade extrema. Desde a independência do país, há 40 anos, a instabilidade tem sido constante, com sucessões de mudanças no topo do poder e renascimento das equipas encarregadas dos ministérios, dentre eles o da educação (UNESCO, 2016, p. 01).

Foi possível identificar, por parte dos nossos entrevistados, uma clara preocupação com a instabilidade existente no sistema de ensino guineense.

Os resultados decorrentes das sucessivas greves nas escolas públicas do país, desde o ano 1991 a esta data, contribuiu grandemente para o fracasso do próprio sistema. É a partir do ano de 1991 que o Governo da Guiné-Bissau reconheceu a lei de liberdade sindical, ou seja, a lei da greve, da requisição civil e da manifestação pública. Portanto, foi a partir dessa data que a sociedade guineense conseguiu ter um despertar da atenção sobre a reivindicação e as greves passaram a ser um círculo vicioso no setor educativo guineense.

Numa análise retrospectiva, desde o ano 2009 até ao momento atual, em todos os anos existiram períodos de greve, consequentemente em nenhum ano foram completados 60 dias letivos. Este contexto de vulnerabilidade generalizada atinge particularmente a escola, assim, existe uma variedade de desafios e problemas em muitos aspetos da vida na sociedade, que afetam particularmente a escola.

Importa sublinhar que, 40% da população tem menos de 17 anos, isso mostra que quase metade da população é jovem e, portanto, provavelmente está na idade escolar, colocando assim, uma grande pressão sobre o sistema educativo para fornecer educação a um grande número de alunos (UNESCO, 2016). Um país onde a insegurança alimentar é muito aguda, ou seja, muitas pessoas na sociedade não têm acesso seguro e confiável a alimentos suficientes, o que pode afetar a capacidade dos alunos de aprender efetivamente.

A luta dos professores envolve entre outros, a valorização da categoria e dos meios de trabalho, ligados às infraestruturas escolares, material didático e demais condições indispensáveis para melhor funcionamento da atividade docente. Como foi referido anteriormente, um dos principais problemas do ensino guineense tem a ver com a falta de professores. Como afirmou Semedo (201, p13-14),

Falar da educação na Guiné-Bissau, para maioria dos guineenses, é falar de problemas que começam com a falta de salas de aulas, de professores qualificados e que terminam com uma taxa de repetência e de desistência. É falar de salários baixos e pagos com grandes atrasos.

Por isso, muitos professores são obrigados a desempenhar uma dupla jornada, tendo de trabalhar em escolas privadas para garantir o mínimo de condições de

manutenção do sustento digno seu e da própria família. Pelas razões expostas, professores mais jovens e recém-formados são obrigados a emigrar para outros países africanos, e fora do continente africano, em procura de melhores condições de vida e de trabalho.

A outra luta tem a ver com a implementação prática do estatuto de carreira docente, que tem sido um dos principais pontos nos sucessivos cadernos reivindicativos de sindicatos dos professores. Um documento que os sindicatos dos professores consideram importante para melhoria de condições da classe docente.

A referida lei foi criada em 2011, mas nunca chegou a ser implementada pelos sucessivos governos da Guiné-Bissau, alegando-se irregularidades, as anomalias foram corrigidas em 2018 através de uma comissão criada pelo Governo que contava com a presença de diferentes entidades, nomeadamente, membros de governo, sindicatos dos professores, representante dos pais e encarregados de educação, associação dos alunos e ONG que atua no setor educativo.

Após a correção, o documento foi promulgado no dia 20 de dezembro do ano 2018 pelo antigo Presidente da República. Mesmo com a promulgação deste documento, o Governo continua inflexível na sua aplicação. Recentemente, o governo decidiu suspender o processo de admissão dos novos ingressos, alegando falta de verbas, o que significa que uma boa parte das crianças guineenses ficarão fora do sistema educativo no ano letivo 2022/2023 e, se a situação não vier atempadamente a ser resolvida, em anos subsequentes.

Também queremos frisar que, as crianças na Guiné-Bissau começam a escola, em média, 4 anos mais tarde do que a idade oficial para começar a escola, tendo em conta a vários fatores, como a pobreza, a falta de acesso à educação e as normas culturais. Mais de 20% dos alunos na escola primária repetem o ano, devido as dificuldades de aprendizagem, falta de apoio educacional ou problemas sociais e económicos (UNESCO, 2016).

Sendo indiscutível a necessidade de criar condições de trabalho justas e dignas para a classe profissional dos professores, a demora em encontrar e aplicar uma solução tem contribuído para agravar as condições de ensino e aprendizagem, já precárias por um conjunto de outros fatores, e põe em causa a qualidade das aprendizagens dos alunos.

Nós enquanto professores estamos cansados de greve queremos trabalhar, mas, também o governo tem de assumir a sua responsabilidade, isto é, o pagamento integral do atrasado salarial que tem com a classe docente, devolução de dinheiro de carga horária retirada injustamente nos salários dos professores pelo anterior governo. Também exigimos as melhorias de condições das infraestruturas escolares que não nos dignificam e muito menos atraem a presença dos alunos. Para mim, a melhor forma de manter os alunos na sala de aula, é dotar os professores dos meios e das ferramentas para que possam estar em condição e por conseguinte, ajudar as crianças no seu processo de ensino aprendizagem (Entrevistado F).

2.2. Causas de cunho Político

Os nossos entrevistados consideram que a politização do sistema educativo guineense é também outro fator que contribui para a instabilidade e que, ao impactar no quotidiano das instituições educativas, acaba por contribuir para as situações de insucesso e abandono escolar. Referem-nos que o sistema está completamente politizado; qualquer mudança governativa, implica que a mesma também acontecerá nas diretorias das escolas públicas, muitas das vezes os diretores acabam por ser pessoas versadas em outras áreas longe da educação. A pessoa é nomeada porque, durante o processo eleitoral esteve ao lado, ou seja, apoiou o partido vencedor das eleições.

A situação acima mencionada não deixa o sistema funcionar na sua plenitude, tendo em conta as influências políticas, contribuindo de forma negativa para retrocesso do ensino público guineense.

Uma outra coisa, tem a ver com a política, que nos últimos anos tem ganhado lugar no setor do ensino, onde os diretores das escolas e os sucessivos ministros da educação foram nomeados através dos cunhos políticos, isto vem deteriorar cada vez mais o sistema (Entrevistado F).

2.3. Causas de cunho sociocultural

Relativamente a fatores associados a uma dimensão sociocultural, podemos encontrar diferentes referências, entre as quais são incluídos aspetos relativos às tradições ligadas aos diferentes grupos étnicos, à circuncisão dos rapazes, ao casamento precoce das raparigas e ao desfasamento de entendimentos entre uma cultura letrada e não letrada. Um dos nossos entrevistados chama a atenção para a existência de diferentes padrões culturais, que relaciona com uma perceção quanto à frequência escolar segundo o género.

padrões culturais, porquê de padrões culturais, é que, por exemplo no âmbito da escolarização das raparigas, eles dizem que as raparigas não vão para escola, elas ficam em casa e só os rapazes é que vão à escola... porque concluiu-se a priori que as raparigas não aprendem (...). Então, quando nós falamos de insucesso escolar, nós podemos apontar a distância da escola para casa, podemos apontar padrões culturais (Entrevista B).

Outro entrevistado aponta também as questões culturais, considerando que as questões do insucesso e do abandono também se relacionam com

a questão de cultura, às vezes quando existe digamos colégios indígenas (fanado⁶) praticamente os pais arrastam os filhos para colégios indígenas levando tempo ali e praticamente quando chegam ao período eles já não podem assimilar essa matéria tudo isso contribui para insucesso escolar. Também temos a outra parte que é a questão de casamento precoce que é dado para certos pais, mas isso também tem a ver que os pais que até ao momento não souberam qual é o futuro dos seus filhos, quer dizer o valor que a escola pode dar aos seus filhos, esse são um dos fatores que trouxe o insucesso escolar ao nível dessa região (Entrevistado C).

⁶ O fanado (circuncisão), é um ritual de iniciação da vida adulta. O fanado é efetuado por várias etnias variando a idade dos intervenientes, a periodicidade com que é praticado ou a sua duração. Com o fanado, os jovens tomam a consciência da sua vida social e da personalidade, passando em algumas etnias, um período na floresta ou mato, no cumprimento de uma série de cerimónias envoltas em grande secretismo de que não devem falar quando regressam e assumem o seu novo papel na sociedade (fonte: comunicação pessoal por parte de membro da comunidade local).

Olhando pela tradição africana, a circuncisão dos rapazes é uma prática comum em várias tradições culturais e locais no continente africano. No entanto, essa tradição tem um significado muito importante na cultura guineense fundamentalmente na região de Biombo, em que é obrigatório que todas as crianças do sexo masculino sejam submetidas à prática de circuncisão, marcando a passagem da adolescência para a fase adulta. No que respeita ao casamento precoce, nas opiniões recolhidas dos nossos entrevistados, percebe-se que o mesmo é entendido como estando ligado a conceitos culturais de honra e poder das famílias, que limitam a integração financeira social e a autonomia das raparigas. Associa-se, também, à condição de pobreza das famílias que reforçam a sua segurança financeira graças aos dotes e ofertas que recebem, mas também porque haverá menos uma pessoa em casa o que corresponde à diminuição dos gastos com alimentação, escola e saúde. Acresce o desejo dos futuros maridos de se casarem com meninas mais jovens consideradas mais atraentes e de mais fácil controle do que as mulheres adultas e diferença de poder nas decisões. De acordo com os dados fornecidos no estudo levado a cabo pela UNICEF (2021), 8% das jovens guineenses entre os 20 e 24 anos casaram-se antes dos 15 anos e outras 18% casaram-se entre os 15 e os 18 anos, resultando em uma taxa de casamento precoce total de 26%.

As taxas de casamento precoce são maiores em mulheres jovens vivendo nas zonas rurais ou com famílias mais pobres. No entanto, o nível de educação frequentado também está fortemente relacionado com o casamento precoce. Entre mulheres que não frequentaram a educação básica, as taxas são de 18 e 33 por cento, totalizando entre elas 51 por cento de casamento precoce. Por outro lado, quase nenhuma jovem que frequentou o ensino médio, técnico ou superior casou-se antes dos 18 anos (UNICEF, 2021, p. 35).

Relativamente às referências a culturas letradas e não letradas, um dos aspetos mencionados tem a ver com a riqueza do vocabulário que será transmitido aos filhos, porque quando os filhos ouvem citar os objetos pelos nomes adequados, adquirem o hábito de proceder da mesma maneira, mas se o vocabulário familiar for pobre e limitado e também os termos usados inadequados, adaptarão um modo aproximado vago de falar (Avanzeni, s.d., p.109). É ainda levantada a questão relativa à

distância que existe entre a cultura da escola e das famílias, ou seja, o conteúdo da escola está desfasado em relação aquilo que é a vida das crianças e dos seus familiares (Entrevista A).

O entrevistado exemplifica:

Vamos supor que na escola se aprendesse a lavrar com arado ou enxada, você julga que os melhores alunos seriam os alunos balantas não só balantas, mas os alunos de campo. Porquê? porque eles vão aprender alguma coisa na escola, mas ainda poderão dizer, oh senhor professor, se calhar isto não é assim porque se não isto pode estragar... são as coisas que tem a ver com a vida deles, talvez, são coisas que já viram e até porque um dia participaram na tabanca. Mas quando voltarem para casa, os pais vão perguntar, mas o que vocês aprenderam na escola? Nós aprendemos agora lavrar assim e os pais por sua vez dirão não é assim, mas é da outra maneira, porque o pai também está na posição do professor ele conhece aquela matéria ao passo que aquilo que nós ensinamos nas nossas escolas eles não o conhecem e não podem ajudar... (Entrevista A)

A descoincidência entre os saberes escolarizados e os dos quotidianos, a descoincidência entre os discursos produzidos nos diferentes espaços e esferas da vida quotidiana de crianças, jovens e respetivas famílias e/ou grupos de referência, coloca diferentemente posicionados os alunos no que respeita ao entendimento sobre o valor da escola e as expectativas quanto ao lugar da escola no seu futuro.

2.4. Causas relacionadas com a falta de vigilância dos pais aos trabalhos escolares dos alunos

É um fator importante que também está relacionado com o nível cultural da família; porque, um aluno que tem os pais com um bom nível cultural e educacional, estes estão mais aptos para o ajudar nas tarefas escolares. O que em grande medida não acontece, tendo em conta as atividades profissionais dos pais, bem como as suas

próprias habilitações escolares, o que lhes impossibilita de agir por falta de tempo e por falta de competências, acabando por contribuir no insucesso escolar do filho (Avanzini, s.d., p.107).

a maioria dos alunos têm os pais que nunca frequentaram a escola, portanto, a escola não termina na sala de aula por exemplo, o teu filho hoje vai á escola, quando chega em casa o pai pergunta o que tu aprendeste mostra-me lá o teu caderno, o pai não só se interessa saber o que o filho aprendeu ou não na escola, mas ainda o ajuda a compreender a matéria, portanto, ele pode apoiar a escola, neste caso, o pai é considerado como um professor bis em casa. Ora a maior parte dos nossos alunos, não tem esse professor bis em casa porque o que as crianças aprendem na escola não tem nada a ver daquilo que vive em casa, o pai não sabe nada disso, porque o pai não sabe ler e escrever, embora os pais gostariam que os filhos aprendessem, mas não têm como os ajudarem, isto também, é um elemento que contribui para insucesso escolar. Ou seja, para que o aluno não tenha o conhecimento que poderia ter tido se tivesse os pais instruídos que conhecessem a matéria ensinada
(Entrevistado A)

É evidente que estas questões não podem ser generalizadas de forma abusiva; muitas vezes as famílias com menos níveis de instrução fazem enormes esforços para se encontrarem em condições de ajudar os filhos.

Para além da vigilância nos trabalhos de casa é ainda importante que o aluno seja orientado no sentido de organização do seu tempo de estudo em casa. Um aluno bem acompanhado, orientado e valorizado, sente-se motivado para aprender e prosseguir com o seu processo de ensino e aprendizagem.

A família e a escola são consideradas como agentes de socialização mais relevantes para uma criança, sendo a família o primeiro agente de socialização com responsabilidade para transmitir os “valores, crenças, ideias e significados presentes

na sociedade, o que exerce uma forte influência no comportamento dos indivíduos, principalmente nas crianças” (Ferreira & Bernardo, 2010, p. 464).

Segundo Martins (1993), o nível económico da família tem influência no rendimento escolar dos filhos, uma vez que uma criança que se encontre num meio familiar que não tem condições em casa, onde é mal alimentada e não tem cuidados de saúde, isto é, não tem acesso às condições básicas, acaba por não conseguir ter o mesmo rendimento escolar do que as outras crianças. Na verdade, a primeira preocupação daquela família é procurar pão para os filhos se alimentarem – situação que bem se compreende quando pensamos na realidade guineense, para um conjunto muito significativo da população, como temos vindo a descrever.

2.5. Causas de cunho económico

A região de Biombo é uma zona onde as atividades mais predominantes são a agricultura e a pesca. Salientamos, neste contexto, a colheita de caju, como atividade económica que influencia grandemente para saída das crianças nas escolas. A situação acontece principalmente na decorrência do calendário escolar, mas que, no entanto, sirva também como produto que financia uma boa parte das despesas escolares, conforme as opiniões dos nossos entrevistados.

falar de principais fatores do insucesso escolar nesta escola, é obvio que, os principais fatores de insucesso escolar nesta escola, e não só, como na maioria das escolas publicas desta região, reside fundamentalmente no período da colheita de castanha de caju, durante este período, muitos alunos costumam abandonar as aulas à procura de castanha de caju, reiteradas vezes com as influencias dos pais, que dado o fraco nível de instrução e da pobreza extrema de muitas famílias, a cultura da escola não é tida como garantia da sobrevivência ao curto prazo, por isso, preferem mandar os filhos para a colheita de castanha de caju porque através desta colheita é possível obter um rendimento imediato para sustentar a família (Entrevista D)

É importante sublinhar que, de modo geral, a colheita de caju na Guiné-Bissau coincide com o terceiro período de calendário escolar, período no qual, se registam as maiores taxas de abandono escolar.

Na escola onde decorreu este estudo, tendo em conta as condições da atividade acima mencionada, e ainda tomando em conta o calendário escolar, a abandono escolar é sem sombra de dúvida uma realidade, principalmente por parte dos alunos que se deslocam uma distância considerável para a escola.

Para Si (2021, p.32), se os abandonos acontecem durante a colheita de caju, deve-se, no entanto, reconhecer que é essa mesma colheita que para outros financia as despesas escolares, nomeadamente, a compra dos uniformes, pagamento das propinas e regularização das matrículas.

O insucesso escolar contém causas económicas, como adverte como Patto (1993 cit. por Dias). Assim sendo, os participantes da investigação ratificaram essa visão ao indicar as causas de abandono escolar relacionadas aos aspetos económicos e sociais, que muitas vezes estão para além dos muros da escola.

Tendo em conta o nível da pobreza com que a população desta zona enfrenta, e reconhecendo a importância que a castanha de caju representa no seio de cada família guineense, quando chega este período, muitas famílias incentivam os seus educandos a abandonar as atividades escolares para ajudar na colheita de castanha de caju e, conseqüentemente, para melhor assegurar a economia familiar.

A castanha de caju é considerada um do produto estratégico para a economia da Guiné-Bissau, o impacto deste produto não se limita a nível familiar, mas também nos cofres do Estado.

As receitas de castanha de caju são sempre fundamentais para o crescimento económico da Guiné-Bissau, até porque não existem alternativas a medio prazo quanto a outras fontes fiscais de financiamento de Estado e do fomento da economia.

Segundo os dados do MICS (2014), revelam que as crianças na faixa etária de 5 a 11 anos levam de 8 a 10 horas de trabalho por semana, sobretudo no período da colheita de castanha de caju. Quando as crianças voltam à escola depois da colheita, elas podem ter baixo desempenho nos exames de final do ano ou não serem aceites na escola.

É obvio que, a educação nas escolas públicas é oficialmente gratuita até ao sexto ano de escolaridade desde o ano 2011, na sequência da aprovação da lei de bases do sistema educativo. Contudo, durante as entrevistas, muitos pais e encarregados de educação apresentaram-nos as suas dificuldades de não poder pagar as propinas, ou seja, a taxa da escola. Por isso, as crianças necessitam abandonar a escola por um ou dois anos e se voltar a matricular novamente até que a família possa pagar, razão do excesso da idade. Também o trabalho infantil é a outra influencia relatada na frequência escolar.

Segundo (Avanzini, s.d. p-107), um outro fator, prende-se com as diferentes formas dos alunos satisfazerem as suas necessidades básicas, nomeadamente uma alimentação racional, vestuário e habitação. Os alunos que conseguem satisfazer condignamente as suas necessidades básicas, apresentam maior probabilidade de obter sucesso escolar; diferentemente daqueles que apresentam dificuldades na satisfação das suas necessidades básicas.

A necessidade de aumentar a renda familiar, com mais um vencimento, leva a que muitos alunos abandonem o sistema escolar. Por exemplo, um aluno que vive numa família que apresenta um nível de vida de extrema pobreza, que atravessa enormes dificuldades para conseguir suprir as necessidades básicas, este aluno tem elevada probabilidade de desistir e de se refugiar no mercado de trabalho, encarado como caminho ideal para ultrapassar as tais dificuldades, uma vez que, o resultado da escola é de longo prazo enquanto o resultado de trabalho é de curto prazo.

Recorrendo, mais uma vez, à informação sistematizada em UNICEF (2021), na Guiné-Bissau, cerca de 17% das crianças entre os 5 e os 17 anos estão em trabalho infantil.

As taxas não variam muito fortemente por gênero, mas sim por idade, situação socioeconómica e etnia. Crianças mais jovens, entre os 5 e os 11 anos, têm taxas de trabalho infantil muito maiores, em torno de 24 por cento. Crianças mais velhas tem taxas menores, o que também é dado ao fato de que o número de horas definidas necessárias para que uma criança seja considerada como fazendo parte do trabalho infantil é superior para crianças mais velhas. Além das diferenças de idade, a taxa de trabalho infantil entre os mais ricos (6 por cento) é um quarto da encontrada entre os mais pobres (23 por cento) e etnias

como Fula, Mandinga e Beafada têm taxas superiores às dos Manjaco, Mancanha ou Papel (UNICEF, 2021).

Que impacto tem o trabalho infantil nas trajetórias escolares? Crianças em trabalho infantil têm menores taxas de frequência, menores taxas de competências em leitura e em cálculo (UNICEF, 2021).

2.6. Causas de cunho linguístico

Martinez (1993, p.10), entende que o processo de ensino e aprendizagem se realiza por meio da comunicação, deste modo, é da maior importância o domínio da compreensão e expressão oral. Entretanto, as falhas nos processos de comunicação podem contribuir significativamente para o insucesso escolar de uma criança.

Assim, um outro fator a considerar relaciona-se com o domínio da língua. Conforme nos relata um dos nossos entrevistados:

não conseguia compreender a língua que o meu professor falava que é o português, porque na nossa casa falamos mais a língua materna (pepel), a língua crioula um pouco e o português nunca, ao passo que, os meus colegas resolviam as coisas com facilidades. (...) eu sempre tinha medo de falar diante dos meus colegas e também temia ao meu professor. Mal ele me mandar ao quadro sempre chorava e os colegas me gozavam... (Entrevistado H).

Ainda em relação à questão linguística, é preciso considerar as características do país no que às línguas diz respeito.

Há um outro fator, que é um dos mais determinantes do insucesso escolar, que é a língua do ensino. Nós somos um país de língua oficial portuguesa, mas somos um país em que a língua portuguesa não é utilizada senão em certos sítios, em certos momentos. Por exemplo, na escola, quando o professor fala com os alunos, se for o caso, eles até falam em português,

mas se o aluno fala com o colega, já não falam em português, nunca... (Entrevistado A)

Ao tentarmos definir quais são os indícios que melhor explicam a existência das dificuldades que a criança enfrenta logo no início do seu processo de ensino aprendizagem, não podem deixar de ser considerados todos os problemas relativos ao domínio da língua, tanto na expressão oral como na expressão escrita. Sobretudo num país como a Guiné-Bissau, muito diversificado em termos linguísticos, onde a criança durante a sua fase de desenvolvimento tem o domínio da sua língua materna e também da língua veicular (a língua crioula), porém, no processo de ensino e aprendizagem, a criança é confrontada com outra língua de ensino, neste caso o português, daí resultam grandes dificuldades devido à falta de domínio desta língua.

Sendo certo que toda a criança que manifeste falhas na compreensão da leitura e na expressão escrita, tal irá efetivamente refletir-se em classificações baixas e aproveitamento insuficiente, condicionando que supere com sucesso os ciclos de escolaridade.

Alunos oriundos de níveis socioeconómicos e culturais diferentes, podem atender a exigências linguísticas diferentes, sobretudo num país como a Guiné-Bissau, com a sua enorme diversidade linguística.

Ao longo de trabalho de campo efetuado na escola na qual decorreu este estudo, para além de termos assistido dois dias de aulas em turmas cujos professores se sentiam confortáveis com a nossa presença, foi-nos dada a oportunidade de dar aulas de auxiliar quando faltava um professor.

A turma com a qual trabalhámos tinha acima de 30 alunos, vindos de diferentes aldeias que compõem o setor. A língua de comunicação, ou seja, do ensino com o professor, como é evidente, era a língua portuguesa (a língua do ensino guineense), mas entre os alunos, foi possível perceber que todos tinham línguas maternas diferentes. Naquela primeira aula, interrogávamos sobre a matéria da disciplina que competia àquela hora, tentando perceber das suas dificuldades específicas ao nível da compreensão. Chegámos à conclusão de que todos tinham dificuldades em perceber a língua de ensino (português); essa dificuldade criava bloqueio no desenvolvimento dos seus processos de aprendizagem.

É difícil afirmar que a escola disponha de método bilingue, uma vez que ainda não é oficializado pelo Estado, mas foi possível perceber que existe a necessidade de aplicar o método bilingue, para facilitar a compreensão da matéria por parte dos alunos.

2.7. Causas relativas à harmonização de currícula escolar e às estratégias pedagógicas em sala de aula

A harmonização de currícula escolar é um elemento fundamental para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. É uma responsabilidade do Estado, através do Ministério da Educação Nacional, definir um currículo escolar que adeque a realidade do país e dos desafios científicos que o contexto da globalização nos impõe.

Avanzini (s.d., p.109), afirma que currículos semelhantes impõem o uso de iguais pedagogias e auguram uniformidades nos resultados, nos comportamentos na linguagem e no saber, contudo, é importante não esquecer que as escolas são compostas por alunos diferentes e com capacidades de aprendizagem diferentes.

Entretanto, fatores como estes, também associados à incapacidade de descodificação das mensagens, principalmente por parte dos alunos, criam uma séria de dificuldade e bloqueios condicionadores da aprendizagem, contribuindo para resultados de insucesso, resultando, muitas vezes, em reprovação e posterior abandono dos alunos.

A inadequação dos programas que é, uma razão global, mas, há uma outra razão que tem haver com os níveis de preparação dos professores (...) e o domínio que eles próprios têm sobre a própria matéria é um fator mas, uma outra coisa é a pedagogia mesmo, a didática, como eles ensinam, digamos assim, a estratégia, o professor chega e diz tudo que tem na cabeça ou então, o professor tenta cativar os alunos, fazer participar os alunos ou tenta basear-se nos conhecimentos dos alunos para ensinar a matéria que tem a ensinar. Portanto, uma pedagogia mais ativa não existe... infelizmente a pratica pedagógica nas nossas escolas... isto também pode ser uma das razões do insucesso (Entrevistado A).

Outro aspeto salientado pelos nossos interlocutores prende-se com a preparação dos docentes e a necessidade de atualização profissional.

o corpo docente tem uma formação frágil, mas frágil mesmo, (...) você tem professor muito frágil, o professor guineense é frágil de ponto de vista técnico e pedagógico. Agora, vai, a culpa é de quem? é do professor ou de Estado? Para mim, em primeira mão, a culpa é do professor porque, a professor tem de se formar e não tem de esperar que alguém lhe forme; agora na verdade o Estado tem da sua parte que fazer uma formação contínua, ou melhor dizendo a formação em exercício, para os professores por forma a poder dar-lhes as ferramentas pedagógicas para poderem ensinar (Entrevistado B).

Na sequência das práticas pedagógicas e da capacitação de docentes, foram também levantados aspetos relativos à qualidade das infraestruturas escolares, ao acesso aos materiais didáticos e de estudo, equipamentos e recursos educativos.

Da nossa observação, pudemos constatar que, no que respeita às infraestruturas, a escola onde realizamos a nossa pesquisa apresenta condições muito precárias. Nesse sentido, de acordo com BID (2011 p.3), “o desempenho dos alunos que estudam em ambientes com boa infraestrutura escolar é superior ao dos que estão em escolas que não disponham de ambientes adequados”.

Assim, a infraestrutura escolar deve ser considerada como ponto importante de investimento em qualquer escola, permitindo que parte dos recursos financeiros para aplicar na administração da instituição, seja direcionada para melhorar aspetos das infraestruturas básicas, físicas e aquisição de materiais didáticos.

Segundo Sané (2018), o ensino público da Guiné-Bissau, apresenta um problema crónico em todos os seus níveis. Visto que, as escolas encontram-se em péssimas condições de funcionamento, faltando quase tudo para garantir o mínimo da sua funcionalidade.

2.8. Causas relativas a distância e acesso à escola

A falta de infraestruturas escolares tem sido um problema, apenas 25% das escolas oferecem um ciclo completo de 6 anos de estudos primários, por falta das

infraestruturas educacionais adequadas no país, no entanto, a metade das crianças na Guiné-Bissau estuda em escolas que não oferecem os 6 anos de primária, isso significa que muitas crianças guineenses estão a frequentar escolas que não têm capacidade de proporcionar uma educação primária completa. Como consequência, muitas crianças que começam a escola num estabelecimento não terminarão a sua escolaridade primária na mesma instituição (UNESCO, 2016).

Os nossos entrevistados também levantaram a questão das distâncias geográficas entre os locais de residência e as escolas.

a distância da escola uma da razão de insucesso, a distância da escola que separa a residência do aluno e a escola, vai e vem, então, o aluno acaba por não poder percorrer todo o ano letivo que em princípio devia ser nove meses e em princípio devia ser mais de oitocentas horas letivas, (...), é por isso, para resumir ao senhor, é um dos insucessos é a distância de casa para escola (Entrevistado B)

Segundo uma pesquisa ILAP realizada em 2018, se 60% das crianças dos 7 aos 14 anos moram a menos de um quarto de hora da escola mais próxima, mais de 20% delas leva mais de uma hora para chegar à escola e 10% leva 30 minutos. Assim, uma grande parte das crianças tem uma escola muito distante. Ora um bom número de outras crianças que têm escola distante, pode ser obstáculo à sua escolarização (RMEN, 2018).

Tabela 9-Divisão das crianças com idades dos 7 aos 14 anos segundo a distância da escola

Distancia (em minutos) entre o domicílio e a escola primaria mais próxima					
0 – 14 min		15 – 29 min	30 – 45 min	45 – 60 min	+ 60 min
% de crianças dos 7 aos 14 anos de idade.	60%	19%	8%	3%	10%

Fonte: (Relatório de Ministério da educação Nacional 2018)

Também importa salientar que a duração do trajeto casa-escola, mesmo a partir de 15 minutos, tem um impacto significativo e negativo na frequência escolar. Quanto maior é a duração do trajeto entre a casa e a escola, menor é a probabilidade de a criança frequentar as aulas. A possibilidades de frequentar a escola diminui 8 pontos quando o tempo de trajeto se situa entre os 15 e os 30 minutos, 19 pontos quando este varia entre 30 e 40 minutos, e 25 pontos quando a duração deste trajeto se encontra entre 45 e 60 minutos de casa. E quando a escola está a mais de uma hora de casa, a probabilidade de frequência diminui 44 pontos (MEN, 2018).

As escolas básicas existem em número insuficiente, ou seja, não há escolas suficientes para atender à demanda, particularmente para o ensino básico. Esta problemática regista-se com maior ênfase fora dos grandes centros urbanos, ou seja, a falta de escolas é um problema maior nas áreas rurais ou fora de grandes cidades.

Esses pontos destacam alguns dos desafios significativos que o sistema educacional da Guiné-Bissau enfrenta, principalmente em termos de retenção de alunos e de acesso à educação.

3. Relação entre a família, a escola e a comunidade

A relação entre da escola com entidades da comunidade envolvente é extremamente preponderante, visto que, para garantir o melhor processo de ensino e aprendizagem, é fundamental envolver as famílias e as comunidades, bem como diferentes organizações da sociedade civil.

Em países como a Guiné-Bissau, o papel das organizações não governamentais tem sido de grande importância no colmatar de insuficiências do sistema de ensino. Tal como têm sido importantes diferentes atores da cooperação internacional – Instituto Camões, UNICEF, ONU, UNESCO, Banco Mundial.

Para Almeida (2005, cit. in Correia et al., 2022), “não é possível compreender o que se passa dentro da escola sem compreender o que se passa fora dela; nesta dialética, a(s) família(s) constitui(constituem)-se como agente(s) importante(s) na construção dos ambientes educativos introduzindo diversidade entre escolas e, também, dentro da mesma escola” (p.119).

Espera-se, assim, que sejam construídas interações entre a escola, os professores e os pais, famílias e parceiros das comunidades de inserção dos estabelecimentos de ensino (Correia et al., 2022).

De acordo com os nossos entrevistados, existe uma boa relação entre a escola objeto do nosso estudo com a comunidade, o que tem contribuído significativamente para o bom funcionamento da instituição.

Também a presença da comunidade é sentida na gestão de cantinas escolares que anualmente é doada pelo Programa Alimentar Mundial (PAM) em parceria com Ministério da Educação Nacional. Esta organização fornece os géneros alimentícios as diferentes escolas públicas do país com objetivo de garantir a permanência dos alunos na sala de aulas.

De acordo com INCLUD-ED (2009, p.51), o envolvimento da comunidade nas escolas desempenha um papel importante na superação das desigualdades de género na educação, sobretudo através da colaboração dos membros femininos da família e de outras mulheres da comunidade. A relação entre a comunidade com escola é uma realidade social que necessita ser cultivada com respeitabilidade, quer pelos profissionais da educação, quer pelas famílias, numa lógica de complementaridade a favor da educação e formação das crianças e jovens. Sobretudo nos atuais momentos em que a sociedade e a família vêm passando tendo em conta a falta de políticas públicas que viabilizam o bem-estar de ambas partes.

Assim sendo a escola e a comunidade precisam procurar parcerias para uma qualidade melhor na educação das crianças e jovens. Quando a escola e a comunidade trabalham juntos os resultados positivos são bem visíveis tanto na qualidade do ensino quanto na forma de relacionamento entre as pessoas que compõe estas duas instituições. Isto faz com que a participação da escola na comunidade e desta na escola, seja um fator relevantes dentro do processo educacional (Silva et.al, s.d.p.20).

Também são reforçadas relações de solidariedade e de amizade que favorecem os alunos, as famílias e o conjunto da comunidade. O que geralmente permite evitar e resolver os problemas de maneira mais eficiente, uma vez que os alunos, os professores e as próprias famílias ou outros intervenientes da comunidade,

disponham de outros meios e interagem para dar resposta a problemas de coabitação ou de natureza diferente.

Portanto, a relação entre a escola, a família e a comunidade é fundamental para criar um ambiente de aprendizado positivo e de apoio que possa ajudar a prevenir o insucesso e abandono escolar. Sabe-se que, uma aprendizagem de alto nível não pode ser alcançada a menos que as famílias e a comunidade sejam incluídas no processo educativo. Isto pode significar que os pais e outros membros da comunidade devem estar envolvidos nas atividades escolares e no processo de aprendizagem dos alunos.

4.7. Papel do educador social e esboço de uma proposta de intervenção

De acordo com Azevedo e Correia (2013), a educação social teve a sua origem na sequência da Industrialização, e aos problemas decorrentes das mudanças sociais decorrentes do processo de industrialização, nomeadamente o agudizar das desigualdades sociais.

Educadores sociais, são profissionais importantes em inúmeros âmbitos institucionais e podem atuar dentro ou fora de escolas e em várias outras instituições.

De acordo com Pereira (2019),

A centralidade do trabalho do(a) educador(a) social está na educação das pessoas em vulnerabilidade social na intenção de promovê-las cognitivamente e socialmente, isto porque acreditamos que a educação social é uma das possibilidades concretas de garantir uma existência mais digna para essas pessoas, a partir de um processo de conscientização libertadora que leva à reconstrução de suas condições materiais (p. 313).

Os profissionais sociais, intervêm diretamente com a promoção da cidadania e dos direitos humanos fundamentalmente a partir do mapeamento de necessidades de pessoas ou comunidades e na sensibilização para temáticas.

Também o educador social tem o papel de estimular as pessoas a participarem na vida social em diferentes territórios de intervenção.

De acordo com Mezzaroba (2000.p.35), o educador social deve ter a competência de planear, intervir, refletir e avaliar.

Perante as evidências a que chegamos no nosso trabalho, consideramos da maior importância acionar os saberes metodológicos e técnicos do educador social a favor de uma atuação que possa contribuir para minimizar os inúmeros, complexos e multifacetados fatores que se relacionam com os fenómenos do insucesso e do abandono escolares na Guiné-Bissau. Conscientes da impossibilidade de resolver todos problemas que dão forma aos fenómenos, no âmbito da nossa formação em educação social e intervenção comunitária acreditamos que podemos propor algumas pistas para ação que possam contribuir para a melhoria contínua das condições de vida das crianças e jovens que se encontram enredadas, não por sua escolha, em situações cuja complexidade as ultrapassa e que não podem, por si só, alterar.

Face ao que fomos expondo ao longo deste trabalho, importa clarificar que a culpabilização dos alunos, das famílias, da escola ou dos professores em nada resolverá um tão complexo problema – cada uma das partes envolvidas encontra-se, ela própria, em situação problemática.

Assim, os fenómenos do insucesso e do abandono escolar, sendo multicausais, implicam uma atuação em várias frentes, a articulação com múltiplos e diferentes parceiros, uma ação a longo prazo.

Assim, propomos que seja desenhado e desenvolvido um projeto de intervenção, em parceria com agentes locais e internacionais.

Indicaremos de seguida os seus eixos/etapas principais.

Projeto de Intervenção: Prevenção e Combate ao Insucesso e Abandono escolares na Guiné-Bissau (Setor de Safim)	
Contexto local	O Setor de Safim, situado na Guiné-Bissau, enfrenta desafios específicos relacionados ao insucesso e abandono escolares. A falta de acesso, infraestruturas precárias e desigualdades socioeconómicas contribuem para a ocorrência destes fenómenos.

<p>Desafios conhecidos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Acesso Limitado - limitações geográficas, especialmente em zonas rurais; condições económicas (dificultam o acesso). - Desigualdades de Género - questões culturais, casamentos precoces e responsabilidades domésticas (dificultam a permanência das meninas na escola). - Pobreza e Trabalho Infantil - A pobreza extrema leva muitas famílias a dependerem do trabalho infantil, resultando em altas taxas de abandono escolar para contribuir para o sustento familiar (inibem a frequência escolar). - Infraestruturas precárias: são necessários recursos adequados (reabilitação dos edifícios; salas de aula, materiais didáticos, formação para professores). - Conflitos Políticos e Instabilidade - instabilidade política do passado e os conflitos permanentes põem em causa o sistema de ensino a nível nacional com influência nas regiões e setores
<p>Diagnóstico (aprofundamento deste trabalho)</p>	<p>Levantamento de dados: realização de um levantamento detalhado sobre as taxas de insucesso e abandono escolar no Setor de Safim, sua evolução, identificando causas específicas e grupos mais afetados.</p> <p>Entrevistas e Consultas Comunitárias - Realização de entrevistas e consultas com a comunidade para compreender as dinâmicas locais, para destacar desafios específicos bem como oportunidades de intervenção.</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Geral</p> <p>Reduzir significativamente as taxas de insucesso e abandono escolares no Setor de Safim.</p> <p>Específicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar e abordar as causas locais do insucesso e abandono. - Envolvimento ativo dos diferentes agentes (alunos, pais/famílias, escola e seus profissionais, autoridades locais, elementos da comunidade)

	<ul style="list-style-type: none"> - Melhorar o acesso a recursos no setor. - Criar um ambiente escolar inclusivo e motivador.
<p>Estratégias de Intervenção</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Melhoria da Infraestrutura Escolar <p>Investir na reabilitação e construção de escolas, garantindo salas de aula adequadas, espaços seguros e instalações sanitárias.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Programas de Reforço Pedagógico <p>Implementar programas de reforço pedagógico para alunos com dificuldades de aprendizagem, proporcionando apoio adicional e individualizado.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação de Professores <p>Realizar programas de formação para professores, focando em métodos de ensino eficazes, gestão de sala de aula e compreensão das necessidades dos alunos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Envolvimento dos Pais <p>Estabelecer iniciativas que incentivem os pais a participar ativamente na educação de seus filhos, como workshops educativos, reuniões regulares e acompanhamento do desempenho escolar.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acesso a Recursos Didáticos <p>Garantir a distribuição equitativa de materiais didáticos, livros e recursos tecnológicos, reduzindo disparidades no acesso.</p> <ul style="list-style-type: none"> -Programas de Tutoria Local <p>Desenvolver programas de tutoria envolvendo membros da comunidade para apoiar alunos em risco, criando uma rede de suporte local.</p>

<p>Parcerias e Envolvimento Comunitário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Colaboração com Organizações Locais, ONG a atuar no local, parceiros da cooperação Estabelecendo parcerias para maximizar recursos e aumentar o conhecimento específico da realidade do Setor de Safim. - Participação Ativa da Comunidade Promover a participação ativa da comunidade na identificação de desafios e na implementação de soluções, promovendo uma abordagem que inclua todos. Promover a participação ativa da comunidade na gestão escolar (colaborar, em conjunto, para ultrapassar alguns dos desafios).
<p>Monitorizar e avaliar</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Indicadores de Sucesso Desenvolver indicadores de sucesso, como taxas de conclusão escolar, melhoria nos resultados académicos e participação parental. - Avaliação Contínua: Realizar avaliações regulares para ajustar estratégias de acordo com as necessidades identificadas.
<p>Sustentabilidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Capacitação Local Capacitar professores, líderes comunitários e pais para continuarem as práticas eficazes após o término do projeto. - Integração com Políticas Locais Integrar as estratégias e resultados com as políticas educacionais locais, assegurando uma abordagem alinhada com as necessidades do Setor de Safim.
<p>Divulgação e Sensibilização</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Campanhas de Sensibilização Lançar campanhas de sensibilização para destacar a importância da educação no Setor de Safim, abordando questões locais e culturais. - Comunicação Regular Manter uma comunicação regular com a comunidade para informar sobre o progresso e criar envolvimento.

<p>Financiamento</p>	<p>Orçamento Detalhado</p> <p>Desenvolver um orçamento detalhado que inclua despesas com infraestruturas, formação, materiais educativos, programas comunitários, sensibilização e divulgação.</p> <p>Captação de Recursos:</p> <p>Buscar financiamento através de parcerias com doadores, organizações internacionais e apoio do governo local.</p>
<p>Avaliação Final</p>	<p>- Relatório de Avaliação</p> <p>Produzir um relatório de avaliação final destacando o que foi alcançado, os desafios que se colocaram e como foram ultrapassados (e também os que não foram).</p> <p>Revisão de Estratégias.</p> <p>Ajustar estratégias e pensar futuras intervenções.</p>

CONCLUSÃO

Com o presente trabalho, pretendeu-se dar resposta ao principal objetivo enunciado, que é compreender os fatores principais do insucesso escolar no 1º, e 2º ciclo na escola do ensino básico unificado de Safim-Sede, numa perspetiva da intervenção social.

No que diz respeito ao objetivo principal, perceber do ponto de vista dos nossos entrevistados, quais os fatores principais que influenciam o insucesso escolar na escola do ensino básico unificado de Safim-Sede, concluiu-se que a maioria dos nossos entrevistados, subscreveram que, os principais fatores de insucesso escolar na instituição alvo do nosso estudo, estão relacionados com aspetos socioeconómicos e condições de vida da população, conduzindo a situações de trabalho infantil, nomeadamente associado à colheita de castanha de caju.

Foram também apontadas questões culturais, entre as quais o casamento precoce, a cerimónia de colégios indígenas “fanado” (cerimónia de circuncisão), a descoincidência entre os saberes populares e os saberes escolares, os constrangimentos das famílias na participação mais ativa na vida escolar dos seus educandos e os problemas linguísticos na comunicação – enquanto reflexo da realidade sociolinguística do país.

Igualmente apontados aspetos relativos à inadequação das infraestruturas escolares e aos problemas de acesso à escola originados por questões de distância geográfica.

Com particular destaque a instabilidade recorrente no sistema educativo, resultante das greves nas escolas públicas provocadas pelo não pagamento dos professores, ou seja, o incumprimento dos acordos rubricados entre os sindicatos e o Governo.

Com este trabalho, foi possível, também compreender a dinâmica observada no sistema educativo guineense com a criação de lei de base do sistema educativo, a diferença entre o sistema educativo colonial e pós-colonial, os avanços e recuos. Não

obstante as reformas desenvolvidas, o sistema educativo guineense ainda continua frágil e enfrenta grandes dificuldades.

Ao comparar as reprovações dos alunos questionados junto com o nível da instrução dos pais, concluiu-se a existência muito significativa com as habilitações dos pais, algo que precisa ser trabalhado para mudar o paradigma. A atividade da intervenção social apoio a comunidade ou cidadão face a um problema social não é uma ação pontual ou descoordenada, é uma ação sistemática e racional que requer a aplicação de um método científico para analisar a situação e encontrar a programação adequada para conseguir uma mudança (Fialho, 2021, p.76). No que tange a ausência de acompanhamento dos pais ao percurso escolar dos filhos, constatou-se que, esta ausência, apresenta alguma influência no insucesso escolar dos filhos, visto que, a criança precisa de um cuidado e conforto para garantir o seu sucesso escolar. Porém, grande parte das famílias não é possuidora das competências necessárias para o fazer.

Em relação às infraestruturas e assim como ambiente escolar, a escola está ainda longe de ser aquele lugar melhor e almejado para um bom ambiente de trabalho e de aquisição, não apenas para os professores como para os alunos, tendo em conta que, as condições são muito deploráveis e não oferecem boas condições para garantir o ensino de qualidade que se quer, assim, urge a necessidade construir e reabilitar as salas de aula para garantir que a escola possa acomodar todos os alunos. Também adotar as estratégias comprovadas para manter engajados os alunos engajados e na escola.

Na qualidade de educador social, preocupamo-nos com a situação avançada de degradação em que essa escola se encontra, por isso, manifestamos a direção da escola, a nossa intenção de ajudar na conceção de um projeto de intervenção para reabilitação da instituição, a proposta foi recebida com muita satisfação.

Quanta a relação entre a escola e a comunidade local, concluiu-se que, existe uma boa relação entre ambas as partes, contudo precisa de ser potenciada e desenvolvidos esforços para que a participação da comunidade, das organizações locais e das famílias seja mais efetiva e participativa.

Ao longo desta investigação, compreendemos que não existem responsabilidades únicas a atribuir ao desenvolvimento do fenómeno do insucesso e

do abandono escolar, que resulta de um conjunto de circunstância multidimensionais e que apresentam várias origens.

Também constatamos que os professores tendo em conta às más condições que existem na escola, sobretudo a falta de materiais didáticos, a falta de atualização profissional regular, ou, mesmo, uma formação de base na sua carreira pouco consistente, os impossibilita de desenvolver práticas pedagógicas inovadoras o que também pode contribuir para o insucesso escolar das crianças. Também importa sublinhar que, ainda que o professor invista pessoalmente no seu desenvolvimento profissional e das suas aulas, a desmotivação dos alunos, a incapacidade de comunicação que muitas vezes acontece e a ausência de resultados de sucesso motivadores, contribui para a diminuição da sua autoestima e desincentiva ao seu investimento.

Se não existir investimento da parte dos professores nas aulas e no apoio aos alunos, se os alunos não colaboram e não se construir um ambiente favorável e inclusivo, se o clima no meio familiar não for propício ao estudo, vamos continuar perante condições que contribuirão para aumentar o insucesso e o abandono escolar.

Para evitar tal situação, torna-se necessário o envolvimento de todas as partes, desde as que se encontram no contexto interno à escola, às que se encontram no meio envolvente, parceiros, autoridades locais e governo. A escola não é capaz por si só, de minimizar o insucesso escolar e evitar o abandono escolar, dado que a multiplicidade de causas preponderantes, passando algumas por si, não lhe podem ser exclusivamente atribuídas.

No âmbito da nossa formação em educação social e intervenção comunitária, entendemos que é necessário um melhoramento das condições para os processos do ensino e de aprendizagens nesta escola, assim como no país de um modo geral, criando um ambiente favorável às crianças e jovens para desenvolvimento adequado dos seus conhecimentos. Sendo o papel de um educador social contribuir para a melhoria das condições de vida nas comunidades, esboçamos uma proposta de intervenção que, embora pareça ambiciosa, a ser implementada acreditamos que possa contribuir para uma efetiva ação de melhoria.

Contudo, não a podemos concretizar sozinhos. Escola, alunos, pais, comunidade, parceiros da sociedade civil e autoridades governamentais precisarão

de se tornar aliados em torno de uma causa comum: melhorar a educação do país para que o país melhore nos seus indicadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, H. M. F. (1981). Educação e Transformação Social: Formas alternativas de educação em país descolonizado. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de Filosofia da Educação. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 1981. <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9175>.
- Amendoeira, J. & Figueiredo. (2018). O estudo de caso como método de investigação em enfermagem. Unidade de investigação do Instituto Politécnico de Santarém. <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/16137>.
- Araújo, E. F. P. (2020). Causas de abandono e insucesso escolar em Bissau, Guiné-Bissau: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/48993>
- Simone Deperon Eccheli: Motivação como prevenção da indisciplina (2008). scielo.br/j/er/a/S6L97qxxPfNyh9HYG3b6gtH/?format=pdf
- Azevedo, S. & Correia, F. (2013). A Educação Social em Portugal: evolução da identidade profissional. RES – Revista de Educación Social, (17).
- Banco Interamericano de Desarrollo (2011), Infraestrutura Escolar y Aprendizajes en la Educación Básica Latinoamericana: Un análisis a partir del SERCE. Jesús Duarte, Carlos Gargiulo & Martín Moreno. <https://publications.iadb.org/es/infraestructura-escolar-yaprendizajes-en-la-educacion-basica-latinoamericana-un-analisis-partir>
- Banco Mundial (2021). Social Protection and Jobs Global Practice. West Africa Region. World Bank Document.
- Barbosa, A., V., S., M., A. (2012). A relação e a comunicação interpessoais entre o supervisor pedagógico e o aluno estagiário, Escola Superior de Educação de Deus, Mestrado em Ciências de Educação, especialidade em supervisão pedagógica. [handle/10400.26/2472](https://hdl.handle.net/10400.26/2472).
- Bardin (1977). Análise de conteúdo. Edições 70.

- Bedeta, G.B. (2013). Políticas educativas na Guiné-Bissau, Porto, Faculdade de Letras da Universidade de Porto. <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/71824/2/28422.pdf>.
- BID (2011). Relatório Anual 2011, Banco Internacional de Desenvolvimento. Banco-Interamericano-de-Desenvolvimento-relatórioanual-2011-Resenha-do-Ano.pdf
- Cá, L. (2000). A Educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1671-1973). Campinas. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/561/576>
- Carvalho, M.J.L. (2015). Delinquência Juvenil. In Gouveia, B. & Santos, S. (coords.), Enciclopédia de Direito e Segurança, Coimbra: Almedina, pp. - 101-104, 1ª edição ISBN 9789724059945.
- Charrua, M. C. D. F. (2014). O insucesso escolar e as variáveis sócio familiares: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. https://run.unl.pt/bitstream/10362/15404/1/Charrua_2014.pdf.
- Chumbelembe, A. (2015). A função da escola na formação de novos cidadãos. Expetativas dos encarregados de educação estudo de caso de três escolas primárias dos municípios de Viana e Cazenga – Luanda. Tese de Mestrado. Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/17876>
- Correia, M., Luís, H., Uva, M, Piscalho, I., Portelada, A., Silva, P. S. e Novo, C. (2022). Conjunto de Materiais: Educação Inclusiva. A Inclusão na sala de aula. Ministério da Educação /Direção-Geral da Educação. 978-972-742-523-5.
- Correia, L. E. M. (2014). Intervenção social em contexto escolar: práticas e desafios. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/33781/1/L%c3%a9lia%20Elisabete%20Macedo%20Correia.pdf>
- Decreto-Lei nº 7/91 de 20 de maio. Criação das escolas privadas e particulares.
- Paulo Coelho Dias: (dezembro de 2020) Intervenções comunitárias em Educação Social. Volume I – A Dimensão Educacional. (pp. 119-138). Coimbra: Minerva. ISBN: 978-972-798-480-0

<file:///C:/Users/augus/Downloads/IntervencoesComunitariasemEducacaoSocialvfinal3.12.20205.pdf>

Duarte, M.I. (2000). Alunos e insucesso escolar. Instituto de Inovação Educacional.

Estevão, P. e Alvares, M. (2013). A medição e intervenção do abandono escolar precoce: desafios na investigação de um objeto esquivo. CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893).

https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/9844/1/CIESWP157_Estevao%20e%20Alvares.pdf.

Eurydice (2016, p.09). Relatório comparativo https://sites/default/files/2022-06/2016_publications_list_february_2017.pdf

Carlos Alberto Ferreira (2010). Vivencias de integração curricular na metodologia de trabalho de projeto. Revista Galego-portuguesa da Psicologia e Educacion, v.18, n.1, p.91-105 (core.ac.uk)

Fernando, M. C. (2020). Fatores de insucesso escolar - Um Estudo feito a partir da Escola Primária Árvore do Conhecimento. Dissertação de Mestrado <https://recil.ulusofona.pt/server/api/core/bitstreams/bef24f66-2db5-4b48-a549-10cbc45be399/content>

Fialho (2021). Manual para a Intervenção Social. Da Teoria à Ação.

Freire, P. (1978). Cartas à Guiné-Bissau: Registos de uma experiência em processo. Editora Paz e Terra.

Furtado (2005). Administração e gestão da educação na Guiné-Bissau: incoerências e descontinuidades. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/1098>

Gonçalves & Marques (2021). Manual de Investigação Qualitativa. 1ª Edição.

Guiné-Bissau (2013), Relatório da Educação do Sistema Educativo. Margens de Manobra para o desenvolvimento do sistema educativo numa perspetiva da universalização do Ensino Básico e de redução da pobreza. Guiné-Bissau. Em Guiné-Bissau, o sistema educativo precisa em grande parte ser construído. <https://www.noticiasominuto.com/mundo/424811/estudo-releva-variasfragilidades-no-sistema-educativo-da->

guinebissau#:~:text=O%20estudo%20realizado%20em%202014%20pelo%20
Governo%20guineense%2C,e%20ao%20mesmo%20tempo%20propor%20m
edidas%20de%20solu%C3%A7%C3%A3o.

Instituto Nacional de Estatística (INE, 2015). Boletim Estatístico da Guiné-Bissau em números 2017. Bissau: Instituto Nacional de Estatística.

INCLU-ED Consortium (2009). Actions for success in schools in Europe. Brussel: Europe Commission. https://www.mv.helsinki.fi/home/reunamo/article/INCLUDED_actions%20for%20success.pdf

Lobo, V. & Dias, P. C. (2020). As representações do fracasso escolar no Ensino Técnico pelos docentes do IFB: da caracterização das perceções às propostas de enfrentamento. In P. C. Dias (Org.) Intervenções comunitárias em Educação Social. Volume I – A Dimensão Educacional. (pp. 119-138). Coimbra: Minerva. ISBN: 978-972-798-480-0.

Mané, C. B. (2019). Reabilitação da cidade de Bissau. Uma estratégia para o desenvolvimento. Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura. Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/91216>

Mango, S. F. (2022). As TIC no Processo de Gestão Escolar: o caso de um Liceu de Bissau. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação. Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/82525/1/Samuel%20Fernando%20Mango.pdf>.

Marques, C. M. C. V. (2017). O insucesso escolar, as dificuldades económicas dos alunos e o papel da escola. Lisboa, Instituto Superior de Educação e Ciências. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21883/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final.pdf>

Martins, C., P. M. (2006). Fatores e Análise do Insucesso Escolar. Um estudo feito a partir da Escola Secundária Polivalente Cesaltina Ramos no 3º Ciclo, Ano letivo 2005/2006. <https://core.ac.uk/download/pdf/38680711.pdf>

Mateus, S., Pinho, F. & Amaral, P. (2018). Below10: Aprendizagem através da prática: comunidades locais a trabalhar e aprender em conjunto para prevenir e reduzir o abandono escolar. <https://jornalsocedu.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/jse-n2-projetos.pdf>

- Martinez, N. (1993). A família e o insucesso escolar. Porto editora.
- Matos, P. P. D. (2009). Insucesso escolar. Revista Portuguesa De Medicina Geral e Familiar, 25(6), 696–701. <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v25i6.10696>.
- Monteiro, J. (2005). A Educação na Guiné-Bissau: Bases para uma estratégia setorial renovada. Bissau: PAEB/FIRKIDJA.
- Morgado, N.S. (2019). Direção e Gestão de Escolas Públicas e Privadas na Guiné-Bissau: Perspetivas e Práticas dos Diretores. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa. <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/11027/1/NCack%20Morgado%202020.pdf>
- [https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/345/1/O%20Papel%20espec%C3%ADfic%20do\(a\)%20educador\(a\)%20social_Fernando%20Canastra.pdf](https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/345/1/O%20Papel%20espec%C3%ADfic%20do(a)%20educador(a)%20social_Fernando%20Canastra.pdf)
- Ministério da Educação Nacional (2011). Lei de bases do sistema de educação da Guiné-Bissau.
- ONU. (2022). Quadro de Cooperação das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável para Guiné-Bissau. UNSDCF 2022-2026 Portuguese Version FINAL03-07-2022
- Palma, A. R. J. (2018). Abandono Escolar em Contextos Sociais Desfavorecidos: Desenho de um Programa de Prevenção com base numa Avaliação de Necessidades. Dissertação de Mestrado. https://repositorio.isctiul.pt/bitstream/10071/17611/1/master_ana_jesus_palma.pdf.
- Parlamento Europeu (2011). Reducing early school leaving in the EU. Directorate General for Internal Policies. Policy Department: structural and cohesion policies. https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/etudes/join/2011/460048/IPOL-CULT_ET%282011%29460048%28SUM01%29_EN.pdf
- Quivy R. e Campenhoudt, L. (1992), Manual de Investigação em Ciências Sociais. Gradiva Editora.
- República da Guiné-Bissau (2022). Exame Voluntário Nacional.

<https://guineabissau.un.org/sites/default/files/202207/Examen%20National%20Volontaire%20Guinee%20Bissau%20Version%20Finale%206%20Juin%202022%20fr%20%282%29%20pt-PT.pdf>.

- Ribeiro, N. V. & Bédia, J. F. (2015). As Contribuições da família para o desenvolvimento da criança na educação infantil. Anais da jornada de iniciação científica- Faculdades Integradas de Aracruz. http://www.faacz.com.br/portal/conteudo/iniciacao_cientifica/programa_de_iniciacao_cientifica/2015/aniis/as_contribuicoes_da_familia_para_o_desevolvimento_da_crianca.pdf.
- Rodrigues, M. L. (2010). A escola pública pode fazer a diferença. Almedina.
- Sané, S. (2018). Os Desafios da Educação na Guiné-Bissau. Revista Temas em Educação. 27. 55. 10.22478/ufpb.2359-7003.2018v27n1.39717.
- Semedo, O. (2003). A língua e os nomes na Guiné-Bissau. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/a-lingua-e-os-nomes-na-guine-bissau/109>.
- Silva, M. A & Kayser., A. M, (2015), Papel da Educação Contemporânea, uma reflexão da pedagogia da autonomia de Paulo Freire. ISSN19824866. Revista Dynamis.
- Silva, E., Gomes, L. S. e Santana, V. H. (s.d). A Escola e Comunidade: Uma Relação Necessária. <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc10.pdf>
- Si, A. U. (2021): Abandono Escolar Precoce na Guiné-Bissau: Um Estudo de Caso. Dissertação de Mestrado. Instituto Universitário de Lisboa. https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/24090/1/master_alfa_umaru_si.pdf
- Tavares, M. V. (1998). O Insucesso Escolar e as Minorias Étnicas em Portugal. Uma abordagem antropológica da Educação. ISBN: 972-771062-X. Editor Instituto Piaget.
- UNDP (United Nations Development Programme). (2023). Global Multidimensional Poverty Index (MPI): Unstacking global poverty: Data for high impact action. New York. <https://hdr.undp.org/content/2023-globalmultidimensional-poverty-index-mpi#/indicies/MPI>
- UNDP (United Nations Development Programme), (2022). Relatório do Desenvolvimento Humano 2021-2022. Tempos incertos, vidas instáveis.

Construir o futuro num mundo em transformação. [hdr2021-22overviewptpdf.pdf \(undp.org\)](#).

UNESCO Digital Library, polo de Dakar, 2016: Relatório sobre situação de Educação na UNICEF (2021): Guiné-Bissau Educação. Fichas técnicas / 2021.

Working paper CESA CSG 155/2017 Observatório dos direitos Guiné-Bissau.

UNICEF (2021): Guiné-Bissau Educação. Fichas técnicas / 2021. Análises para aprendizagem e equidade usando dados MICS (PDF) Guiné-Bissau Educação Fichas técnicas | 2021 ([researchgate.net](#))

Anexos

Anexo I - Sumulas de entrevistas dos entrevistados

Súmula da entrevista do entrevistado DEONE

Perguntado se uma vez ouviu falar de insucesso escolar (DEONE) em jeito de resposta, respondeu sim, várias vezes ouviu se falar do insucesso escolar, começando por definir insucesso escolar como inabilidade de uma criança atingir aos alvos da escola em termos escolares, ou seja, quando uma criança estuda e não consegue alcançar os resultados almejados.

Questionado sobre os principais fatores de insucesso escolar na sua escola, o entrevistado (DEONE) respondeu que, foi recentemente nomeado, naquela altura decorria as greves nas escolas públicas do país, mas enquanto técnico da educação e também professor há muitos anos naquela escola, não podia ficar sem saber os principais fatores de insucesso escolar na sua escola.

Segundo ponto de vista do entrevistado (DEONE), os principais fatores de insucesso escolar na sua escola, reside fundamentalmente no período da colheita de castanha de caju, onde muitas crianças abandonam as aulas a procura de castanha de caju, também o fraco nível de instrução dos pais, alto nível de pobreza, a cultura, as greves sucessivas nas escolas públicas e más condições das infraestruturas escolares.

Perguntado se a cultura tem influência no insucesso escolar na sua escola, o entrevistado (DEONE), respondeu sim, porque, olhando pela especificidade da comunidade da zona onde fica a escola, a maior parte da população desta comunidade pertence a etnia pepel, uma etnia muito rica em termo cultural. Quando chega o período de fanado (cerimónia de circuncisão) muitos pais tiram os seus filhos da escola para os colégios indígenas, em cumprimentos das regras tradicionais que não se deve ignorar sob pena de perder a identidade cultural da sua geração. Trata-se de uma cerimónia tradicional muito antiga que se realiza anualmente. Por um lado,

a escola não tem nenhum dispositivo legal que serviria para sancionar os alunos que se encontram nesta situação.

Ainda foi questionado a média de alunos que existe na sua escola, o entrevistado (DEONE), respondeu, muitos alunos fugiram este ano para escolas privadas tendo em conta as sucessivas greves que tem havido nas escolas públicas, porque no ano passado matricularam 707 alunos e para este ano foram inscritos apenas 360 alunos, significa que, a escola perdeu 390 alunos.

Relativamente a relação da escola com a comunidade local, o entrevistado (DEONE), respondeu, a relação sempre foi boa, cada vez que a comunidade fora convocada, sempre aparece, ou seja, trimestralmente realiza-se o encontro com a comunidade local para partilha das informações sobre o andamento da escola.

No que se refere, as consequências futuras do insucesso escolar das crianças cujos pais em situação de pobreza, o entrevistado (DEONE), limitou-se a lamentar, afirmando que, a expectativa de qualquer criança é ter um futuro risonho, ora quando os pais não têm interesse para tal, nada se pode esperar, se não, ver o futuro da criança comprometido.

Também citou algumas consequências que essa problemática possa trazer para comunidade nomeadamente, a delinquência juvenil, violência doméstica, casamento precoce por parte dos pais as suas filhas uma prática muito recorrente nesta comunidade, tabaquismo, ...

Perguntado de que forma a escola tem trabalhado para manter as raparigas nas salas de aulas, o sujeito (DEONE), respondeu, clara que não é uma tarefa fácil, tendo em conta as diversidades culturais do setor de Safim, anualmente criamos uma equipa de sensibilização com a missão de anunciar a importância da escola para as raparigas no contexto da globalização e de desenvolvimento da humanidade. Alfabetizar uma mulher é contribuir para o desenvolvimento familiar e da própria sociedade. Não obstante, o nível da evolução da sociedade, mas ainda continua no seio da comunidade, os preconceitos de que, as raparigas não vão para escola elas ficam em casa para o trabalho doméstico e só os rapazes é que vão a escola porque, a priori conclui-se que, as raparigas não se aprendem aí se vem a vertente da escolarização das raparigas.

Súmula da entrevista do entrevistado AMEN

Perguntado se uma vez ouviu falar do insucesso escolar, o entrevistado (AMEN), respondeu, sim, em várias ocasiões ouviu-se falar do insucesso escolar, afirmando que, globalmente o insucesso escolar é quando o objetivo do sistema não está alcançado. Segundo entrevistado (AMEN), quando se fala do insucesso escolar, fala-se de reprovação dos alunos, ou seja, os alunos não conseguem adquirir os conhecimentos suficientes ou então, os alunos não reprovam, mas quando foram confrontados com a situação de vida real ou com um teste, eles mostram muitas dificuldades na formulação das respostas. Exemplo concreto, os alunos concluem 4º ano de escolaridade, mas, não sabem falar o português muito menos conseguem aguentar a discussão em língua portuguesa.

Indagado sobre os meios indispensáveis para erradicar a problemática de insucesso escolar no ensino básico, o entrevistado (AMEN), respondeu, nenhum país no mundo erradicou o insucesso escolar, todos os países exprimem o seu nível de frustração em relação aquilo que eles esperam da escola e aquilo que a escola entrega como produto daquilo que eles investiram na escola, isto acontece em todos os países do mundo. Mas os países são diferentes, em função disso, por exemplo, os países nórdicos como, Suécia, Dinamarca, a própria Suíça, apresentam níveis mais baixos do insucesso escolar em relação a outros países.

Caso da Guiné-Bissau, o nível de insucesso escolar é muito elevado, portanto, para erradicar esta problemática, primeiro, tem que haver um investimento na educação, investimento em estudiosos dos problemas pedagógicos, sociológicos, psicológicos das escolas, porque, é preciso conhecer bem caso a caso, aliás, a razão do insucesso, para poder fundamentar, ou seja, implementar as políticas públicas que possam ser adaptadas para combater o insucesso escolar. Segundo, é preciso a vontade política, para garantir uma boa governação, uma governação que dá importância à educação, uma governação atenta aos setores sociais e que valorize os quadros nacionais.

Inquerido sobre as consequências de insucesso escolar no setor de Safim e também para Guiné-Bissau, o entrevistado (AMEN), respondeu, as consequências vem criar um nível acentuado de frustração individual, familiar e globalmente a própria

sociedade guineense. A outra consequência tem a ver com desigualdade social, porque os indivíduos com sucesso escolar têm melhor condição de vida e aqueles que tiveram insucesso escolar terão sempre problemas para terem sucesso na vida, portanto, a frustração numa determinada sociedade, cria sempre as tensões sociais, inveja, ódio e retalhação. O alto nível de insucesso escolar, significa impreparação de uma sociedade e conseqüentemente amina o seu desenvolvimento. Segundo ele, citando a Amílcar Lopes

Cabral “a independência não significa ter hino nacional, ter bandeira, ter ministros, mas independência significa a transformação substancial do nível da população, ter escolas com mais qualidades, saúde para toda população, infraestruturas, casas de habitações em boas condições e os bairros bem organizados”. Outrossim, teceu muitas críticas sobre a discussão que tem sido recorrente na sociedade guineense, que ter diploma não é nada, uma ideia que considerou falsa, porque, não há nenhum país no mundo que se tenha desenvolvido sem pessoas diplomadas, o importante é mandar as pessoas para escola, colocar as pessoas certas competentes nos lugares certos, e valorizar as competências.

Questionado sobre a comparação entre o sistema educativo colonial e pós-colonial, o entrevistado (AMEN), respondeu, são duas realidades completamente diferentes, na época colonial, menos de 30% das crianças estavam na escola, era um ensino para certas pessoas, era um ensino maioritariamente urbano, Bissau, Bafatá, Bula, ... quer dizer, uma larga maioria de população da Guiné Bissau, não tinha como ter acesso a escola. Naquela altura, o ensino tinha mais qualidade, era um ensino elitista com professores muito bem preparados, os alunos quando concluíam 4ª classe, falavam português perfeitamente, discutiam e escreviam em português.

Atualmente, a taxa de escolarização na Guiné-Bissau é avaliada em torno de 70%, refere-se a taxa bruta e a taxa líquida é mais baixa estimada em 30%. Hoje verifica-se uma massificação do ensino, também é obrigatório e gratuito, mas com uma degradação de qualidade.

Hoje em dia, todas as regiões, setores e aldeias da Guiné-Bissau, têm infraestruturas escolares para garantir o ensino primário. A banalização do sistema por parte de sucessivos governos do país, os alunos concluem 4º e 12º ano, mas não

conseguem discutir suficientemente em português, o ensino não é elitista, verifica-se pouco investimento no setor educativo e a politização do próprio sistema.

Súmula da entrevista do entrevistado APSNP

Interrogado se uma vez tenha ouvido falar de insucesso escolar, o entrevistado (APSNP), respondeu sim, o insucesso escolar é quando uma criança não consegue atingir o objetivo traçado. Portanto, quando se fala de insucesso escolar quer do ensino básico quer do ensino secundário, quase é mesma coisa, mas o maior pendor se revela no primeiro ciclo do ensino básico, por seguintes razões: primeira razão tem a ver com faixa etária, porque de acordo com a lei básica do sistema educativo 2011, a criança para entrar no ensino básico tem que ter 6 anos de idade o que muitas das vezes não acontece, devido o baixo nível de instrução de alguns pais e encarregados de educação.

Também questionado sobre os fatores principais de insucesso escolar na escola do ensino básico de Safim, o entrevistado (APSNP), respondeu, é obvio que as infraestruturas escolares não estão próximas das crianças o que cria muitas dificuldades no ponto de vista do ensino e aprendizagem e que vem contribuindo em grande medida para insucesso escolar das crianças. Outro fator tem a ver com padrões culturais, por exemplo no âmbito da escolarização das raparigas, eles dizem que, as raparigas não vão para escola elas ficam em casa e só os rapazes é que têm direitos de ir à escola, porque, concluiu-se que a priori, as raparigas não se aprendem. Outro fator aprende-se com a inadequação das infraestruturas escolares que não se incentiva, falta dos meios financeiros para própria criança, fora de idade, ou seja, existem muitas crianças que têm acesso ao ensino básico só depois da idade prevista na lei base do sistema educativo e fraco nível de formação do corpo docente.

Inquerido sobre os meios indispensáveis para reduzir o insucesso escolar na escola do ensino básico de Safim, o entrevistado (APSNP), respondeu, o estado tem que criar as condições objetivas, uma da criação das condições objetivas é ter as infraestruturas escolares adequadas formação dos professores capazes, meios de ensino disponíveis, materiais didáticos para garantir o processo de ensino e aprendizagem das crianças. O governo da Guiné-Bissau, tem contribuído pouco para o setor educativo, o que realmente tem enfraquecido o nível de aproveitamento das

crianças. Para o sujeito, a educação é financiamento, porque, sem o financiamento doméstico através do orçamento geral de estado é impossível contribuir para evitar o insucesso escolar. Segundo o entrevistado, a escola e o próprio sistema precisam de uma dotação orçamental que é aceitável em qualquer parte de mundo. Por outro lado, o sujeito realçou a sensibilização as comunidades sobre o valor da escola para o bem dos seus educandos, das famílias e do próprio desenvolvimento do país.

Também o sujeito, enfatizou a importância da reunião chamada cúpula mundial pela educação realizada entre os dias 24 a 26 de abril do ano 2000 em Dakar, onde participaram 167 países do mundo em que definiram 6 metas de educação para todos, cujas políticas reformuladas no dia 15 de setembro de 2015, hoje traçada com a meta horizonte 2015 a 2030. Além desse horizonte mundial, existe outra estratégia africana, designada estratégia continental para educação definida entre 2020 e 2063 para poder atingir a performance, em que todos os Estados membros têm que ter 20% do orçamento geral do estado destinado para o setor educação, 3% para programa de alfabetização e 7% de produto interno bruto para o setor educativo com objetivo de galvanizar o sistema.

Interrogado sobre impacto de insucesso escolar no 1º ciclo, o entrevistado (APSNP), respondeu, o 1º ciclo é um período mais conturbado, sendo um período de aprendizagem no qual, existem crianças de primeiro ano de escolaridade que ainda têm muitas dificuldades desde logo, a questão cultural e de meio do ensino que ainda não sabem manipular, a qualidade dos professores a quem de desejável por falta de reciclagem e de autoformação do corpo docente. Segundo o entrevistado, o insucesso escolar nesse nível é mais relevante visto que é uma fase propedêutica que precisa de um professor qualificado, ou seja, em termos pedagógicos, os melhores professores é que deviam dar aulas no ensino básico.

Inquerido sobre as consequências que esta problemática possa futuramente trazer para comunidade de Safim, o sujeito (APSNP), respondeu, esta comunidade é muito próxima da capital, e independentemente de ser uma comunidade muito diversificada em termos étnico, conta ainda com uma população muito jovem, portanto, as consequências de insucesso escolar é, aumentar o índice de analfabetismo a nível desta comunidade, o casamento precoce, delinquência juvenil, a violência doméstica, alcoolismo, tabaquismo, e o índice de

subdesenvolvimento. Segundo o sujeito, nenhum país ou comunidade se possa desenvolver sem a formação dos seus cidadãos, visto que, a educação é da ferramenta fundamental para despertar a mente e consciencializar os cidadãos de si e da sua própria comunidade. É obvio que o conhecimento se constrói por meio de um contexto em que todos sejam responsáveis, quer ele a família, a comunidade, a escola e toda gente que de uma forma se fazem presente na rotina do aluno. Portanto, devem jogar sempre o papel, de cativar, encorajar entusiasmar os seus educandos. No entanto, as ausências destes desideratos podem trazer as consequências acima referidas.

Como consta nos nossos objetivos de estudo, foi interrogado sobre a comparação entre o sistema colonial e pós-colonial, o sujeito (APSNP), respondeu, existem várias comparações entre estes dois sistemas porque, no sistema colonial, as escolas estavam subscritas nas regiões, setores, no setor autónimo de Bissau e nem todas regiões e setores tinham escolas. Naquela altura, o ensino era restrito para certas pessoas, também havia qualidade dos alunos, visto que, os alunos que terminavam 4^a classe, sabiam ler, escrever e falavam o português corretamente. Também a havia política de retenção de quadros, seriedade na educação, ou seja, havia investimento no setor educativo, havia diferença entre a política e educação, ou seja, ninguém se juntava a política com a educação, a metodologia era arcaica porque, havia castigos corporais e naquele período, os melhores alunos eram submetidos a um exame nacional e havia meios de ensino desejáveis. Enquanto, no sistema pós-colonial, existem escolas em todas as regiões, setores, as aldeias da Guiné-Bissau, com uma gama de professores formados nas diferentes universidades e centros de formação dos professores, não há castigos corporais, atualmente a metodologia é baseada na didática, na psicologia e na pedagogia. Outrossim, não há política de retenção dos quadros, ou seja, os professores são poucos remunerados razão de fuga de muitos quadros para outros ministérios em busca de melhores condições de vida, não há exame nacional e, atualmente, o país tem mais de 60 partidos políticos, nos quais muitos professores e membros sindicais são filhados consequentemente origem das greves com pendor político.

Súmula da entrevista do entrevistado DRERB

Questionado sobre os principais fatores de insucesso escolar na escola do ensino básico de Safim, o sujeito (DRERB), respondeu, a região de Biombo, sobretudo o setor de Safim, muitas das vezes tem se verificado o insucesso escolar por questão familiar tendo em conta o nível da pobreza, principalmente quando chega o período de colheita de castanha de caju um do produto estratégico deste setor e do país. Neste período, muitos pais preferem tirar os filhos da escola para irem fazer a colheita de castanha de caju. Segundo entrevistado (DRERB), outro fator tem a ver com a questão cultural quando da cerimónia de colégios indígenas “fanado” (circuncisão), muitos pais arrastam os filhos para cumprirem este rito tradicional e também o casamento precoce que é dado por certos pais tendo em conta o fraco nível de instrução que se dispõem.

Uma criança que não tem nada para comer e que vive numa família em situação de pobreza extrema, ela não consegue aprender nada. Dantes havia cantinas escolares, mas, neste momento, estão muito fracas.

E um outro fator relaciona-se com a falta de acompanhamentos dos pais aos seus educandos, sabe-se que, o papel dos pais não se limita só em matricular as crianças e deixar de acompanhá-las, mas é necessário o seguimento porque, a falta de acompanhamento pode obrigar a criança a ter insucesso escolar.

Olhando pela realidade africana, o pai enquanto responsável máximo da família, é quem cabe a função de assegurar o sustento da família, por isso, muitos pais levam mais tempo a procura de pão para colocar a disposição da família e nunca mais têm tempo para acompanhar o percurso escolar dos filhos, uns saiam de manhã e só voltam para casa a noite.

Interrogado se quais condições acharia necessárias para manter as crianças nas salas de aulas durante o período de colheita de castanha de caju, o entrevistado (DRERB), respondeu, é importante eliminarmos a situação da pobreza a nível da comunidade e criar as condições que garantam o bem-estar da população, certeza de que, muitos pais estariam em condições de manter os seus educandos na sala de aula. Segundo o sujeito (DRERB), setor de Safim é uma zona agrícola e que se encontra atualmente inundado pelas águas salgadas, não existem bolanhas que permitam as populações exercer as suas atividades agrícolas, o que obriga os filhos

a emigrarem para outras zonas em busca das condições favoráveis para sustentar os mais velhos. Também é necessário o engajamento de estado na construção das infraestruturas escolares, das universidades e de dique para garantir as atividades agrícolas desta comunidade. Por outro lado, é necessária boa governação, uma governação atenta aos setores sociais, uma governação que dá importância à educação e que valorize os quadros. Na verdade, nenhum país no mundo se desenvolveu sem que tenha apostado na formação dos seus cidadãos.

Indagado se como lida com essa problemática, o sujeito (DRERB), respondeu, claro que ninguém quer ter insucesso escolar por isso, anualmente realiza-se a campanha de sensibilização junto das comunidades antes de abertura do ano letivo, enfatizando o valor da escola para futuro de uma criança, da família e do próprio país, porque não pode haver o desenvolvimento sem a escola e sem a escola de qualidade não se pode pensar no desenvolvimento de país e da própria comunidade.

Interpelado se acharia que a cultura tem influência no insucesso escolar na escola do ensino básico de Safim, o sujeito (DRERB), respondeu, sim, a cultura tem grande influência no insucesso escolar das nossas crianças, embora é um direito que herdamos, mas não se deve comparar com a escola. Imaginemos quando houver a cerimónia de colégio indignas “fanado” (circuncisão), todas as pessoas correm para cumprir o direito da cultura e muitas crianças são obrigadas a perder o ano letivo por causa da própria cultura. Dai sugere-se que a tal cerimónia se passasse realizar no período em que não funcionam as aulas para facilitar que as crianças tenham um salto qualitativo nos seus estudos.

Questionado sobre as diferenças entre o sistema educativo colonial e pós-colonial, o sujeito (DRERB), respondeu, existem muitas diferenças entre estes dois sistemas, porque, no era colonial, o ensino da Guiné-Bissau tinha muita qualidade, havia tanta dedicação dos professores e do próprio governo na consolidação do sistema, a vontade política que se observava, permitiu a construção dos alicerces para afirmação do nosso sistema educativo, não obstante que, era um ensino muito restrito e que não conseguia receber todos os cidadãos com idades escolares. Naquela altura, havia um esforço enorme dos alunos na aquisição de conhecimento e de competência, a pessoa terminava o primeiro ciclo, ou seja, 4ª classe, já sabia ler, escrever e falar o português corretamente, e também havia violências morais e corporais, não havia

escolas em toda parte da Guiné-Bissau, apenas estavam em certos centros regionais e urbanos enquanto que, o sistema pós-colonial contém muitas escolas, ou seja, as escolas estão construídas em todo o território nacional, o ensino básico gratuito para todas as crianças com idades escolares, temos professores formados nas diferentes universidades e nos diferentes centros de formações do país, não existe as violências morais e corporais, a perda de qualidade a nível o sistema por falta de investimento no setor educativo e da definição das políticas públicas, e atualmente as pessoas têm mais facilidade em termo de aquisição de conhecimento devido o desenvolvimento tecnológico. Importa sublinhar que, os sucessivos governos do país tentaram implementar algumas reformas ao nível do sistema, uma reforma que não conseguiu manter algumas eficiências anterior do sistema colonial e que acabou por fracassar o sistema. Os alunos terminam o 12^o ano, mas ainda continuam a ter as dificuldades em escrever e discutir em português.

Indagado sobre as consequências que o insucesso escolar possa trazer para a comunidade de setor de Safim, o entrevistado (DRERB), respondeu, as consequências são diversas, visto que, as crianças com insucesso escolar, correm o risco de não terem um futuro melhor, tanto assim é, a comunidade passa a contar com jovens menos instruídos e sem mínima preparação para competir e construir ideias capazes de ajudar no desenvolvimento da comunidade. Olhando pela situação geográfica de setor de Safim, é uma zona muito próxima de capital que não merecia ter o índice deste fenómeno sob pena no futuro ter as crianças malformadas.

Súmula da entrevista do entrevistado P1

Perguntado se uma vez tenha ouvido falar do insucesso escolar, a entrevistada (P1), respondeu, sim, o insucesso escolar é quando um aluno abandona escola antes de chegar ao término do ensino obrigatório.

Também tem a ver com as perdas sucessivas do ano letivo, ou seja, as reprovações sucessivas, que efetivamente dão lugar a grandes desníveis entre a idade cronológica do aluno e o nível escolar.

Questionada sobre as causas de insucesso escolar na sua escola, a entrevistada (P1), respondeu, a fragilidade das crianças na fase de adolescência

constitui entre as mais causas de insucesso escolar nesta escola. Esta fase leva muitas vezes a criança a negar a escola, a desinvestir no estudo das matérias e a pautar-se pela indisciplina. Também outra causa tem a ver com o problema familiar, por exemplo, as famílias conflituosas, divorciadas litigiosas constituem parte de um grande índice de causas que podem levar a que a criança se sinta rejeitada e começa a distanciar-se do seu percurso escolar, aderindo uma atitude indisciplinada. Referiu-se que, as outras causas têm a ver com as más condições das infraestruturas escolares e falta de materiais didáticos.

Interrogada sobre os meios necessários para escola minimizar esta problemática, a entrevistada (P1), respondeu, enquanto uma escola pública, é preciso que o governo crie as condições sobretudo a melhoria das infraestruturas escolares, materiais didáticos para garantir o melhor funcionamento e do processo de ensino e aprendizagem. É obvio que, o processo de ensino e da aprendizagem só se faz com o investimento, sem o qual não se pode falar de um ensino de qualidade que o país precisa para se desenvolver. Embora o governo sozinho não pode fazer nada, por isso, existe a escola para apoiar o governo na execução da política educativa.

Nos últimos anos, as greves sucessivas desencadeadas pelas organizações sindicais dos professores, têm causado um enorme prejuízo as nossas crianças particularmente ao próprio sistema educativo.

Questionada se como lida com esse fenómeno, a entrevistada (P1), respondeu, com muita preocupação, porque, estamos a correr risco de ter as crianças delinquentes, uma sociedade menos preparada cuja consequência imprevisível.

Súmula da entrevista do entrevistado P2

Inquerido os fatores de insucesso escolar na escola de ensino básico unificado de Safim (E.B.U), o sujeito (P2), respondeu, deve-se aos vários fatores mormente, barreiras culturais, colheita de castanha de caju. Olhando pela especificidade da zona, muito rica em termos culturais, este último acaba por exercer uma grande influencia no insucesso escolar das crianças.

Questionado se como avalia o papel dos pais e encarregados de educação no acompanhamento dos seus educandos, o sujeito (P2), respondeu, o

papel dos pais e encarregados de educação é extremamente preponderante, porque, a educação é um sistema, sendo um sistema, necessita de todos os itens, os professores e o governo a quem cabe a responsabilidade de criar condições necessárias para concretização dos objetivos preconizados pelo sistema, portanto, a ausência de uma desta entidade pode criar constrangimento ao nível do sistema. Desde início, criou-se uma dinâmica que envolveu a direção da escola e os pais e encarregados de educação, o que permitiu com que os pais passassem a ter uma intervenção muito ativa no acompanhamento de percurso escolar dos seus filhos.

Interrogado sobre os métodos necessários para erradicar esta problemática na sua escola, o entrevistado (P2), respondeu, é necessário a realização de uma campanha de sensibilização para consciencializar a comunidade muito particularmente aos pais e encarregados de educação, fazendo-lhes saber os valores da escola e os ganhos que possam obter futuramente quando tiverem os filhos escolarizados. Essa sensibilização vai acordando a consciência dos cidadãos sobre o valor e os benefícios que a ciência possa trazer para uma determinada família, comunidade e conseqüentemente ao próprio país. Também é necessário o governo honrar os seus compromissos com os sindicatos dos professores para evitar as sucessivas greves nas escolas públicas e procurar as soluções que garantam a permanência das crianças nas salas de aula. Outrossim, é importante adotar os meios quer técnicos e financeiros aos professores para que possam exercer cabalmente as suas funções.

Súmula da entrevista do entrevistado PEE

Questionado se uma vez ouviu-se falar do insucesso escolar, o sujeito (PEE), respondeu, sim, é quando um aluno não consegue alcançar os resultados por ele pretendido e também almejado pelos próprios os pais. Ora a falta de concretização deste sonho, depende fundamentalmente do professor e dos pais e encarregados de educação, a ausência de uma desta individualidade, acaba por influenciar o insucesso escolar da criança.

Perguntado enquanto pai, se como tem lidado com esse fenómeno, o sujeito (PEE), respondeu, com muita preocupação, visto que, o nível da pobreza com que a comunidade está confrontada não permite alguns pais assegurarem o sucesso

escolar dos seus educandos. Muitos pais são desempregados e sobrevivem através de trabalho informal, cujo, o rendimento não é o desejável. Sabemos que, a educação requer o investimento, e uma criança para ter sucesso escolar, é necessário criá-la as condições propícias para poder estar mentalmente motivada e ter um aproveitamento escolar satisfatório. Esta vulnerabilidade familiar, apresenta um grande obstáculo no processo de ensino e aprendizagem das nossas crianças. Imagine uma criança que não tem algo para comer em casa, com certeza não consegue aprender nada. Não obstante, o apoio de governo em parceria com o programa alimentar mundial PAM na implementação das cantinas escolares que nos últimos anos se fracassaram.

Questionado se como tem avaliado o envolvimento de alguns pais na educação dos seus filhos, o entrevistado (PEE), respondeu, muito fraco, porque o papel do pai não se limita em matricular a criança e deixar de acompanhá-la, mas é necessário o seguimento, visto que, a falta de acompanhamento pode obrigar a criança a ter insucesso escolar. Como dissemos anteriormente, a crise de pobreza prevaiente a nível de alguns familiares, onde o pai enquanto responsável máximo da família, cuja responsabilidade é de assegurar o sustento da mesma, para tal, leva o seu tempo integral a procura da comida para pôr na mesa a fim de garantir o bem-estar da família. Este pai acorda madrugada e que só regressa á casa a noite, portanto, o tempo para acompanhar o percurso escolar da criança lhe torna escasso.

Perguntado sobre as consequências que insucesso escolar poderá trazer para sua comunidade, (PEE), respondeu, aumento de número de analfabetismo a nível da comunidade e conseqüentemente a delinquência juvenil.

Também as consequências acabam por criar choque nos próprios alunos, aos professores, ou seja, aos profissionais da educação, aos pais e encarregados de educação e assim como a sociedade em geral. Por exemplo, os alunos que não conseguiram atingir os seus objetivos, a consequência cria neles um nível elevado de descontentamento com instituto de que, não foram capazes de alcançar a meta pretendida, e com a mentalidade de que, escola não é feita para eles, ficam sem vontade, ou seja, sentem-se que são uns malsucedidos e que a sua passagem pela escola foi um desnecessário. Portanto, eles não se sentem contentes com sua competência para adquirir tudo aquilo que ensinam na escola. Por um lado, são os

próprios pais que se sentem desanimados por ver as consequências e efeitos desfavoráveis dos resultados académicos dos seus educandos.

Súmula da entrevista do entrevistado AQD

Questionado o motivo da sua desistência ao longo do ano letivo, o sujeito (AQD), respondeu, deparava com muitas dificuldades para chegar a escola, tendo em conta a distância que separa a sua residência com a escola, e não se consegue assistir as primeiras horas de aulas, andava dois quilómetros a pé para chegar a escola, um percurso que não conseguiu aguentar logo no primeiro trimestre, decidiu abandonar a escola sem consentimento dos pais.

Segundo o sujeito (AQD), outros motivos foram, a falta de ter um orientador em casa, da língua portuguesa que nunca se ouviu falar e foi pela primeira vez na escola o que não lhe permitia compreender a matéria e também o nível da pobreza que assola a sua família. Ele ia a escola sem tomar o pequeno-almoço e, chegou a altura em que, fingia que ia para escola, mas acabava por ficar escondido na mata até ao horário da saída, visto que, os pais não tinham tempo de controlar o seu aproveitamento escolar.

Questionado se o método usado pelo professor podia estar relacionado com a sua desistência, o sujeito (AQD), respondeu, não, era um bom professor e que sempre preocupava com os seus alunos, o principal obstáculo estava ligado a língua portuguesa, a distância e a pobreza.

Sumula de aluno que reprovou AQR

Questionado motivo da sua reprovação, o sujeito (AQR), respondeu, deve-se ao problema da língua portuguesa, também das habilitações dos pais, que em casa só falam a língua materna. Foi difícil ultrapassar essa dificuldade, razões da sua reprovação no primeiro ano de escolaridade.

Inquirido sobre o método usado pelo professor se era favorável, o sujeito (AQR), respondeu, não, era muito difícil, ele falava numa língua que não conhecia,

mas agente conseguiu ultrapassar essa dificuldade com ajuda do colega que sempre esteja ao meu lado.

Anexo II

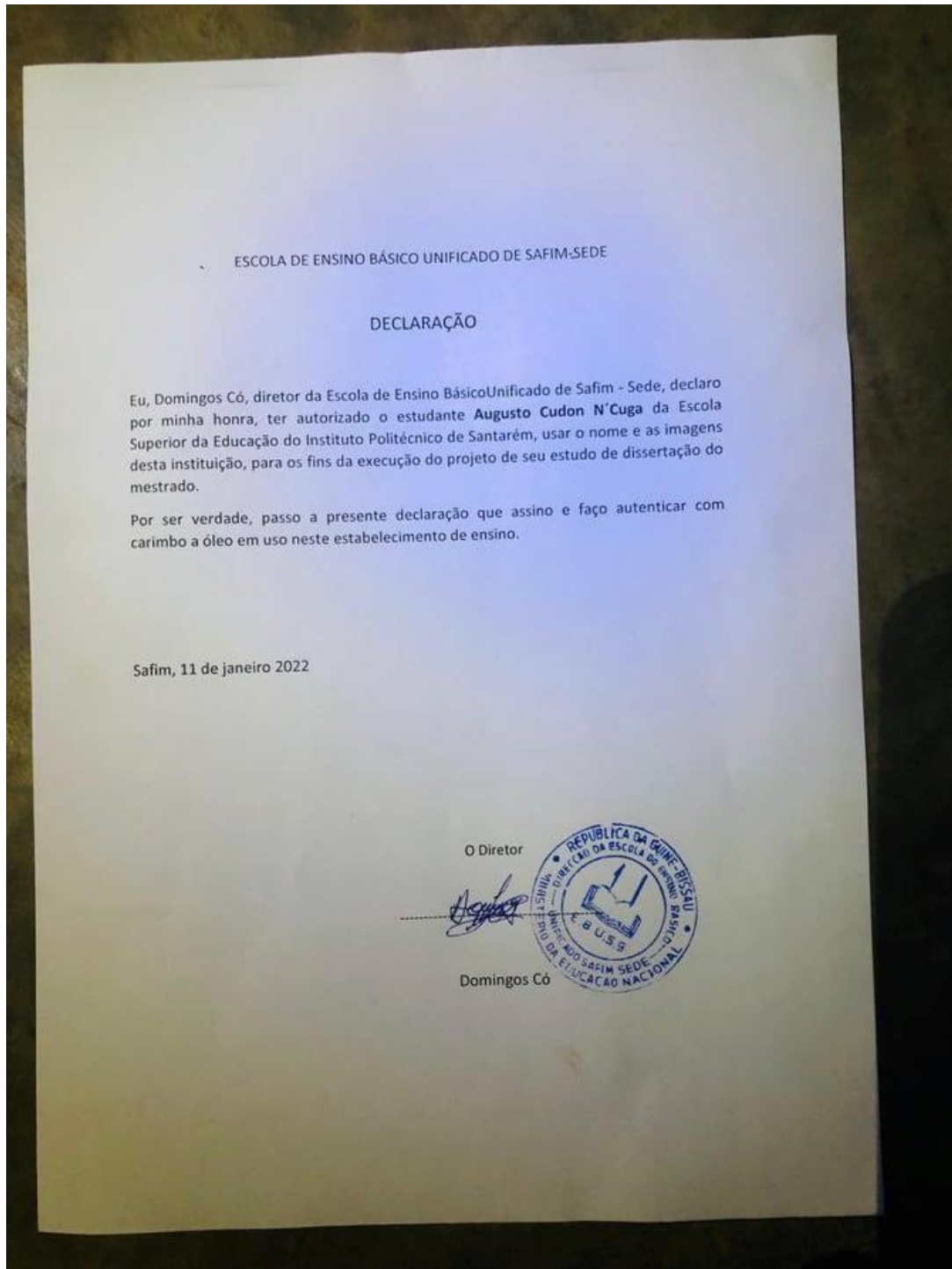


Figura 01 declaração de Direção da escola

Anexo III – Imagens da Escola



Fig. 02 trata-se da parte exterior da escola



Fig. 03 parte exterior da escola



Fig. 04- Professora de 1º ano



Fig. 05- alunos de 1º ano



Fig. Professora de 06- 3º ano



Fig. 07 - alunos de 3º ano



Fig. 08 – Professora de 2º ano



Fig. 09 Alunos de 2º ano

Anexo IV - Guião das entrevistas

Guião das entrevistas

Guião de entrevista aplicado ao entrevistado – **A**

Tema em estudo. Fatores condicionantes do Insucesso e Abandono escolar no 1º e 2º ciclo na escola pública do ensino básico unificado de Safim Sede.

Blocos	Objetivos	Perguntas	Observações
Legitimação da entrevista	<p>Identificar o entrevistador e informar o objetivo de estudo</p> <p>Identificar a instituição.</p> <p>Identificar e legitimar o estudo.</p> <p>Garantir a confidencialidade das respostas</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista</p> <p>Agradecer</p>	<p>Chamo-me Augusto Cudon N'Cuga, encontro-me aqui enquanto estudante da Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico de Santarém, curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. O nosso objetivo é para fazer um levantamento de dados sobre insucesso escolar na escola publica do ensino básico de Safim -Sede, as medidas e a vossa visão face a essa problemática. Pelo que, gostávamos de entrevistá-lo sobre a sua visão em relação a esta problemática. Gostaríamos de garantir que, as suas respostas confidenciais. Também gostaríamos de obter da sua parte, a autorização de registo da entrevista em gravação áudio.</p>	

		<p>Muito obrigado pela sua colaboração!</p>	
	<p>Identificar os principais fatores que insucesso escolar</p> <p>Caraterizar as medidas adotadas para fazer face a esta problemática.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- Uma vez ouviu-se falar do insucesso escolar? 2- O que é o insucesso escolar para si? 3- No seu ponto de vista, quais são os fatores principais e causas deste fenómeno na sua instituição? 4- Que fatores poderiam ter contribuído para evitar este fenómeno? 5- Quais as consequências para uma criança que teve insucesso escolar? 	

	<p>Compreender causas e consequências de insucesso escolar para comunidade.</p> <p>Conhecer a relação existente entre a direção da escola e a comunidade.</p> <p>Identificar a faixa etária e o sexo com maior problema de insucesso escolar.</p> <p>Compreender a comparação entre o sistema colonial e pós-colonial</p> <p>Compreender qual tem sido a o envolvimento dos pais na educação dos seus filhos.</p>	<p>6- Em que faixa etária e sexo é que mais predomina esse flagelo?</p> <p>7- Quantas crianças há que não têm a escolaridade mínima obrigatória?</p> <p>8- Qual a media de crianças que desistem por ano?</p> <p>9- A sua instituição desenvolve alguma medida para atenuar essa problemática?</p> <p>10-Pode-me descrever as causas de insucesso escolar na instituição?</p> <p>11-Quais são as consequências deste fenómeno para essa comunidade?</p> <p>12-Que relação existe entre a sua instituição com a comunidade de Safim?</p> <p>13-Em que faixa etária e o sexo é que esse fenómeno é mais notório? Porquê?</p> <p>14-Quais as consequências desta problemática para vida futura dessas crianças?</p>	
--	---	--	--

	<p>Caraterizar o entrevistado</p>	<p>15-Que pedido gostava de deixar junto da autoridade em particular o ministério da educação nacional para minimizar com essa prática.</p> <p>16-Podia-me fazer uma comparação entre o sistema colonial e pós-colonial?</p> <p>17-Na qualidade de diretor, como avalia o envolvimento dos pais na educação dos seus filhos?</p> <p>18-Acha que é suficiente?</p>	
--	-----------------------------------	---	--

		<p>19-É notório a presença dos pais e encarregados de educação nas vossas reuniões trimestrais?</p> <p>20-Qual é a sua idade?</p> <p>21-Que função desempenha nesta instituição?</p>	
--	--	--	--

Guião das entrevistas

Guião de entrevista aplicada ao entrevistado - **B**

Tema em estudo. Fatores condicionantes do Insucesso e Abandono escolar no 1º e 2º ciclo na escola pública do ensino básico unificado de Safim Sede.

Blocos	Objetivos	Perguntas	Observações
Legitimação da entrevista	<p>Identificar o entrevistador e informar o objetivo de estudo</p> <p>Identificar a instituição identificar e legitimar o estudo.</p> <p>Garantir a confidencialidade das respostas</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista</p> <p>agradecer.</p>	<p>Chamo-me Augusto Cudon N’Cuga, encontro-me aqui enquanto estudante da Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico de Santarém, curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. O nosso objetivo é para fazer um levantamento de dados sobre insucesso escolar na escola publica do ensino básico de Safim-Sede, as medidas e a vossa visão face a essa problemática.</p> <p>Pelo que, gostávamos de entrevistá-lo sobre a sua visão em relação a esta problemática. Gostaríamos de garantir que, as suas respostas confidenciais. Também gostaríamos de obter da sua parte, a autorização de registo da entrevista em gravação áudio.</p> <p>Muito obrigado pela sua colaboração!</p>	

	<p>Definir o insucesso escolar</p> <p>Identificar os principais fatores que insucesso escolar no ensino básico</p> <p>Compreender a sua visão sobre as causas e consequências de insucesso escolar</p> <p>Descrever a relação entre a escola e família</p>	<p>22-O que entende por insucesso escolar?</p> <p>23-Que diferença existe entre insucesso escolar e abandono escolar?</p> <p>24-Quais são os principais fatores de insucesso escolar na escola do ensino básico de Safim?</p> <p>25-Como trabalhar para minimizar este flagelo?</p> <p>26-Acha que os fundos disponibilizados pelo estado são suficientes para evitar insucesso escolar?</p> <p>27-O que é necessário fazer para atenuar essa problemática?</p> <p>28-O senhor acha que, o insucesso escolar pode trazer algumas consequências para essa comunidade? Quais são?</p> <p>29-No seu ponto de vista, quais as causas principais deste flagelo?</p> <p>30-Até que ponto se sente preocupado com essa problemática?</p> <p>31-Enquanto técnico de educação, que descrição</p>	
--	--	---	--

	<p>Compreender a diferença entre o sistema colonial e pós-colonial</p> <p>Caraterizar socio demograficamente o entrevistado</p>	<p>podia-me fazer sobre a relação existente entre a família e a escola?</p> <p>32-O envolvimento da família no processo educativo das crianças é muito fundamental. Porquê?</p> <p>33-Que diferença existe entre o sistema colonial e pós-colonial?</p> <p>34- Por favor, pode-me dizer a sua idade e função?</p>	
--	---	---	--

Guião das entrevistas

Guião de entrevista aplicado ao entrevistado – **C**

Tema em estudo. Fatores condicionantes do Insucesso escolar e Abandono escolar no 1º e 2º ciclo na escola publica do ensino básico unificado de Safim Sede.

Blocos	Objetivos	Perguntas	Observações
--------	-----------	-----------	-------------

<p>Legitimação de entrevista</p>	<p>Identificar o entrevistador e informar o objetivo de estudo</p> <p>Identificar a instituição</p> <p>Identificar e legitimar o estudo.</p> <p>Garantir a confidencialidade das respostas</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista</p> <p>Agradecer</p>	<p>Chamo-me Augusto Cudon N'Cuga, encontro-me aqui enquanto estudante da Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico de Santarém, curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. O nosso objetivo é para fazer um levantamento de dados sobre insucesso escolar na escola publica do ensino básico de Safim-Sede, as medidas e a vossa visão face a essa problemática.</p> <p>Pelo que, gostávamos de entrevistá-lo sobre a sua visão em relação a esta problemática.</p> <p>Gostaríamos de garantir que, as suas respostas confidenciais.</p> <p>Também gostaríamos de obter da sua parte, a autorização de registo da entrevista em gravação áudio.</p> <p>Muito obrigado pela sua colaboração!</p>	
	<p>Identificar os principais fatores e causas de insucesso escolar na escola objeto do nosso estudo.</p>	<p>35-Alguma vez ouviu falar da escola?</p> <p>36-O que ela significa para si?</p> <p>37-Que importância ela pode trazer para o seu filho?</p> <p>38-Na sua opinião, quais são os fatores que influenciam o insucesso escolar na tua zona onde fica a escola?</p>	

		<p>39-Enquanto representante dos pais e encarregados de</p>	
	<p>Compreender a relação entre a direção da escola com as famílias.</p>	<p>educação, alguma vez, procurou inteirar a razão de insucesso escolar de uma criança?</p> <p>40-Enquanto pai da criança que estuda nessa escola, o que deve ser feito junto da comunidade para minimizar essa prática?</p> <p>41-É fundamental para si que o seu filho vá á escola?</p> <p>42-Quais são as causas principais que motivou a desistência do seu educando?</p> <p>43-Como encara essa desistência?</p> <p>44-Na qualidade de pai e encarregado de educação, qual é a sua relação com a direção da escola do seu filho?</p>	

	<p>Compreender o envolvimento dos pais na educação dos seus filhos.</p> <p>Caraterizar socio demograficamente o entrevistado</p>	<p>45-Quantas vezes participou na reunião da escola do seu filho? Como avalia-as?</p> <p>46-O que a escola deve fazer para garantir o sucesso escolar das crianças?</p> <p>47-Será acompanhada sempre o percurso escolar do teu filho? Como?</p> <p>48-A quanto tempo é que o seu filho deixou de estudar?</p> <p>49-Por favor, pode-me dizer a sua idade, profissão e o nível da escolaridade?</p>	
--	--	---	--

Guião das entrevistas

Guião das entrevistas

Guião de entrevista aplicado ao entrevistado – **D**

Tema em estudo. Fatores condicionantes do Insucesso e Abandono escolar no 1º e 2º ciclo na escola pública do ensino básico unificado de Safim Sede.

Blocos	Objetivos	Perguntas	Observações
Legitimação de entrevista	<p>Identificar o entrevistador e informar o objetivo de estudo.</p> <p>Identificar a instituição. Identificar e legitimar o estudo.</p> <p>Garantir a confidencialidade das respostas.</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista.</p> <p>Agradecer.</p>	<p>Chamo-me Augusto Cudon N'Cuga, encontro-me aqui enquanto estudante da Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico de Santarém, curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. O nosso objetivo é para fazer um levantamento de dados sobre insucesso escolar na escola publica do ensino básico de Safim-Sede, as medidas e a vossa visão face a essa problemática.</p>	

	<p>Identificar os principais fatores, de insucesso escolar.</p> <p>Relatar as medidas necessárias para atenuar essa problemática</p>	<p>50-Enquanto professor, o que está na origem de insucesso escolar nesta escola?</p> <p>51-Como encara essa problemática?</p> <p>52-A sua escola desenvolve algumas medidas para resolver esta problemática?</p> <p>53-Quais são?</p> <p>54-Na qualidade de professor afeto a esta instituição, o que acha que a escola deve para minimizar esse fenómeno?</p> <p>55-Como considera o papel dos pais e encarregados de educação no acompanhamento dos seus educandos?</p> <p>56-Que métodos seriam necessários para evitar essa problemática?</p> <p>57-Que impactos essa problemática apresenta</p>	
--	--	---	--

	<p>Solicitar a idade, nível de escolaridade e atividade profissional.</p>	<p>para o sistema educativo nacional?</p> <p>58- Qual é a sua idade?</p> <p>59- Pode-me dizer o seu nível da escolaridade?</p> <p>60- Qual é a sua profissão?</p>	
--	---	---	--

Guião das entrevistas

Guião de entrevista aplicado ao entrevistado – E

Tema em estudo. Fatores condicionantes do Insucesso e Abandono escolar no 1º e 2º ciclo na escola pública do ensino básico unificado de Safim Sede.

Blocos	Objetivos	Perguntas	Observações
Legitimação de entrevista	<p>Identificar o entrevistador e informar o objetivo de estudo</p> <p>Identificar a instituição identificar e legitimar o estudo.</p> <p>Garantir a confidencialidade das respostas</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista agradecer.</p>	<p>Chamo-me Augusto Cudon N’Cuga, encontro-me aqui enquanto estudante da Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico de Santarém, curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. O nosso objetivo é para fazer um levantamento de dados sobre insucesso escolar na escola publica do ensino básico de Safim-Sede, as medidas e a vossa visão face a essa problemática.</p> <p>Pelo que, gostávamos de entrevistá-lo sobre a sua visão em relação a esta problemática. Gostaríamos de garantir que, as suas respostas confidenciais. Também gostaríamos de obter da sua parte, a autorização de registo da entrevista em gravação áudio.</p> <p>Muito obrigado pela sua colaboração!</p>	

	<p>Identificar os principais fatores, de insucesso escolar.</p>	<p>61- O que está na origem da sua reprovação?</p>	
	<p>Descrever as dificuldades que atravessa para chegar a escola.</p> <p>Solicitar a idade</p>	<p>62- Acha que a sua reprovação tem a ver com o método usado pelo seu professor?</p> <p>63- Quais são as principais dificuldades que depara para chegar a escola?</p> <p>64- Quantos quilómetros percorre para chegar a escola?</p> <p>65- Acha que esta distância pode estar na origem da sua reprovação?</p> <p>66- Que idade tem?</p> <p>67- Tem quantos irmãos?</p> <p>68- Todos vivem com os pais?</p>	

Guião das entrevistas

Guião de entrevista aplicado ao entrevistado – **F**

Tema em estudo. Fatores condicionantes do Insucesso e Abandono escolar no 1º e 2º ciclo na escola pública do ensino básico unificado de Safim Sede.

Blocos	Objetivos	Perguntas	Observações
Legitimação de entrevista	<p>Identificar o entrevistador e informar o objetivo de estudo.</p> <p>Identificar a instituição. Identificar e legitimar o estudo.</p> <p>Garantir a confidencialidade das respostas.</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista.</p> <p>Agradecer.</p>	<p>Chamo-me Augusto Cudon N’Cuga, encontro-me aqui enquanto estudante da Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico de Santarém, curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. O nosso objetivo é para fazer um levantamento de dados sobre insucesso escolar na escola pública do ensino básico de Safim-Sede, as medidas e a vossa visão face a essa problemática.</p> <p>Pelo que, gostávamos de entrevistá-lo sobre a sua visão em relação a esta problemática.</p>	
		<p>Gostaríamos de garantir que, as suas respostas confidenciais.</p> <p>Também gostaríamos de obter da sua parte, a autorização de registo da entrevista em gravação áudio.</p>	

		<p>Muito obrigado pela sua colaboração!</p>	
	<p>Identificar os fatores de abandono e insucesso escolar.</p> <p>Descrever condições de estudos e da idade.</p>	<p>69-Quais são os fatores que estão na origem do seu abandono escolar?</p> <p>70-Acha que o método usado pelo seu professor é que está na origem do seu abandono escolar? Porquê?</p> <p>71-Acha que a distância percorrida diariamente poderá estar na origem da sua desistência?</p> <p>72-Tenciona voltar outra vez á escola para continuar os seus estudos?</p> <p>73-Tem materiais escolares?</p> <p>74-Tem iluminação em casa?</p> <p>75-Que idade tem?</p> <p>76-Tem quantos irmãos em casa?</p> <p>77-Todos vivem com os pais?</p>	

Guião das entrevistas

Guião de entrevista aplicado ao entrevistado – **G**

Tema em estudo. Fatores condicionantes do Insucesso e Abandono escolar no 1º e 2º ciclo na escola pública do ensino básico unificado de Safim Sede.

Blocos	Objetivos	Perguntas	Observações
	<p>Identificar o entrevistador e informar o objetivo de estudo.</p> <p>Identificar a instituição.</p> <p>Identificar e legitimar o estudo.</p> <p>Garantir a confidencialidade das respostas.</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista.</p> <p>Agradecer.</p>	<p>Chamo-me Augusto Cudon N’Cuga, encontro-me aqui enquanto estudante da Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico de Santarém, curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. O nosso objetivo é para fazer um levantamento de dados sobre insucesso escolar na escola publica do ensino básico de Safim-Sede, as medidas e a vossa visão face a essa problemática. Pelo que, gostávamos de entrevistá-lo sobre a sua visão em relação a esta problemática. Gostaríamos de garantir que, as suas respostas confidenciais. Também gostaríamos de obter da sua parte, a autorização de registo da entrevista em gravação áudio.</p> <p>Muito obrigado pela sua colaboração!</p>	

	<p>Identificar os principais fatores de insucesso escolar e as medidas em curso para minimizar essa problemática.</p>	<p>78-Pode-me identificar os fatores de insucesso escolar na escola do ensino básico de Safim?</p> <p>79-Acha que a colheita de castanha de caju pode contribuir no insucesso das crianças daquela escola?</p> <p>80-O que acharia importante para manter as crianças na sala de aula durante o período de colheita de castanha de caju?</p> <p>81-Como a vossa excelência lida com essa problemática?</p>	
	<p>Caraterizar o entrevistado socio-demograficamente.</p>	<p>82-A sua instituição desenvolve algumas medidas para erradicar esse fenómeno?</p> <p>83-Por favor, pode-me dizer a sua idade?</p> <p>84-Qual é o seu nível de escolaridade?</p> <p>85-Qual é a sua profissão?</p>	

Guião das entrevistas

Guião de entrevista aplicado ao entrevistado – **H**

Tema em estudo. Fatores condicionantes do Insucesso e Abandono escolar no 1º e 2º ciclo na escola pública do ensino básico unificado de Safim Sede.

Blocos	Objetivos	Perguntas	Observações
	<p>Identificar o entrevistador e informar o objetivo de estudo.</p> <p>Identificar a instituição.</p> <p>Identificar e legitimar o estudo.</p> <p>Garantir a confidencialidade das respostas.</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista.</p> <p>Agradecer.</p>	<p>Chamo-me Augusto Cudon N'Cuga, encontro-me aqui enquanto estudante da Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico de Santarém, curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. O nosso objetivo é para fazer um levantamento de dados sobre insucesso escolar na escola publica do ensino básico de Safim-Sede, as medidas e a vossa visão face a essa problemática. Pelo que, gostávamos de entrevistá-lo sobre a sua visão em relação a esta problemática. Gostaríamos de garantir que, as suas respostas confidenciais. Também gostaríamos de obter da sua parte, a autorização de registo da entrevista em gravação áudio.</p> <p>Muito obrigado pela sua colaboração!</p>	

	<p>Identificar os principais fatores de insucesso escolar e as medidas em curso para minimizar essa problemática.</p>	<p>82-Pode-me identificar os fatores de insucesso escolar na escola do ensino básico de Safim?</p> <p>83-Acha que a colheita de castanha de caju pode contribuir no insucesso das crianças daquela escola?</p> <p>84-O que acharia importante para manter as crianças na sala de aula durante o período de colheita de castanha de caju?</p> <p>85-Como a vossa excelência lida com essa problemática?</p>	
	<p>Caraterizar o entrevistado socio-demograficamente.</p>	<p>86-A sua instituição desenvolve algumas medidas para erradicar esse fenómeno?</p> <p>87-Por favor, pode-me dizer a sua idade?</p> <p>88-Qual é o seu nível de escolaridade?</p> <p>89-Qual é a sua profissão?</p> <p>90-Que solução possível para erradicar este fenómeno?</p>	

